



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

BRUNA LAVANDOSK MENDRONI

**O AMOR EM CARTAZ:  
UM ROTEIRO SOBRE A GORDOFOBIA DOS FILMES E AS  
AFETAÇÕES NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS  
VIVIDOS POR MULHERES GORDAS**

---

Londrina  
2025

BRUNA LAVANDOSK MENDRONI

**O AMOR EM CARTAZ:  
UM ROTEIRO SOBRE A GORDOFOBIA DOS FILMES E AS  
AFETAÇÕES NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS  
VIVIDOS POR MULHERES GORDAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha II – Psicologia Social e Processos Institucionais.

Orientador: Prof. Dr. Flávia Fernandes de Carvalhaes

Londrina  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M539o Mendroni, Bruna Lavandosk.

O Amor em Cartaz : Um roteiro sobre a gordofobia dos filmes e as afetações nos relacionamentos amorosos vividos por mulheres gordas / Bruna Lavandosk Mendroni. - Londrina, 2025.

170 f. : il.

Orientador: Flávias Fernandes Carvalhaes.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2025. Inclui bibliografia.

1. Gordofobia - Tese. 2. Mulheres - Tese. 3. Cinema - Tese. 4. Amor Romântico - Tese. I. Carvalhaes, Flávias Fernandes. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

BRUNA LAVANDOSK MENDRONI

**O AMOR EM CARTAZ:  
UM ROTEIRO SOBRE A GORDOFOBIA DOS FILMES E AS  
AFETAÇÕES NOS RELACIONAMENTOS AMOROSOS  
VIVIDOS POR MULHERES GORDAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 2: Psicologia Social e Processos Institucionais.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Flávia Fernandes  
Carvalhaes  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Eneida Silveira Santiago  
Componente da Banca do PPGPSI  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Maria Luisa Jimenez-Jimenez  
Componente da Banca Externo  
Universidade Estadual de Londrina (PPGCOM -  
UEL)

Londrina, 25 de fevereiro de 2025.

Com admiração e carinho, dedico esta dissertação à todas as mulheres que vieram antes de mim, que trilharam seus caminhos, para que um dia fosse possível minha escrita – especialmente à minha mãe, que quando em vida, me amou e me cuidou de maneira transformadora. E se hoje luto pelo amor, é porque por primeiro ela me mostrou sobre o que ele poderia ser.

## AGRADECIMENTOS

Ao me propor a redigir os agradecimentos, me deparei com o desejo de escrever cartas e cartas, para todo aqueles que perpassaram, mesmo que brevemente, pelo meu processo de dissertar. Minha orientadora costuma dizer que a pesquisa não se faz sozinha – e quanto mais nos permitimos construir pelos encontros, mais a ciência se beneficia. Ou seja, se me proponho a dissertar a partir do afeto, como agradecer a tudo e a todos que tiverem uma parte sua bordando este trabalho junto comigo? Me parece impossível, pelo menos em tão poucas páginas. Sendo assim, vou me restringir à nomear aqueles que permaneceram por maior tempo, mesmo que eu seja eternamente grata por todos os encontros.

À minha orientadora e amiga Flávia, sinto que agradecimentos não são suficientes. Acho que nunca serei capaz de colocar em palavras a eterna gratidão e o imenso carinho que tenho por ela. Em momentos de dificuldade, ela fez questão de ser acolhimento. Em momentos de felicidade, ela fez questão de ser a primeira a me aplaudir. Se hoje meu vôo é possível, é porque ela sempre me viu como “passarinha”.

À minha dupla de mestrado, Isadora, que dividiu todos os momentos possíveis comigo – as aulas, as orientações, os grupos de estudo, as comemorações, as dificuldades e as risadas. Por fazermos questão de estarmos sempre juntas, me senti pertencente. Obrigada por ser uma das pessoas que mais acreditou no poder dessa dissertação – em momentos, até mais que eu mesma. Passei a acreditar mais em mim depois de ter te conhecido.

À minha família, que sempre me incentivou ao estudo – mesmo em meio à tantas dificuldades. Que sempre me acolheu, principalmente depois da partida de minha mãe. Pai, Vó, Tia, obrigada por serem figuras de certeza para mim. Primos, agradeço por fortalecerem a minha ideia de família – pois, sei que mesmo longe, posso contar com cada um de vocês. Em especial, faço questão de agradecer ao meu irmão, que compartilha comigo as dores que a

vida nos entregou, mas que também compartilha comigo a beleza dela. Pelas nossas risadas, e pela certeza de sempre termos um ao outro, enfrento as dificuldades com mais coragem.

Não posso deixar de agradecer às maravilhosas amigadas que tenho o privilégio de ter comigo hoje. Todas elas, à sua intensidade e maneira, me ensinaram sobre o amor, e sobre suas diversas faces. Obrigada por fazerem questão de mim, questão de contribuir para o meu crescimento, e questão de me lembrar sobre todas as minhas potências. Em especial, aos meus amigos de bares, às minhas amigas de viagem, às minhas amigas e amigos de vida – por também ser amada por vocês, sou capaz de existir me amando.

Agradeço também, por mais incomum que pareça, aos meus artistas preferidos. Principalmente aos cantores que me fizeram tanta companhia, quando a pesquisa exigia solidão. Através da arte de cada um deles, me emocionei, me fortaleci e me senti compreendida muitas vezes, ao longo desses dois anos de escrita-pesquisa.

E por falar em pesquisa, faço questão de prestar meus agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEL, a todos os meus colegas de linha, aos talentosos professores que nos acompanharam ao longo desses dois anos – principalmente minha banca Malu e Eneida pelo imenso carinho e contribuições. Ao entretons, e à CAPES, por me proporcionar recursos fundamentais para a continuidade dessa dissertação através da bolsa, fazendo possível o desenvolvimento de pesquisas e fortalecendo a ciência brasileira.

Agradeço profundamente a todas as participantes das rodas de conversa, por compartilharem comigo histórias inspiradoras, e confiarem na potência dessa pesquisa. Sou grata também por todas as mulheres gordas que tive oportunidade de conhecer – virtualmente ou não, pois a partir delas essa pesquisa tornou-se possível. Agradeço e dedico à elas toda a dissertação. Por fim, meu último agradecimento vai ao meu corpo, que me permitiu tantas coisas ao longo desse processo – com ele, pude sentir, resistir, questionar, ressignificar e existir nessa pesquisa. Obrigada por sempre **me permitir**, e não me limitar.

*Eu escrevo como se fosse para salvar a vida de  
alguém. Provavelmente a minha própria vida.*

(Clarice Lispector, 1999, p. 13)

Mendroni, B. L. (2025). *O amor em cartaz: Um roteiro sobre a gordofobia dos filmes e as afetações nos relacionamentos amorosos vividos por mulheres gordas*. 170 páginas. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

## RESUMO

Contextos históricos e sociais modernos estruturam noções normativas de corpo e gordofobia, que implicam em efeitos diversos na população. Esta pesquisa de mestrado problematiza impactos psicossociais de representações midiáticas do corpo gordo nas relações amorosas de mulheres gordas na atualidade. Analisa-se também vivências que marcaram a trajetória da autora como mulher e pesquisadora gorda. A partir do viés qualitativo e do percurso metodológico da cartografia sentimental, foram realizadas rodas de conversas com mulheres gordas acerca de dois filmes do circuito *mainstream*, a saber: “O amor é cego” (2001) e “Sierra Burgess é uma *loser*” (2018). Esta dissertação está dividida em quatro capítulos, nomeados como episódios. Inicialmente, são apresentados os itinerários traçados para essa dissertação. Em seguida, é retomado o debate sobre a gordofobia em interface com a normatividade do corpo, situando como o (cis)tema de sexo-gênero opera na delimitação de noções normativas de amor romântico, bem como de corpos gordos no campo da abjeção. No episódio seguinte, problematiza-se modos como noções de corpos e gênero se articulam como produção também tecnológicas. Para tanto, a mídia, mais especificamente o cinema, é situada como tecnologias de gênero, ressaltando também o amor romântico como produção (moderna) social e tecnológica. No último episódio são analisados trechos dos diálogos realizados com mulheres gordas sobre os filmes selecionados. Conclui-se que os discursos gordofóbicos dos filmes românticos *mainstream*, fazem com que esses funcionem como tecnologias de gênero, contribuindo para uma noção normativa e disciplinadora do amor, posicionando mulheres gordas à margem, e por vezes fora do campo amoroso. A arte e o ativismo gordo foram surpresas encontradas em meio ao processo de cartografar, e se mostraram ferramentas potentes, que auxiliam mulheres gordas na produção de resistências.

**Palavras chaves:** Gordofobia; Mulheres; Tecnologia de Gênero; Cinema; Amor Romântico.

Mendroni, B. L. (2025). *Love in theaters: A script about gordophobia in movies and the affectations in love relationships experienced by fat women*. 170 sheets. (Masters Dissertation in Psychology). State University of Londrina, Londrina.

## ABSTRACT

Historical and social contexts structure normative notions of body and fatphobia, which imply different effects on the population. This master's research problematizes the psychosocial impacts of media representations of the fat body on the love relationships of fat women today. It also analyzes experiences that marked the author's trajectory as a fat woman and researcher. From the qualitative perspective and the methodological path of sentimental cartography, conversations were held with fat women about two films from the mainstream circuit, namely: "Shallow Hal" (2001) and "Sierra Burgess is a loser" (2018). This dissertation in progress is divided into four chapters, named as episodes. Initially, the itineraries outlined for this dissertation are presented. Then, the debate on fatphobia in interface with the normativity of the body is resumed, situating how the (cis)theme of sex-gender operates in the delimitation of normative notions of romantic love, as well as fat bodies in the field of abjection. In the following episode, how notions of bodies and gender are articulated as technological production are problematized. For that, the media, more specifically cinema, is situated as gender technologies, also highlighting romantic love as a (modern) social and technological production. In the last episode, under construction, excerpts from dialogues with fat women about the selected films are analyzed. It is concluded that the fatphobic discourses of mainstream romantic films make them function as gender technologies, contributing to a normative and disciplinary notion of love, positioning fat women on the margins, and sometimes outside the field of love. Art and fat activism were surprises found in the mapping process, and proved to be powerful tools that help fat women in producing resistance.

**Keywords:** Fatphobia. Women. Gender Technology. Cinema. Romantic Love.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Captura de tela de postagem feito no X, foto da vitrine de uma farmácia	44
<b>Figura 2</b> – Captura de tela de postagem feito no X.	45
<b>Figura 3</b> – Captura de tela de postagem feito no X, <i>ozempic</i> guardado na capa do celular	45
<b>Figura 4</b> – Captura de tela de comentário postado no <i>Letterboxd</i> ( <i>Are you there God? It's me, Margaret</i> )	75
<b>Figura 5</b> – Captura de tela de comentário postado no <i>Letterboxd</i> ( <i>Jogos Vorazes</i> )	76
<b>Figura 6</b> – Captura de tela de comentário postado no <i>Letterboxd</i> ( <i>Soul</i> )	76
<b>Figura 7</b> – Captura de tela de comentário postado em vídeo público	81
<b>Figura 8</b> – Captura de tela de comentário postado em vídeo público	81
<b>Figura 9</b> – Captura de tela de comentário postado em vídeo público	94
<b>Figura 10</b> – Grupo de amigas dançando no filme “O amor é cego”	103
<b>Figura 11</b> – Criança vítima de queimadas no filme “O amor é Cego”	104
<b>Figura 12</b> – Mulher trans no filme “O amor é cego”	104
<b>Figura 13</b> – Sierra, Veronica e Jamey no filme “Sierra Burgess é uma loser”	106
<b>Figura 14</b> – Captura de tela de postagem feito no X.	109
<b>Figura 15</b> – QrCode com link para acessar documento produzido pela autora.	150

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMC	Índice de Massa Corporal
NAAFA	Associação Nacional para o Avanço da Aceitação da Gordura e de Pessoas Gordas
OMS	Organização Mundial da Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEL	Universidade Estadual de Londrina

# SUMÁRIO

<b>TRAILER: A sessão já vai começar!</b> .....	<b>15</b>
<b>1</b>	
<b>EPISÓDIO 1: Percurso (Anti)Metodológico – Ficcionalizando caminhos possíveis para a pesquisa.....</b>	<b>23</b>
<b>2</b>	
<b>EPISÓDIO 2 – Pode a pessoa gorda falar? A gordofobia como controle social, uma história ainda não contada.....</b>	<b>32</b>
<b>2.1</b>	
<b>CENA 2.1 – O CORPO NA PERSPECTIVA MEDIEVAL E MODERNA: DA NEGAÇÃO DO PECADO À EXALTAÇÃO DA RAZÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>2.2</b>	
<b>CENA 2.2 – UM VELHO NOVO INIMIGO: O CAPITALISMO COMO SISTEMA DISCIPLINAR E NORMATIVO DE CORPO.....</b>	<b>40</b>
<b>2.3</b>	
<b>CENA 2.3 – CORPOS DISSIDENTES: MULHERES GORDAS COMO AS OUTRAS....</b>	<b>47</b>
<b>3</b>	
<b>EPISÓDIO 3 – A vida através de imagens: subjetividades e amores tecnológicos.....</b>	<b>64</b>
<b>3.1</b>	
<b>CENA 3.1 – SERES CONECTADOS – IMPACTOS DAS TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS NOS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA ATUALIDADE.....</b>	<b>66</b>
<b>3.2</b>	
<b>CENA 3.2 – O AMOR ESTÁ À VENDA? – CINEMA COMO TECNOLOGIA DE GÊNERO.....</b>	<b>74</b>

<b>4</b>	<b>EPISÓDIO 4 – Há espaço para felizes finais?.....</b>	<b>95</b>
4.1	CENA 4.1 – 1, 2, 3... AÇÃO! A NARRATIVA DO CORPO GORDO EM FILMES ROMÂNTICOS <i>MAINSTREAM</i> .....	102
4.1.1	Primeira Roda: “O Amor É Cego” .....	102
4.1.2	Segunda Roda: “Sierra Burgess é uma loser” .....	105
4.1.3	O Que Mulheres Gordas Têm A Dizer Sobre O Protagonismo Gordo? ...	107
4.2	CENA 4. – FICÇÃO OPOSTO DE REALIDADE? OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DE FILMES ROMÂNTICOS NA TRAJETÓRIA DE MULHERES GORDAS .....	113
4.3	CENA 4.3 – PRODUÇÕES DE (RE)EXISTÊNCIA.....	124
4.3.1	Modos Coletivos De (Re)Existência Entre Mulheres Gordas.....	129
4.3.2	A Mulher Gordas Pode Falar: Processos De Auto Nomeação E Autocuidado.....	134
4.3.3	Mesmo Diante Das Improbabilidades, Produzimos – Arte E Cultura Dissidente.....	142
	<b>FICCIONALIZANDO PROVISÓRIOS FINAIS.....</b>	<b>151</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>156</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>163</b>
	APÊNDICE A – Formulário de Interesse.....	164
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	169

**TRAILER: A sessão já vai começar!**

“Fofinha”, “gordinha”, “cheinha”... tantos diminutivos para coisificar, amenizar, mascarar o enorme preconceito relacionado ao corpo da mulher gorda. Sim, gorda. Entender-me e denominar-me como mulher gorda não foi um processo fácil. Parece que, mesmo eu coexistindo com o meu corpo, só fui capaz de constituí-lo e nomeá-lo recentemente, a partir do momento que me permiti chamá-lo daquele termo inominável, a partir do momento que situei meu corpo como um corpo gordo.

Em vista de estabelecer o meu lugar como *pesquisadora pesquisada*, considero importante e potente declarar-me como mulher, cis, brasileira, branca e gorda. Situar o local de fala, diz sobre a importância desse posicionamento, pois como dissertou Jota Mombaça (2021), “se o conceito de lugar de fala se converte numa ferramenta de interrupção de vozes hegemônicas, é porque ele está operado em favor da possibilidade de emergências de vozes historicamente interrompidas” (pg. 76). Entendo meu lugar de privilégio como pessoa cis e branca, e compreendo também que a intersecção mulher gorda em mim ocupa um local de interrupção.

Logo, este processo de me reconhecer como mulher gorda me convoca a questionamentos sobre modos como perspectivas normativas de corporalidade operam na vida em sociedade para demarcar meu corpo como inviável, ininteligível, desviante. Na tentativa de desenhar pistas para nomear essas inquietações, bem como para problematizar a gordofobia em uma perspectiva estrutural (Jimenez-Jimenez, 2020), a interlocução com um programa de mestrado em psicologia social me pareceu interessante.

Assim, debato nesta pesquisa a gordofobia presente nas representações midiáticas do corpo gordo, e as afetações psicossociais dessas nas relações amorosas de mulheres gordas na atualidade. Para tanto, considero, mais especificamente, o cinema nesta investigação, sendo

este situado a partir do debate com a autora Teresa de Lauretis (1994) como uma tecnologia de gênero, ou seja, como aparato que produz noções tradicionais e dissidentes de masculinidades e feminilidades. Este debate ganhará maior densidade no capítulo 2 dessa dissertação.

A urgência em dizer sobre a intersecção entre tecnologias midiáticas, amor romântico e afetividade em mulheres gordas surgiu a partir de observações e vivências cotidianas, por experiências pessoais, no consumo da mídia e de exposições constantes a relatos que circulam na *internet* sobre dificuldades enfrentadas nos relacionamentos afetivos e conjugais, narradas por mulheres gordas. Um exemplo são os vídeos publicados<sup>1</sup> por usuárias (mulheres gordas) da plataforma *TikTok*, onde narram, nunca terem estado em um relacionamento, nunca se sentirem desejadas por outros caras, entre tantas outras inseguranças geradas na experiência de terem um corpo maior (do que o normativo). Ainda na plataforma *TikTok*, me chama a atenção o ataque constante que mulheres gordas sofrem, não importa o tipo de conteúdo que postem. Além das mídias sociais de imagem, é possível também citar um filme chamado “*The Duff: Designated ugly fat friend*” (2015, direção de Ari Sandel) – que, em tradução, se aproxima à “a amiga feia e gorda que é designada”. A premissa do filme é que em todo grupo de amigas existe uma “mais acessível”, que é com quem os garotos conversam para conseguir ficar com uma de suas outras amigas mais “bonitas”. São tantos exemplos do cotidiano que até me falha a memória, visto a frequência com que eles ocorrem, pois esse fenômeno está constituído e presente na estrutura em que vivemos, assim como também em minha trajetória.

É importante pontuar que, muito antes dessa pesquisa ser possível, ela já existia e

---

<sup>1</sup> Creio ser importante deixar alguns links de exemplo, para as leitoras que se interessarem por acessá-los (Vídeo 1: [https://www.tiktok.com/@charlottesmorabito/video/7283243639176826143?\\_r=1&\\_t=8qp4nkaP1rp](https://www.tiktok.com/@charlottesmorabito/video/7283243639176826143?_r=1&_t=8qp4nkaP1rp); Vídeo 2: [https://www.tiktok.com/@marinatruzzii/video/7181904503153675525?\\_r=1&\\_t=8qp5bms8WZh](https://www.tiktok.com/@marinatruzzii/video/7181904503153675525?_r=1&_t=8qp5bms8WZh); Vídeo 3: [https://www.tiktok.com/@mindfulauds/video/7155477262547078443?\\_r=1&\\_t=8qp5qfg7gu6](https://www.tiktok.com/@mindfulauds/video/7155477262547078443?_r=1&_t=8qp5qfg7gu6); Vídeo 4: [https://www.tiktok.com/@ebony\\_matheson/video/7078633397526039810?\\_r=1&\\_t=8qp6EMraESL](https://www.tiktok.com/@ebony_matheson/video/7078633397526039810?_r=1&_t=8qp6EMraESL); Vídeo 5: [https://www.tiktok.com/@kesialimadaily/video/7328441202829790469?\\_r=1&\\_t=8qp7KFgYcTt](https://www.tiktok.com/@kesialimadaily/video/7328441202829790469?_r=1&_t=8qp7KFgYcTt))

circulava em mim. Sempre fui uma menina/mulher gorda. Na infância, no colégio, no ensino médio, na faculdade, nas reuniões familiares, nas amizades. E, em todos esses territórios subjetivos e sociais, fui direcionada<sup>2</sup> a questionar qual era o meu papel no mundo, onde eu ‘caberia’ – com não muitas opções, pois o mundo colonizado definitivamente não foi pensado para pessoas gordas, ou melhor, foi pensado exatamente para posicionar meu corpo como impossível.

chama vitimismo  
 vive de passadismo  
 prende em denunciismo  
 traz capataz pra reação  
 quem pensou que estase é  
 equilíbrio  
 nunca fez cordabambismo  
 se:  
 equivocou / na enterração

(poema baleias [vol. 17], tatiana nascimento, 2017, p. 58)

Sem muitas experiências no amor romântico, eu as vivi na ficção, no imaginário. Livros, séries, filmes ... todas as narrativas nas quais eu poderia vivenciar e explorar essa dimensão, mesmo que de modo ficcional, mesmo que em figuras/corpos que não eram o meu. Ou seja, ficcionalizar o amor romântico foi um modo de eu construir para mim um mundo possível.

Como exímia fã de romances, posso dizer que em minha infância e adolescência,

---

<sup>2</sup> Após me aprofundar nos estudos sobre corpo gordo e gordofobia, entendo hoje que fui obrigada a questionar sobre o meu lugar no mundo, sobre o que me era possível. Como diz Malu Jimenez-Jimenez (2020), o corpo gordo só existe pois primeiro existe a gordofobia. Ou seja, através do estigma colocado em mim, precisei entender quais eram as minhas possibilidades de existência

nenhuma das narrativas que eu consumia existiu protagonismo gordo, aliás, as/os personagens gordas/os eram posicionadas nesses cenários como o alívio cômico, a(o) melhor amiga(o) da(o) protagonista – isso quando uma personagem gorda/o era inserida/o na narrativa. Portanto, quando digo que essa pesquisa insistia em mim ao longo de uma vida, me refiro a uma experiência de estranhamento e não lugar que me habitou desde muito cedo.

A dissertação existia em mim como inquietação, como questionamento – gostaria de compreender a quem interessava a gordofobia presente nos filmes, e o porquê o corpo gordo não poderia (pode) ser desejado. Portanto, de início, o foco da minha escrita estava nas vivências afetivo-sexuais de mulheres gordas, das suas experiências, ou ausência dessas, com os relacionamentos denominados de namoros, que envolvessem atração e desejo para além do afeto. Conforme a pesquisa foi nascendo em mim, esta me convidou, também, a outros caminhos... Precisei diferenciar, primeiro para mim mesma, a ideia de amor romântico e a ação amor. Esse processo aconteceu em muitos níveis, e sinto que essa dissertação também é resultado da minha busca por conhecer e ressignificar a noção de amor.

Comecei essa jornada desejando vivenciar o amor romântico que tinham me apresentado nos filmes, ansiava por uma ideia normativa de carinho, esperava que este fosse acessível as mulheres gordas. Hoje, após o mergulho nesta pesquisa, entendo também o amor romântico como dispositivo de controle e opressão de gênero, como estratégia disciplinar e como ferramenta de lucro do capitalismo. Em contrapartida, em aliança à bell hooks<sup>3</sup> (2021), pude fabular uma nova ideia do amor, e o situo como um afeto dissidente, que, ao contrário do amor romântico, contempla subjetividades e relações múltiplas. Sendo assim, entendi que essa dissertação diz sobre afeições e relacionamentos múltiplos. Trago essa discussão com maior aprofundamento nos episódios 3 e 4.

---

<sup>3</sup> O uso de letras minúsculas para escrever o nome da autora bell hooks não é uma ação isolada e sem contexto. É um desejo da própria autora que se adote essa prática. Além do nome ser criado em homenagem à sua avó, o emprego das letras minúsculas diz sobre uma posição política em meio a comunidade acadêmica, pois segundo bell hooks, o desejo é que suas produções se destaquem e tenham enfoque, não o seu nome.

Contextualizando então o tema, podemos dizer que a cultura ocidental é marcada pela racionalidade do patriarcado e pela valorização do homem sobre a mulher. Herança de uma lógica grega que demarca uma perspectiva de inferioridade das mulheres em relação aos homens, sendo este considerado cidadão e participante da democracia que rege a “pólis”. (Nogueira, 2001). Nesta investigação, contudo, me interessa problematizar modos como a perspectiva do patriarcado se atualiza na modernidade, a partir da emergência do pensamento científico, definindo noções binárias e biologizantes que “justificam” diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, a partir de leituras hormonais e anatômicas (Foucault, 1988).

Nesta perspectiva, homens e mulheres são agenciados e reduzidos a noções duais e normativas de sexualidade e gênero, sendo o primeiro associado à virilidade, força, liderança, racionalidade e o segundo à delicadeza, cuidado, maternidade e emoção. Nesta matriz de inteligibilidade, modos de existência que embaralham esses imperativos, como, por exemplo, corpos transexuais, são necessariamente posicionados como desviantes, como abjetos. Tal modo de organização é denominado por Butler (2020) como sistema de sexo-gênero.

Nesta conjuntura, discursos médicos e midiáticos, em grande medida, se articulam em aliança ao sistema de sexo-gênero, reproduzindo perspectivas normativas e desviantes de masculinidade e feminilidade. A partir de argumentos biologizantes, frequentemente a mulher é convocada a reproduzir *performances* de mãe, cuidadora e esposa de um homem, sendo a experiência feminina restrita aos âmbitos afetivo, conjugais e reprodutivos. Portanto, historicamente, uma visão hegemônica de feminilidade está amplamente associada à fragilidade, inferioridade, docilidade, sendo esta considerada viável apenas na relação afetiva com um homem e dentro de parâmetros que são definidos em uma perspectiva de amor romântico, que será analisado no capítulo 2 desta dissertação. Importante considerar, contudo, que as vivências e (im)possibilidades de mulheres situadas em uma dimensão

geopolítica como subalternas, como as mulheres negras, lésbicas, trans, gordas, indígenas, não são consideradas nestes parâmetros normativos, sendo desconsideradas e/ou estigmatizadas.

Apesar disso, considero que a vida em sociedade se configura como um campo em que narrativas díspares coexistem em disputa. Logo, destaco a importância do debate e luta feminista para desestabilizar esses regimes de verdades que o sistema de sexo-gênero instituiu. Ao longo dos anos, o movimento feminista se articula de modos diversos e dissonantes, pois é composto por mulheres que vivenciam experiências plurais de opressão, o que impossibilita e torna arriscado uma definição única. Porém, de modo geral, situo uma parte do feminismo como um “movimento social cuja finalidade é a equiparação dos sexos relativamente ao exercício dos direitos cívicos e políticos” (Oliveira, 1969, p. 424 como citado em Nogueira, C. 2001).

Mesmo em meio a diferentes pautas e percursos engendrados pelo movimento ao longo das últimas décadas, uma das questões centrais é o questionamento e enfrentamento dos processos de objetificação do corpo feminino, como, por exemplo, a exigências sociais de que este esteja em consonância à pressão estética, o que materializa um imperativo de que mulheres se encaixem em padrões pré-estabelecidos. Atualmente, uma noção estética de mulher considerada bela está amplamente relacionada às mulheres brancas, de cabelos lisos – ou no máximo ondulados – que se mantêm numa determinada faixa de peso, pele hidratada e bem cuidada, e que se vista de maneira impecável, conforme os parâmetros da moda vigente. E, para as que se diferenciam dessa norma, a consequência comumente é a exclusão, o repúdio e a marginalização (Gillet & Santos, 2021).

O curioso é que todas as características citadas anteriormente como condição para um corpo feminino ser considerado bonito e “normal”, não são listadas e ditas explicitamente, pelo menos não na maioria dos casos. Elas são reproduzidas e escancaradas nos meios

midiáticos e nas redes sociais – através da circulação de atrizes, artistas, influenciadoras que alcançaram “o tão sonhado sucesso e bem-estar” consigo mesmas e seus corpos. Ou seja, “a mídia (trans)forma e toma para si o corpo da mulher” (Pereira & Oliveira, 2016, p. 2), objetificando e conformando uma certa experiência normativa de feminilidade. Isso sem considerar as propagandas e programas publicitários, focados, geralmente, em noções padronizadas de “saúde e bem-estar” e em procedimentos estéticos.

A partir desses questionamentos, o nascimento do ativismo de mulheres gordas começou a se articular a partir da década de 1960/1970 nos Estados Unidos. Essas mulheres observaram e sentiram a necessidade de organizarem-se, visto que cada vez mais relatos sobre tratamentos hostis eram direcionados a elas em um contexto social. O ativismo gordo, em si, surge após a morte da cantora Cass Elliot, vocalista da banda *The Mama & The Papas*, que foi vítima de gordofobia, ocasionando sua morte. Cass sofria de dores abdominais e, sempre que procurava por atendimento médico, o parecer que lhe davam era a necessidade de emagrecimento e, tempo depois, a cantora descobriu que estava com câncer de estômago, e veio a falecer (Jimenez-Jimenez et al., 2023). Por ter seu corpo gordo diagnosticado como doente, foi privada do tratamento apropriado, de seus direitos e de sua dignidade. Mulheres gordas e próximas à Cass Elliot resolveram iniciar uma frente questionadora dos preconceitos direcionados aos seus corpos. (Jimenez-Jimenez et al., 2023)

Tendo situado questões iniciais que balizam essa pesquisa, ressalto que a dissertação está articulada em quatro episódios. Inicialmente, no episódio “Percurso metodológico”, apresento os itinerários traçados para essa dissertação. Em seguida, no episódio “Pode a pessoa gorda falar? A gordofobia como controle social, uma história ainda não contada” retomo o debate sobre a gordofobia em interface com a normatividade do corpo, situando como o (cis)tema de sexo-gênero opera na delimitação de noções normativas de amor romântico, bem como de corpos gordos no campo da abjeção. No capítulo seguinte, “A vida

através das imagens: subjetividades e amores tecnológicos”, problematizo que noções de corpos e gênero se articulam como produção também tecnológicas. Para tanto, situo a mídia, mais especificamente o cinema, como tecnologias de gênero, ressaltando também o amor romântico como produção (moderna) social e tecnológica. Por último, no capítulo “Amores grandes: desafios e reinvenções”, compartilharei as análises que surgiram a partir dos diálogos realizados com mulheres gordas sobre os filmes selecionados.

Destaco, por fim, que trechos de falas das mulheres que participaram das duas rodas de conversas também serão apresentados ao longo dos episódios 2 e 3 com o objetivo de adensar o debate teórico. Na primeira roda participaram três mulheres, que se auto reconhecem como: Juliana, mulher cis, pansexual, negra, ameríndia, residente na região sul do Brasil e está atualmente cursando a graduação; Maria, mulher cis, bissexual, branca, professora e com o ensino superior completo, também residente no sul do país; e Baleia, mulher cis, demisssexual, branca, nordestinae psicóloga. No segundo grupo, participaram duas mulheres do grupo anterior (Maria e Baleia) e Amelie, que se reconhece como uma mulher, cis, heterossexual, parda, com ensino superior completo e que residente no litoral da região sudeste. Aqui acho importante destacar que todas as participantes já tinham familiaridade com o tema da gordofobia, e que cada uma a sua maneira, tinham compreensão de serem corpos resistentes no mecanismo da cis/hetero/corponormatividade. Nesta perspectiva, entendo que minha pesquisa contemplaria outros dados e outras intersecções se as participantes, ou pelo menos uma delas, não partissem de um conhecimento prévio sobre o tema.

## EPISÓDIO 1 - PERCURSO (ANTI)METODOLÓGICO – FICCIONALIZANDO CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A PESQUISA

*Exploramos o caminho, criando um mapa.  
Precisamos de um mapa para nos guiar em  
nossa jornada até o amor (bell hooks, 2021, p.  
56)*

As relações e fenômenos sociais possuem uma profunda complexidade, ou seja, o advento das ciências sociais torna-se necessário e faz circular outras maneiras de pesquisar e produzir sentidos sobre o mundo. É fundamental dar o devido valor e visibilidade às pesquisas qualitativas, que precisam também ter a sua existência garantida, sendo tão relevantes quanto às maneiras de investigar mais “tradicionais”. Possui relevância pois entende que “um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada” (Godoy, 1995, p. 21).

A investigação proposta pode ser definida como uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Considerando que o objetivo do estudo é analisar a gordofobia presente nas representações midiáticas com protagonismo gordo, e as afetações psicossociais nas relações amorosas de mulheres gordas, um percurso metodológico que problematize este fenômeno de maneiras integrada e interseccional pode trazer considerações mais complexas e localizadas.

Tendo definido o caráter qualitativo desta pesquisa, é necessário definir a estratégia metodológica que respaldará o processo de coleta e análise dos dados. Na introdução desta dissertação, me denominei *pesquisadora pesquisada*, justamente compreendendo a potência que é estar imersa em um campo de pesquisa que me atravessa e se constitui no cotidiano, ou

seja, habitar a pesquisa também com meu corpo que se afeta nos encontros que se tecem durante a investigação. Logo, situar as ciências humanas significa também acolher o fato de que estamos imersas na sociedade a qual buscamos compreender e articular sentidos.

Reconhecendo isso, o (anti)método proposto para este estudo é o cartográfico, um modo de traçar pistas e rastros possíveis nesta investigação. Alguns autores/as contemporâneos/as se referem à cartografia e as possibilidades que esta engendra, e, nesta perspectiva, para uma compreensão mais ampla e introdutória, Suely Rolnik (2006) afirma que:

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos (p. 23)

Ainda nesta direção, articulo essa análise em aliança com a proposta da cartografia sentimental de Rolnik (2006), compreendo a dimensão sentimental na perspectiva dos afetos que emergem e se articulam em um processo cartográfico, afinal,

Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago. (Rolnik, 2006, p.23)

Partindo da premissa que realidades sociais e afetos também são cartografáveis, essa pesquisa tem por objetivo não representar o objeto puramente, mas seguir processos, linhas e afetos que se conectam e desenharam os efeitos psicossociais da gordofobia presente em filmes categorizados como românticos, protagonizados por mulheres gordas, nas trajetórias de mulheres gordas. Entendo aqui que inúmeros elementos estão inter-relacionados a este e, por isso, a cartografia mapeará e produzirá parte desses.

Segundo Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1995), a realidade produzida é rizomática, ou seja, se constitui no emaranhado de relações e conexões que diversos fenômenos possuem entre si. No rizoma não há início ou fim, logo, “todas as entradas [para a investigação] são boas, desde que as saídas sejam múltiplas” (Rolnik, 2016, p. 65). A pesquisa cartográfica se faz justamente na busca em seguir o rizoma e as redes de conexões e linhas que este dá passagem e faz circular, considerando que as paisagens também vão se tecendo no percurso. Portanto, as linhas seguidas nesta pesquisa foram: corponormatividade e gordofobia, mídias como tecnologias de gênero e perspectivas e efeitos do amor romântico.

Considerando a inspiração cartográfica da dissertação, é importante delimitar algumas fronteiras estabelecidas por essa pesquisa, que será realizada em uma universidade estadual do interior do Paraná. Fundamental pontuar, contudo, que entendo que fronteiras assumem uma perspectiva ficcional, afinal, são geralmente delimitadas em meio a um campo de relações de poder, assim como analisa Glória Anzáldua (2016). Há entre as fronteiras fluxos

migratórios, desvios, tráficos, borras, silêncios e trânsitos inusitados, que tentarei mapear nos encontros a partir da noção de interseccionalidade.

Primeiramente, quanto ao público-alvo, as participantes da pesquisa são mulheres gordas, acima de 18 anos, visto que a temática da pesquisa envolve os impactos psicossociais de representações midiáticas do corpo gordo nas relações amorosas de mulheres gordas. O recorte “mulheres” foi articulado pois, a partir da literatura base, pude identificar que a experiência de gênero é significativa no fenômeno gordofobia, visto que a pressão estética é, majoritariamente, direcionada ao corpo feminino (Vigarello, 2012).

A divulgação foi articulada por meio de convites nas redes sociais e *whatsapp*. Para viabilizar o acesso a essas mulheres utilizou-se a estratégia metodológica da Bola de Neve, visando as conexões de cada interessada, pois dessa forma as participantes foram articuladas por elas mesmas, por meio de indicações. Segundo Vinuto (2014), esse tipo de amostragem é utilizada para fins exploratórios e “procura tirar proveito das redes sociais dos entrevistados identificados para fornecer ao pesquisador com um conjunto cada vez maior de contatos potenciais, sendo que o processo pode ser finalizado a partir do critério de ponto de saturação” (p. 204). Neste caso, o ponto de saturação foi a quantidade máxima de mulheres integrantes das rodas de conversa, sendo 8 mulheres por grupo.

Foi enviado no post de divulgação um breve resumo da proposta da pesquisa acompanhado de um *link* de acesso a um questionário eletrônico, com questões objetivas relacionadas a dados demográficos (conforme apêndice A). Constaram ainda no questionário perguntas sobre o interesse das mulheres em participar de atividades em grupo, que iriam ocorrer de modo remoto, e com o objetivo de debater de produções fílmicas, bem como questionamento sobre dias e horários que elas têm disponíveis para os encontros.

Em seguida, as mulheres que demonstraram interesse em participar foram acessadas pela presente pesquisadora de modo online, com o objetivo de aprofundar as explicações

sobre os objetivos da pesquisa, bem como para apresentação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido [TCLE] (Apêndice B) e organização da logística dos encontros. Como a assinatura do TCLE, aconteceu de modo remoto, estive atenta às recomendações assinaladas na Carta Circular da Comissão Nacional de Ética e Pesquisa [CONEP] de 24 de fevereiro de 2021, que indica orientações para procedimentos de pesquisa em ambientes virtuais.

Ressalto que os procedimentos de acesso às mulheres, a realização dos grupos, bem como a análise dos conteúdos que emergiram nos encontros, foram respaldados em critérios éticos de pesquisa, como, por exemplo, a garantia de sigilo caso elas optem pelo anonimato. Destaco aqui, que a opção de manter o nome original foi dado às participantes, pois parto da premissa de que histórias de mulheres gordas são hegemonicamente apagadas, sendo assim, o intuito dessa postura foi não cair no perigo de repetir e reproduzir esse apagamento. Logo, as participantes que optaram por não terem suas identidades reveladas, receberam nomes fictícios escolhidos por elas. Ressalto, ainda, que esta proposta de pesquisa foi apresentada ao Comitê de Ética em Pesquisa [CEP] da Universidade Estadual de Londrina [UEL], tendo parecer aprovado (parecer número - 6.339.808).

Portanto, os critérios de inclusão para a participação deste estudo são: ter acima de 18 anos de idade, se autodenominar mulher gorda, estar disposta a participar dos encontros pré-estabelecidos (pelo menos um encontro) e assinar o termo TCLE (apêndice B). Em contraponto, os critérios de exclusão são: ter menos de 18 anos completos, não se autodeclarar mulher gorda, não ter disponibilidade para participar de nenhum dos encontros pré-estabelecidos e não ter assinado o termo TCLE.

Tendo em vista a importância do debate interseccional nesta pesquisa, estive atenta a outros marcadores presentes nas trajetórias das participantes, como, classe, raça, etnia e geração. Destaco, inclusive, que se a procura fosse maior do que a possibilidade de oferta dos

grupos, teria como critério de escolha das mulheres o foco na diversidade de marcadores sociais por entender que estes produzem impactos psicossociais nas políticas de subjetivação e (im)possibilidades nas vidas delas.

Os dados foram produzidos em atividades de grupo, mais especificamente rodas online de conversas, sendo que cada encontro foi articulado em diálogo com três mulheres, por considerar este um número viável para o debate coletivo e, por ser o número de interessadas em contribuir com a pesquisa. Portanto, foram realizados, no período de quinze dias, dois encontros, com possibilidade de realização de outros, a depender da procura e/ou dos assuntos que emergiram e a necessidade de aprofundá-los.

Em cada encontro foi discutido uma produção fílmica que pautasse acerca de relações amorosas e que tenha protagonismo de mulheres gordas - *O amor é cego (2001)* e *Sierra Burgess é uma loser (2018)*. Realizou-se uma roda de conversa para debater impressões, opiniões e sensações das mulheres no processo de assisti-lo. Foi estabelecido um combinado prévio de que as participantes assistiriam os filmes antes das rodas – essa decisão levou em consideração o tempo de exposição ao encontro online se o filme fosse assistido em conjunto com a discussão em grupo. Para facilitar o debate, também foram compartilhadas pela pesquisadora algumas questões disparadoras, assinaladas a seguir:

1- Quais foram as suas impressões sobre o filme e sobre a protagonista?

2- Existem similaridades da narrativa do filme com alguma experiência já vivenciada por vocês?

3- Vocês se sentem representados pelos filmes românticos que vocês já assistiram?

Assim, este processo de coleta de dados se articulou em três momentos:

Fase 1: Inicialmente, realizei uma revisão bibliográfica com o objetivo de fundamentar o debate sobre as linhas de investigação traçadas.

Fase 2: Mergulho nos filmes. Na segunda fase, a partir das discussões já levantadas na parte teórica, são selecionados dois filmes com protagonismo feminino gordo, do gênero comédia romântica. O objetivo foi mapear como o corpo gordo feminino é retratado nos filmes.

Fase 3: Realização das Rodas de Conversa. Com os filmes já pré-selecionados, os grupos foram realizados. Nos encontros, o objetivo foi disparar afetações e debates sobre a narrativa filmica, correlacionando estas às experiências pessoais.

Fase 4: Após a realização das rodas, os dados produzidos foram agrupados por linhas de investigação, gerando subtópicos de discussão.

Deste modo, como estratégia de coleta e produção de dados, encontrei um caminho possível na proposta das rodas de conversa, que, “priorizam discussões em torno de uma temática, de modo a tornar possível dar visibilidade às práticas relacionadas à interação cotidiana” (Méllo, et. al; 2007, p. 30). Os autores também propõem a roda de conversa como uma prática discursiva justificável de pesquisa, pois através dela, é possível uma fluidez maior no intercâmbio de informações entre participantes e pesquisadores. Pois, a partir de um tema proposto “as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro” (Méllo, et. al; 2007, p. 30).

Optar pela roda de conversa se engendra também pela minha consideração do fenômeno da gordofobia como estrutural, assim como problematizei no episódio 2 desta dissertação, e com a intenção de que essa pesquisa não seja produção individual, e sim coletiva. Sendo assim, parti da aposta de que os encontros entre mulheres gordas se configuram como uma oportunidade potente de trocas e de identificações entre elas, e que implicam na experiência de coletivização de demandas, expectativas, sensações, sofrimentos, entre outras expressões que se tecem também no cenário da gordofobia. Conto também com

as possíveis surpresas que as rodas podem proporcionar, mediante ao relato de experiência exposto por Figueiredo e Queiroz (2012) em sua pesquisa:

Passei a imaginar essas ações como uma “roda viva”, em alusão à música de mesmo nome de Chico Buarque, lembrando de trechos como: “Mas eis que chega a roda viva e carrega a viola pra lá...”. Isso porque, nesses encontros, os participantes relacionam seus discursos e reflexões em uma construção e desconstrução muito viva, conforme a fugacidade do momento (p. 8)

Além da roda de conversa, a pesquisa também se utilizou de filmes como estratégias para disparar os debates. Considero as produções fílmicas relevantes pois, em suas narrativas, por mais ficcionais que sejam, também refletem noções presentes na sociedade na qual estamos inseridos/as, permitindo assim que se performe em tela, fenômenos que atravessam e constituem uma certa perspectiva de realidade. E, assim como articula Alexandre de Oliveira (2017, p. 2), “quem analisa a fonte fílmica sempre poderá visar algo da sociedade que produziu o filme, suas relações de poder, visões de mundo e opções culturais.”. E, partindo dessa leitura possível, os filmes foram utilizados como disparadores de discussão nas rodas, pois o objetivo é que os pontos observados nos filmes escolhidos, além de serem levantados nas discussões em roda, fossem incorporados na discussão do último capítulo.

Portanto, após promover reflexões teóricas e percorrer a bibliografia, as rodas se dedicaram a cartografar parte dos efeitos das narrativas das produções fílmicas em experiências cotidianas de mulheres gordas, em uma perspectiva qualitativa. Esse movimento que os encontros dão passagem também se configuram como um campo possível para que histórias de protagonismo gordo circulem, sejam também enunciadas e ouvidas, e que ocupem um lugar de importância.

O objetivo inicial foi realizar dois encontros, a partir de temáticas previamente estabelecidas, levando em conta aspectos visitados na bibliografia de referência dessa pesquisa sobre gordofobia, bem como analisadores identificados no Episódio 3 – “A vida através de imagens: subjetividades e amores tecnológicos”.

Por fim, a análise de dados se deu por meio de categorias que denomino como linhas de investigação, delineadas após a realização dos grupos. Optei pela análise por categorias/eixos pois compreendo que diversas linhas interpassam o fenômeno estudado e, com a delimitação de mais de um eixo, é possível analisá-lo de forma interseccional, considerando mais de um fator influente. Assim, segui o rastro de três eixos de análise, sendo eles: a narrativa do corpo gordo, em filmes românticos *mainstream*; os impactos psicossociais de filmes românticos na trajetória de mulheres gordas e as resistências produzidas por mulheres gordas.

Por fim, assinala-se que toda pesquisa implica em riscos, ainda que mínimos, incluindo possíveis constrangimentos e/ou desconfortos com a participação da pesquisadora no processo de realização das rodas. Nesta perspectiva, eu como pesquisadora e psicóloga, estive atenta aos sinais verbais e não verbais de desconfortos e/ou constrangimentos, estando disponível para acolhimento dessas mulheres em atendimentos individuais, se assim fosse necessário. Estive comprometida na preservação da identidade das participantes que assim desejaram, não sendo divulgado informações que as identifiquem. Destaca-se, por fim, que durante o processo de realização das oficinas, as mulheres participantes da pesquisa tiveram autonomia para suspender sua participação no estudo a qualquer momento que desejassem.

## **EPISÓDIO 2 - Pode a pessoa gorda falar? A gordofobia como controle social, uma história ainda não contada.**

Para essa primeira exibição/maratona, cara leitora<sup>4</sup>, sinto que devo lhe proporcionar um cenário, uma pequena prévia do trajeto proposto por mim e que será experienciado de modos plurais por cada leitora. Nessa primeira cena, viajaremos no tempo – tal qual aqueles filmes que as narrativas apostam em um apanhado histórico, unindo o presente ao que é localizado como passado. Minto! Unindo o presente ao que é nomeado oficialmente como história, afinal, somos seres historicamente situados, não é mesmo? Então, esta é minha proposta nesta primeira cena, articular uma escrita que conte uma versão sobre o processo de construção social do corpo.

A proposta deste episódio é uma viagem imersiva, daquelas que planejamos apostando que não voltaremos às mesmas pessoas. Prepare-se, então, querida leitora, para redescobrir e ressignificar, ainda que parcialmente, a história do corpo. Talvez este percurso nos dê pistas (sentidos) sobre o corpo que habitamos e as muitas histórias que nos constituem. Destaco, contudo, que há outras narrativas subalternizadas que constituem uma historicidade sobre o corpo e que não ganham visibilidade por terem sido sistematicamente invisibilizadas e/ou interditadas.

Este episódio, portanto, tem o objetivo de problematizar a construção social do corpo, em destaque, do corpo gordo. O episódio está dividido em três cenas. Inicialmente, analiso a perspectiva do corpo como construção social e localizo de modo breve os sentidos do corpo

---

<sup>4</sup> Acho importante explicar sobre a escolha da referência no feminino. Como já apresentado na introdução da dissertação, essa pesquisa considera as vivências de mulheres gordas, portanto presumo que a maioria do público leitor serão mulheres, já que a pesquisa faz esse recorte de gênero. Além disso, esse direcionamento também assume uma posição de desobediência das normativas coloniais da língua, que situa o masculino como representante da humanidade. Por fim, também parto do pressuposto que o público que mais consome as comédias românticas é o público feminino (Stefani et al., 2020), tendo em vista que esses são tecnologias de gênero (Lauretis, 1987), que (re)produzem uma perspectiva tradicional e hegemônica de feminilidade, mais um indício que a pesquisa atrairá o interesse feminino.

na idade média e na modernidade, situando a divisão colonial ontológica entre aqueles considerados sujeitos e as/os Outras/os subalternizadas/os. Em seguida, aprofundo o debate sobre a produção biomédica e disciplinar do corpo máquina na sociedade industrial. Por fim, debato sobre a construção biopolítica da mulher como Outra, tendo como alicerce a análise sobre noções de corponormatividade e gordofobia.

### **Cena 2.1 - O corpo na perspectiva medieval e moderna: da negação do pecado à exaltação da razão**

Diferentemente da demarcação instituída pelo discurso biomédico moderno, o corpo ultrapassa os limites do biológico, ultrapassa as fronteiras da materialidade corpóreas apresentadas como inquestionáveis pelos grupos conservadores, desestabilizando modos de sentir, nos convidando a repensar os fenômenos que nos constituem, tornando a compreensão e experiência do que é humano mais complexa e descontinuada (Novaes, 2011). Deste modo, articulo esta cena 1 considerando o corpo como produção social e biopolítica, ou seja, entendo que o corpo tem uma história e que esta é socialmente construída, visto as relações de poder, cultura e subjetividades que se constituem em cada momento histórico (Jimenez-Jimenez, 2020).

Exemplo disso é a importância de situar sobre qual momento histórico estou me referindo, pois entendo que diferentes realidades sociais dizem sobre experiências e vivências corporais localizadas. Nossa viagem no tempo começa na Idade Média, período que teve o seu início no século V e fim em meados do século XV. É válido dizer que o período medieval representa uma grande mudança na ideia de corporeidade, muito por influência da Igreja católica e cristianismo, que ganharam força no Ocidente entre os séculos IV e V (Le Goff & Truong, 2006).

Os autores Jacques Le Goff e Nicolas Truong (2006) descrevem o pensamento cristão sobre o corpo como paradoxal, em uma dialética entre o “glorificado e reprimido, exaltado e rechaçado” (p. 29). Ao mesmo tempo que o corpo é sinal de pecado, sinal dos valores carnavais e mundanos, este também representa imagem e semelhança de Deus, templo de seu espírito. Para a população não pertencente ao clero, “o corpo é contido pela ideologia anticorporal do cristianismo institucionalizado, mas resiste à sua repressão” (Le Goff & Truong, 2006, p. 35), ou seja, a Igreja cristã se sustenta como instituição de condenação e repressão dos desejos corporais, mas encontra resistência a esse controle ideológico.

Sendo assim, o cotidiano medieval conflitava entre a Quaresma e o Carnaval, entre o pecado/desejo e o eterno/sagrado. “De um lado, o magro, do outro, o gordo. De um lado, o jejum e a abstinência, do outro, banquete e gula” (Le Goff & Truong, 2006, p. 35). Importante também ressaltar que, por muito tempo, existiram resistências à essa doutrina, assim como descreve Vigarello (2012), pois, segundo o autor, neste momento histórico, havia também a idealização de que a gordura era sinal de fartura, riqueza e saúde, associada majoritariamente à nobreza<sup>5</sup>.

Com isso, juntamente da instituição do feudalismo e da reforma monástica do século XI e XII, estabelece-se uma renúncia compulsória do corpo, o que gera a desvalorização do físico pelo espiritual e intelectual. O corpo medieval é, portanto, um corpo desvalorizado, reprimido e combatido. “O corpo é considerado a prisão e o veneno da alma. À primeira vista, portanto, o culto do corpo da Antiguidade<sup>6</sup> cede lugar, na Idade Média, a uma derrocada do corpo na vida social” (Le Goff & Truong, 2006, p. 37).

---

<sup>5</sup> Ainda hoje, existem outras sociedades que ainda vêem o corpo gordo como potência. Como por exemplo, alguns povos indígenas no Brasil, e tribos da Mauritània (país da África Ocidental), onde existe uma prática em que as mulheres são forçadas a engordar para serem consideradas atraentes e elegíveis ao casamento.

<sup>6</sup> Contextualizando brevemente, a forma com que o corpo era visto na Antiguidade se diferencia bastante da Idade Média. Nas artes, nas esculturas e nas pinturas é possível identificar a valorização do físico e das harmonias proporcionais. O corpo era radicalmente idealizado, investia-se em seu ‘aprimoramento’ pois era elemento de glorificação. Quanto mais atléticos e ‘saúdáveis’, maior o seu valor (Barbosa, M; Matos, P & Costa, M; 2011).

Já no recorte das relações de gênero também há a influência do cristianismo. Mulheres eram consideradas inferiores aos homens, e deviam servir aos seus maridos. Nas relações sexuais, deveriam ser passivas, nos valores, semelhantes à Virgem Maria, tão puras como ela. Ao contrário dessas prerrogativas, eram vistas como Eva - sedutoras e sinal de perigo carnal aos homens. O casamento surgiu para concretizar o controle do corpo sexual, porém, como já dito, existiam também resistências a essa lógica, pelos leigos e pela aristocracia, que configuravam outras perspectivas de sexualidade, como, por exemplos, a poligamia (Le Goff & Truong, 2006). Destaco, ainda, que este cenário não se articulou sem resistências, tendo em vista, por exemplo, as trajetórias de mulheres que foram queimadas pela inquisição por resistirem a ordem posta (Federici, 2023).

No contexto da sociedade medieval, as relações de trabalho, inicialmente, se articulavam a partir de perspectivas dissonantes a sociedade moderna disciplinar que se desenhou em seguida, assim como Le Goff e Truong (2006) destaca a seguir:

Na alta Idade Média, isto é, do século V ao XI, o trabalho é considerado uma penitência, uma consequência do pecado original. O mundo greco-romano, que separa escravos trabalhadores e os mestres que se entregam ao otium, isto é, ao lazer e ao ócio [...] pesa sobre os comportamentos da sociedade feudal, onde os eclesiásticos de nível superior (bispos, cônegos, abades) são, em sua maior parte, oriundos da aristocracia. [...] A partir do século XI e até o século XIII, ocorre uma revolução mental: o trabalho é valorizado, promovido, justificado. Para melhor e para pior, aliás. De um lado, os vagabundos são expulsos ou condenados a trabalhos forçados. De outro, os ofícios vis ou ilícitos até então proibidos aos clérigos e desaconselhados aos leigos são reabilitados (p. 66-67)

Portanto, a partir do século XI, o/a trabalhador é então considerado um “homem de Deus”, aquele/a que coopera com a vontade divina, e não mais como um pecador. O trabalho passa a dignificar o homem - pensamento bem aproveitado pela modernidade, assim como analisarei em breve (Le Goff & Truong, 2006).

Já no Renascimento, período de transição da Idade Média para a Idade Moderna e pelo processo de colonização das Américas e África, a lógica passa a ser a da propriedade, visto o surgimento das classes, da burguesia abastada (não trabalhadores) e do proletariado (aqueles que dependem da venda de sua força de trabalho para a sobrevivência), e a instauração de uma nova ordem política e econômica, denominada de capitalismo – constituído pelo modo de produção e reprodução de bens, relações pautadas na propriedade privada dos meios de produção, pelo lucro e pelo trabalho assalariado. Nesta perspectiva moderna/capitalista, o corpo é representado como mercadoria, como corpo máquina à mercê da produção industrial. Sendo assim, “o corpo distingue-se do “eu”, tornando-se algo que se tem e não aquilo que se é” (Sant’Anna, 1995, p. 247).

Para além, e em conjunto ao sistema capitalista, contamos com o surgimento neste período histórico, mais especificamente na revolução científica do século XVII, de um pensamento científico que constitui sobremaneira o processo de construção de uma perspectiva moderna do corpo. Neste momento, não são apenas saberes doutrinários e dogmáticos cristãos que dizem sobre o indivíduo, mas sim o conjunto de discursos pautados em uma suposta “neutralidade” científica tão defendida pelo ocidente.

Nesta dimensão da produção social do corpo, destaco também os enquadramentos instituídos pelos estudos anatômicos que marcam a história da ciência, ou seja, a anatomia ocupa centralidade em grande parte das discussões modernas sobre o corpo. Logo, nos séculos XV e XVI, o foco da medicina, das artes e da ética foi a anatomia humana, sendo que

nesse período o acesso à prática da dissecação de corpos se torna uma obsessão que se multiplica na Europa, assim como analisa Sant'Anna (1995):

Nascia a curiosidade para além do domínio científico de ver a conquista dos segredos da carne humana, indiferente às tradições religiosas e à identidade do cadáver exposto. O corpo humano depois de morto, aberto e desmembrado pelas mãos daqueles que o dissecam em nome da ciência, tende a se transformar num “livro” rico de explicações<sup>7</sup> que, segundo Vesálio, não mente jamais (p. 246).

Durante os séculos XVI e XVII, o ser humano apostava na busca por novas terras e culturas. Através da produção de conhecimento, substituem-se saberes religiosos da Idade Média por causalidades físicas, resultantes do saber científico, o que fornecia a sensação de domínio do próprio corpo. (Sant'Anna, 1995).

Mas a transformação do homem em possuidor e mestre, tanto da natureza como do próprio corpo, não poderia ocorrer sem aprofundar e atualizar o secular dualismo corpo e alma. Sob a égide da filosofia cartesiana, por exemplo, o corpo ganha em distância em relação à superioridade da substância pensante: enquanto esta é fundada em Deus, o corpo é considerado a parte menos humana do homem. A exaltação do homem conquistador, daquele que submete a natureza aos seus desígnios, está, portanto, estreitamente relacionada à transformação do corpo num “estrangeiro” do homem. (p. 248).

---

<sup>7</sup> Dizer sobre o estudo de corpos humanos após a morte, faz necessário pontuar a extrema desumanização e violência póstuma que sofreu Saartjie Baartman, popularmente conhecida como Vênus Negra. Após ter sido escravizada, levada a força para a Europa e exibida como aberração em ‘espetáculos’ tidos como exóticos, ao falecer, em 1815, teve seus restos mortais expostos como atração. Em 2002, estes foram devolvidos a África do Sul através de pedido feito por Nelson Mandela. Ou seja, importante pontuar a grande violência no tratamento de corpos subalternizados, mesmo após o falecimento.

Ou seja, a construção social cartesiana divide pensamento e corpo, dando origem a uma visão dual de sujeito, onde mente e biologia se articulam, embora apresentem naturezas distintas. “Mesmo se já se pensasse o ser humano como constituído por um corpo físico e uma outra parte subjetiva, a partir de Descartes essa divisão foi realmente instituída e o físico passou a estar ao serviço da razão” (Barbosa et al., 2011, p. 28).

Até o momento, cara leitora, nossa viagem poderia ter como destino qualquer país ocidental, afinal, a lógica capitalista influenciou diretamente na constituição do sujeito moderno. Porém, não atingiu de maneira igualitária todo o ocidente, pois é evidente uma divisão geopolítica que demarca aqueles nomeados como colonizadores e aqueles marcados como colonizados. Essa parte do episódio irá propor uma viagem às colônias, e buscará compreender os discursos produzidos sobre o corpo colonizado, afinal, nesta pesquisa articulo uma reflexão sobre o corpo gordo de mulheres latino-americanas, situadas como sudacas<sup>8</sup> na ordem global.

A diferenciação entre corpo e mente, citada acima, interferiu também nos modos como os processos violentos de colonização se engendraram, pois os colonizadores legitimaram suas práticas extrativistas e exploratórios a partir da premissa de que os/as nativos/as eram “selvagens” sem alma e sem intelecto e que tinham apenas corpo.

A partir dessa distinção, é possível entender o quanto a lógica colonial hegemônica produziu discursos sobre os povos “selvagens” e “não-civilizados”. Em uma ótica colonizadora, era dever dos “mais desenvolvidos” levar ordem aos territórios que ainda não seguiam os moldes europeus de sociedade. A violência e o sacrifício de “bárbaros” era um pequeno preço a se pagar em comparação aos benefícios da “modernização” (ou seja, colonização) desses povos (Dussel, 2000).

---

<sup>8</sup> Sudaca é um termo originalmente ofensivo, utilizado para qualificar migrantes latino-americanos Espanha, apropriado por esta mesma comunidade minoritária como estratégia identitária para o enfrentamento da xenofobia em território europeu – algo equivalente ao que aconteceu com o termo “queer”, nos Estados Unidos, em relação à comunidade LGBTQI migrante. (Braga, 2021, p. 5)

Institui-se a dualidade entre civilizador x bárbaro. Aqui vale introduzir os conceitos de sujeito e de objeto, pensados por bell hooks (1989), na intenção de dizer sobre essa oposição. Segundo a autora, sujeitos, na perspectiva colonial, são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks, 1989, p. 42 - tradução minha<sup>9</sup>). Em contrapartida, “objetos têm sua realidade definida por outros, a identidade criada por outros e história nomeada apenas para definir as relações com aqueles que são sujeitos” (hooks, 1989, p. 42-43- tradução minha<sup>10</sup>). O/A colonizado/a é o/a Outro, a *Outridade* consolida os aspectos que são tão repreendidos pelo sujeito branco, ou seja, o/a Outro é tudo aquilo que não se deseja ser, ferramenta mantenedora e classificadora da diferença (Kilomba, 2020). Importante frisar que um dos principais pilares da colonialidade foi e é o racismo. A própria gordofobia surgiu do racismo, como afirma Sabrina Strings (2019) pois, segundo a autora, a repulsa ao corpo gordo vem da associação estabelecida por europeus e norte-americanos dos traços negros/africanos. A história de Sarah Baartman, mulher africana e escravizada, ilustra o argumento de Strings (2019), pois, em 1810, ela foi levada forçosamente à Inglaterra por seu dono, para realizar espetáculos “eróticos e cientificamente curiosos, um verdadeiro ‘show etnográfico de aberração’” (p. 52) onde era exibida por suas nádegas protuberantes (condição genética frequente em mulheres africanas) e apresentada de modo desumanizada. A partir disso, não era apenas a cor negra o alvo de repulsa, mas também a gordura, traço associado também à feminilidade negra (Strings, 2019).

Portanto, debater desde a perspectiva interseccional e problematizar sobre o corpo não branco, significa também compreender toda a herança do pensamento escravocrata, da

---

<sup>9</sup> Texto original: “have the right to define their own reality, establish their own identities, name their history” (hooks, 1989, p. 42)

<sup>10</sup> Texto original: “As objects, one’s reality is defined by others, one’s identity created by others, one’s history named only in ways that define one’s relationship to those who are subject” (hooks, 1989, p. 42-43).

violência racial e da constituição de uma subjetividade em meio ao trauma, “pois no racismo o indivíduo é cirurgicamente retirado e violentamente separado de qualquer identidade que ela/ele possa realmente ter” (Kilomba, 2020, p.39).

A seguir, continuando nossa viagem à história da normatização das corporeidades, o destino é mais especificamente a modernidade, com enfoque na problematização da lógica capitalista articulada na perspectiva do controle. O que motiva esse nosso próximo trajeto é a tentativa de compreender parte dos interesses biopolíticos sobre o corpo a partir de uma racionalidade disciplinar, que almeja aniquilar toda e qualquer diferença, principalmente aquelas que não interessam ao domínio industrial e cisheteronormativo, que se articula como um sistema constituído por ideais regulatórios e padronizados de sexualidade e de gênero (Butler, 2020).

## **Cena 2.2 - Um velho novo inimigo: o capitalismo como sistema disciplinar e normativo do corpo**

Entender o corpo como objeto de mercado, como corpo máquina, implica em considerá-lo uma instância supostamente inferior à dimensão intelectual. Tal leitura nos aproxima de uma lógica capitalista que fundamenta a constituição do corpo normativo que conhecemos hoje, ou seja, o corpo adestrado e disciplinado para atender demandas de produtividade e consumo, assim como critica Baptista (2007, p. 140): “Finalmente, se o indivíduo não se reconhece e se considera um apêndice da máquina, passa a ver o outro da mesma forma, não o reconhecendo como ser humano. As relações não são mais entre os homens, mas entre coisas”.

As mudanças do sistema político e econômico a partir da emergência do sistema capitalista implicou em múltiplos efeitos psicossociais na população. Dentre essas, destaco os

impactos dessa nova racionalidade sobre as noções de corpo e a correlação deste a dimensão da produtividade industrial. Deste modo, assim como situado na cena 1.1, o corpo físico é circunscrito como máquina, ou seja, como ferramenta adicional dos maquinários que ocupam o cenário da pós-revolução industrial (Barbosa et al., 2011).

A nascente burguesia se via dependente da mão-de-obra proletária para a produção industrial, pois, para obter os lucros desejados e fazer a lógica industrial se movimentar, era necessário que os corpos dos/as proletários/as produzissem em grande escala. Fez-se urgente, então, a criação e consolidação de estratégias diversas de controle e monitoramento do proletariado pela classe dominante, afinal, esses sujeitos precisavam se manter fortes, saudáveis, ágeis, e, principalmente, dóceis para o trabalho industrial. Logo, os processos de disciplinamento do corpo máquina do/a operário/a se torna central nas engrenagens capitalísticas, assim como defende Foucault (1975), pois

a burguesia não se importa com os loucos; mas os procedimentos de exclusão dos loucos puseram em evidência e produziram, a partir do século XIX, novamente devido a determinadas transformações, um lucro político e alguma eventual utilidade econômica que consolidaram o sistema e fizeram-no funcionar em conjunto. A burguesia não se interessa pelos loucos, mas pelo poder (p. 288)

Aqui entendo o termo “louco” como dispositivo discursivo de controle. Ele engloba todos aqueles que resistem a essa lógica, a se assumirem como corpo máquina na configuração de produção industrial. Ou seja, aqui o louco é o proletário desviante. Porém, seguindo essa mesma lógica, o louco seria todo e qualquer desviante e resistente à lógica burguesa.

Delimitar a existência de pessoas que foram nomeadas pelos discursos científicos como loucos/as e, portanto, desviantes, operava (opera) como estratégia de controle, afinal, estabelecia (e ainda estabelece) uma divisão destes como aqueles representados como normais, ou seja, como não-loucos, sendo estes situados como corpos produtores e interessantes para a ordem social vigentes, nas relações de trabalho e consumo.

Os/as desviantes, portanto, eram demarcados como o/a Outro/a selvagem, desequilibrado, doente, perigoso, entre outras noções pejorativas e psicopatológicas que operavam (operam) para demarcar essa fronteira (divisão ontológica) entre sujeitos de direitos e mercadorias, colonizadores e colonizado, normais e anormais, magros e gordos, entre outras configurações binárias. Nesta engrenagem, problematizo, mais especificamente, sobre os efeitos desses regimes discursivos nos modos de compreender e nomear o corpo gordo, considerando efeitos da corponormatividade e gordofobia nas trajetórias de mulheres gordas. O debate sobre a mulher gorda como a Outra será desenvolvido na cena 1.3.

O sujeito moderno, então, é produzido predominante a partir dos interesses e normativas capitalistas, sendo que este processo se articula em meio a relações de poder e também de saber que estabelecem “verdades” acerca dos modos “naturais”, “normais” e “adequados” de ser humano. Nesta matriz de inteligibilidade, há parcelas da população que são localizadas na norma como desviantes, anormais, doentes, criminosas, abjetos, corpos impossíveis e que não importam como afirma Butler (2020). Assim, “o poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares” (Foucault, 1975, p. 239).

Deste conjunto de saberes normativos, destaco a medicina moderna e seus regimes de enunciação, que se articulam em conluio a interesses higienistas e docilizadores da população. Pela medicina, o domínio do corpo se “justifica” por meio da estratégia de situá-lo como uma questão de “saúde”, o que resultou em processos de classificação,

institucionalização e exclusão de sujeitos considerados como inapropriados e perigosos para os modos de produção capitalista, como aponta Foucault (1975):

Naturalmente, a medicina desempenhou o papel de denominador comum... Seu discurso passava de um a outro. Era em nome da medicina que se vinha como eram instaladas as casas, mas era também em seu nome que se catalogavam um louco, um criminoso, um doente... (p. 243).

Racionalidades classificatórias, excludentes e higienistas reverberam ainda hoje nos modos como a medicina e demais saberes biomédicos operam na atualidade, enquadrando a população em perspectivas duais entre corpos ditos saudáveis e corpos ditos adoecidos, que são reconhecidos pela matriz colonial de poder como as/os Outras/os. Ouso dizer que os mecanismos de controle apenas se atualizam de modos mais fluidos e invisíveis na contemporaneidade, ou seja, por meio de argumentos como a importância da garantia da beleza e da saúde, tão presentes, por exemplo, nas redes de comércio das cirurgias bariátricas (Jimenez-Jimenez, 2022), assim como analisa Maria.

*o que os médicos falam hoje em dia é sempre a mesma coisa né gente, que o problema é você ter gordura no seu corpo, como se ninguém tivesse, o grande problema é esse. [...] eu lembro que eu cresci com essa frase 'pessoas com problema com a balança', problemas com peso (Maria, 33 anos)*

Na atualidade, nos deparamos nas relações cotidianas, midiáticas, científicas, entre outras, com uma série de investimentos discursivos e imagéticos pautados em ideologias de beleza e de saúde, o que implica na delimitação entre sujeitos consumidores e consumidos,

tendo em vista a lógica da mídia de massa e o que podemos chamar de produtores de conteúdo para as redes sociais. Não à toa que está presente no cotidiano produtos de uma indústria estética, materializados em aplicativos de edição de fotos, procedimentos cirúrgicos, salões de beleza, o movimento *fitness*<sup>11</sup>, a promessa ‘milagrosa’ de emagrecimento por medicamentos, como o *ozempic*<sup>12</sup>, entre tantos outros produtos e produtores aos quais envolvem o capital. As imagens a seguir exemplificam que, a partir de uma ideologia da beleza como sinônimo de magreza, o capitalismo transporta ao indivíduo a responsabilidade por adquirir os produtos e procedimentos necessários para adequar-se à norma.



**Figura 1** - Captura de tela de postagem feito no X, foto da vitrine de uma farmácia.  
Fonte: *Plataforma X*. 13 de dezembro de 2024

<sup>11</sup> Com a popularização das redes sociais, o Movimento *Fitness* ganhou grande força nos últimos anos, sendo caracterizado pela supervalorização da “boa forma” corporal. A indústria *fitness*, juntamente com outros mecanismos, opera para a manutenção desse ideal da busca pelo corpo musculoso, magro e “saudável”, através da confecção de roupas para exercício físico, alimentos específicos para o emagrecimento, e da valorização e validação social daqueles que aderem ao movimento e frequentam a academia.

<sup>12</sup> Para fins de contextualização, o *ozempic* é um medicamento injetável, que foi formulado para o tratamento da diabetes tipo 2, e que recentemente vem sendo divulgado e utilizado como “um método milagroso”, para o emagrecimento. É um medicamento de difícil acesso, visto o preço pelo qual é vendido, ou seja, disponível para aqueles que possuem o poder de compra necessário.

Manas, mas vocês querem que as pessoas continuem gordas? Mesmo elas tendo acesso a Ozempic, Lipo e bariátrica.

Não é fácil ser gordo, todo mundo te julga e te olha torto.

Agora, emagrecer sendo rico é muito fácil!

Barbie Ferreira (Euphoria) choca internautas com novo visual.



**Figura 2** - Captura de tela de postagem feito no X.  
Fonte: *Plataforma X*. 13 de dezembro de 2024



**Figura 3** - Captura de tela de postagem feito no X, *ozempic* guardado na capinha do celular.  
Fonte: *Plataforma X*. 13 de dezembro de 2024

Deste modo, assim como pontuam Barbosa et al., “as indústrias da beleza e da saúde têm no corpo o seu maior consumidor” (2011, p. 29) e, em conluio aos discursos normalizadores do corpo, a subjetividade é constituída, interferindo diretamente na vivência corporal de cada um dos indivíduos (Barbosa et al., 2011), assim como explicita Maria.

*meus pais me levaram no ‘vigilantes do peso’, né, quando eu era criança, não sei se vocês ouviram dessa, se vocês conhecem... é uma franquia de emagrecimento, nossa passei anos da minha vida, você tem uma cartilha de bolinhas, para a criança fazer, aí você conta as bolinhas verdes, as bolinhas amarelas e as bolinhas vermelhas... tipo, verde é o que é legal comer, amarelo com moderação e vermelho para comer pouco, então você tem que contar os pontos, é tipo uma contação de caloria, que tem essa coisa da balança (Maria, 33 anos)*

Submeter-se aos processos de docilização corporal significa ser aceito, ainda que parcialmente, pela sociedade que nos cerca. Possuir reconhecimento social implica na garantia de privilégios e direitos, entre tantos outros benefícios que deveriam ser garantidos a toda população, assim como previsto na Constituição Federal (Novaes, 2006), como, por exemplo, o direito à vida, pois, assim como sinaliza Malu Jimenez-Jimenez (et al, 2023), pessoas gordas morrem por falta de acesso à saúde e de estrutura que atendam a demanda de seus corpos, com dignidade. Em um dos relatos colhidos no processo de doutoramento de Jimenez-Jimenez (2023) denuncia a gordofobia estrutural do sistema de saúde:

*(...) Minha irmã morreu porque não tinha como encamar ela no hospital, ela pesava 160 quilos e as macas não aguentavam, o médico mandou ela de volta pra casa, mesmo com muita dificuldade de respirar, e ela morreu na mesma madrugada,*

*quando foi resgatada pela ambulância que também não conseguiu levar ela na maca para dentro do carro, ela foi sentada, e no laudo de morte dela saiu que ela tinha morrido de covid por causa da obesidade. Pra mim, ela morreu de gordofobia porque ela não foi atendida como qualquer outra pessoa em seu estado. (Marta, 2020, citado por Jimenez-Jimenez, 2023, p. 39-40).*

E assim se mantém o capitalismo, também pela manutenção da dualidade entre aqueles que são representados como sujeitos de direitos e aqueles que são representados como mercadoria e risco social, sendo que nesta engrenagem determinados corpos são situados como as/os Outras/os. Aprofundo este debate a seguir, tendo como referência corpos de mulheres gordas viventes em uma sociedade estruturada na racionalidade da gordofobia.

### **Cena 2. 3: Corpos dissidentes: mulheres gordas como as Outras**

Neste episódio, problematizo maneiras como noções biopolíticas se articulam na delimitação da mulher gorda como a Outra subalternizada. Analiso, mais especificamente, a respeito dos efeitos normativos dos discursos biomédicos sobre os corpos gordos, considerando a importância (urgência) de abarcar o debate sobre o fenômeno da *gordofobia* na sociedade moderna capitalista.

Entende-se que existe um tipo de corpo implicitamente – por vezes explicitamente – imposto social e biopoliticamente como normal e aceito. Dessa maneira, pode-se definir *gordofobia* como “uma discriminação que leva à exclusão social e, conseqüentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea” (Jimenez-Jimenez & Silva, 2021, p. 147).

Sendo assim, podemos pensar em uma *gordofobia estrutural*, visto que, cotidianamente, pessoas gordas sofrem algum tipo de lesão de direitos – de ter o seu espaço garantido nos transportes públicos, de acesso a saúde e macas disponíveis, no acesso a aquisição de roupas e vestuário, entre tantos outros exemplos. Curioso pensar que o capitalismo, mesmo sempre visando o lucro voraz, demorou tantos anos para enxergar nas pessoas gordas um público com potencial de consumo – o mercado *plus size* vem ganhando força apenas nos últimos anos, por exemplo – e com ressalvas, visto a escassez de produção quando o assunto são manequins maiores, do tamanho 56 para cima. Seria, então, a estigmatização do corpo gordo como abjeto mais interessante em termos econômicos e políticos aos donos dos meios de produção do que seu poder de compra em si?

Portanto, dizer sobre uma *gordofobia estrutural* significa entender que ser “uma pessoa gorda em nossa sociedade significa perder direitos, direitos até bastante corriqueiros para quem os tem”. Por isso mesmo, muitas vezes, esses direitos passam despercebidos, como sentar-se em uma cadeira confortável no restaurante”. (Jimenez-Jimenez et al, 2023. p. 34).

Contudo, um mergulho na história nos possibilita ver que os corpos gordos foram nomeados a partir de outras representações. Vigarello (2012) articula um apanhado histórico de como a pessoa gorda foi vista e tratada ao longo dos anos. Segundo o autor, nem sempre esta foi estigmatizada e vista de maneira pejorativa:

A história do gordo está ligada a essas reviravoltas. O desenvolvimento das sociedades ocidentais promove o afinamento do corpo, a vigilância mais cerrada da silhueta, a rejeição do peso de maneira mais alarmada. O que transforma o registro da gordura, denegrindo-a, aumentando o seu descrédito e privilégio insensivelmente a

leveza. A amplitude do volume afasta-se mais do refinamento, enquanto a beleza se aproxima mais e mais do que é magro (p. 10-11)

Considerando a importância de produção de saberes localizados (Haraway, 1995), faz-se necessário compreender na narrativa do corpo gordo a partir de uma análise que tem como referência o contexto nacional, e sendo assim, a autora Denise Sant'Anna (2016) expõe em seu livro “Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil”, que, seguindo uma lógica ocidental, nem sempre o padrão estético, no Brasil era o corpo magro:

Antes da década de 1920, os “campeonatos de gastronomia” - nos quais o vencedor podia comer onze quilos de feijoada em uma mesma refeição - não eram os únicos espaços para surpreender-se diante dos glutões e muito gordos. Por parte, admirava-se um estômago capaz de receber quantidades colossais de alimento, tal como era invejável possuir um excelente apetite e, sobretudo, poder saciá-lo. (p. 24-25)

Ou seja, os discursos vigentes na época diziam sobre a necessidade de fartura, sendo que os relatos médicos condenavam a magreza, pois esta era vista como sinônimo de doença e má nutrição. Piadas eram direcionadas aos corpos magros e remédios que prometiam o aumento do peso eram vendidos. Uma propaganda da Revista *O Cruzeiro* (1961) que ficou conhecida dizia “livre-se do complexo da magreza, *Vikelp* transforma as magras e os magros de nascença em criaturas fortes e cheias de vida” (Sant'anna, 2016, p. 121).

A partir da perspectiva que reafirma que padrões pré-estabelecidos de beleza e saúde são construídos historicamente a partir de demandas biopolíticas, é possível problematizar sobre o quanto o saber biomédico, e os próprios profissionais da saúde em diversos momentos, contribuíram e contribuem para a reprodução da gordofobia nas práticas cotidianas. Não consigo, por exemplo, trazer à memória uma única vez na qual eu fui ao

médico e não me recomendaram exercício físico e alimentação ‘saudável’, mesmo antes dos exames serem realizados e/ou minhas demandas serem ao menos consideradas.

Sobre essa perspectiva crítica, Jimenez-Jimenez et al. (2023) comentam que “a visão que se tem de qualquer pessoa gorda, não importando sua subjetividade, história, cultura e hábitos, já é um pré-diagnóstico, um enquadramento do corpo gordo como um corpo doente” (p. 29), o que por si só já se configura como um ato gordofóbico, pois reduz a complexidade de uma pessoa gorda, suas experiências e potencialidades, a um marcador corporal localizado como patológico, o corpo que deve ser corrigido.

Discursos médicos modernos são constituídos pela dualidade entre aquilo que é definido socialmente como normal ou patológico, considerando como necessariamente desviantes as medidas que não se encaixam nos valores pré-estabelecidos. Importante considerar que essas medidas são estabelecidas pela Organização Mundial da Saúde [OMS] (2000), tendo como parâmetro uma noção corporal supostamente universal, sem considerar particularidades regionais, raciais, familiares, anatômicas, culturais, entre outros... visto que, em 1998, a organização adotou o Índice de Massa Corporal [IMC] como principal critério para classificar nutricionalmente uma pessoa, ferramenta essa que considera apenas o peso e a altura. (Mihai, 2024)

Pode-se compreender esse fenômeno através do conceito de biopolítica engendrado por Foucault (1979), que remete a um processo de “governo sobre a vida”, ditando as regras que separam aquilo que é aceito do que é condenado por ser nomeado como desviantes, sustentando desigualdades sociais (Caponi, 2014). Portanto, entendo que discursos gordofóbicos operam para circunscrever um viés normativo de corpo, articulando maneiras plurais de controle dos modos de existência que se desenham desde o início da modernidade, sendo que “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela

consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. [...] O corpo é uma realidade biopolítica”. (Foucault, 1979, p. 46).

Nesta perspectiva, e considerando as demandas de produtividade da sociedade capitalística, me pergunto qual a função biopolítica de demarcar corpos gordos como anormais, ininteligíveis, monstruosos? A que demandas atendem os circuitos que insistem em demarcar e classificar alguns corpos como desviantes? Corpos aqueles que supostamente “fogem” de normas pré-estabelecidas nas engrenagens da biopolítica. Como forma de controle, a punição e a culpabilização individual de pessoas gordas se configuram como estratégias biopolíticas, sendo constituída uma rede de práticas discursivas normativas/violentas, assim como problematizam Juliana e Baleia.

*Eu me descobri gorda desde pequeninha [...] eu sabia que eu não era igual às minhas amigas que eram magras. [...] Quando eu dei uma crescidinha eu comecei a participar de competições de dança, e eu lembro que foi nesse momento que caiu a minha ficha, quando uma professora de dança chegou para mim, para minha mãe e para a mãe de outra menina, chamou em um canto e conversou, em uma reunião de pais e falou ‘a filha de vocês são as melhores da sala, elas super estão prontas para ir para competições maiores, mas a Juliana não tem chance porque ela não é magra que nem as outras meninas. [...] fiquei muito chateada porque era uma coisa que eu amava, [...] e foi nesse momento que eu me entendi gorda (Juliana, 22 anos)*

*Nasci gorda e passei a vida inteira gorda, até agora e assim, acho que não vai mudar, acho que desde muito nova, antes daquela socialização fora da família, mas já tinha aquela ideia de eu ser muito pesada, eu lembro algumas primeiras histórias sobre meu corpo bebê, era de quando eu fui começar a andar, que eu ia tentar me*

*levantar e as pessoas mandavam eu me sentar, porque tinham medo que eu era muito pesada, e aquela história foi repetida várias vezes até eu começar a gravar ela na minha cabeça (Baleia, 30 anos)*

E, considerando, ainda, o debate posto em uma perspectiva interseccional, Vigarello (2012) problematiza sobre os modos como as perspectivas de corponormatividade e gordofobia operam também de modo generificados e racializado, implicando em algumas diferenças entre homens e mulheres. Segundo o autor, “a culpabilização, por exemplo, revela-se mais severa com o corpo feminino, do qual tradicionalmente se espera flexibilidade e leveza” (Vigarello, 2012, p. 12). Nesta conjuntura, as lógicas de opressão se intensificam ainda de modo mais contundente se o corpo dessa mulher foi racializado como preta, sendo notável a intersecção entre cisheteronormatividade e racismo.

Essa culpabilização situada do corpo feminino atualiza, em uma perspectiva biopolítica, as históricas dinâmicas de controle do corpo feminino que o patriarcado faz circular, como contextualizado anteriormente de modo breve. Tais práticas de controle estão agenciadas a uma rede de saberes e poderes que interferem sobremaneira nos processos de subjetivação, ou seja, na constituição de subjetividades e sujeitos. Logo, “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem relevam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (Foucault, 1997, p.10)

Hoje, nos deparamos com uma realidade em que a necessidade da afirmação de uma certa noção de “saudável”, do tornar-se bela(o) e do cuidado com a própria aparência se tornam imperativos. Normatiza-se, então, regimes de verdades que demarcam a obrigatoriedade do emagrecimento, sendo que, segundo Sant’anna (2016),

o medo de engordar tornou-se tão comum nos conselhos de beleza e saúde quanto o alardeado temor dos homens de se casar. Desde que os problemas do sobrepeso e da obesidade começaram a ser divulgados com assiduidade pela mídia, o medo de engordar generalizou-se. Transformando em sentimento necessário para garantir a saúde, dito medo afirmou-se, primeiro, como uma demonstração legítima e normal de amor-próprio e, logo a seguir, como uma prova de autoestima. (p. 112).

Tais discursos constituem uma rede de vigilância sobre toda a população, o que implica em múltiplos efeitos psicossociais, como distúrbios alimentares, dificuldades de obtenção de amor-próprio e autoestima, práticas diárias de violências nas instituições. Neste cenário, destaco, em especial, que os efeitos dos estigmas<sup>13</sup> sobre o corpo gordo também afetam as relações, afetivas e amorosas das pessoas gordas, caracterizando fenômenos violentos no cotidiano, como a estigmatização e as exclusões. Logo, como afirma Jimenez-Jimenez (2020),

ser gordo é afastar de perto de você as pessoas, a família, os amigos, e os relacionamentos podem ser relações de sofrimento, tristeza e culpa. Nesse sentido, a aparência de uma pessoa gorda pode provocar no outro repulsa, já que, embutido ao corpo maior, está contido um valor moral negativo por sua aparência. (p. 86)

Dessa forma, é imprescindível mapear práticas discursivas que na atualidade dão materialidade para a associação entre corpo gordo e anormalidade, considerando que a disseminação dessas narrativas se articula como ideais regulatórios na vida em sociedade,

---

<sup>13</sup> Contextualizando a noção de estigma, Erving Goffman (1988, p.4) o define como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”. E, como consequência, um sistema que “estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso” (p. 9).

interferindo nos modos de subjetivação de cada sujeito, em destaque nesta pesquisa nas relações afetivas e amorosas de mulheres gordas.

Destaco, ainda, a urgência de considerar os sofrimentos, exclusões e até mesmo as particularidades do corpo gordo nas pautas que configuram os debates e estudos na psicologia brasileira. São décadas de negligência para com sujeitos gordos, pois, quando se escuta, de forma simplória e resumida: *“o objeto de estudo da psicologia é o ser humano e a subjetividade”*, eu aposto que não vem ao imaginário de quem ouve uma perspectiva de ser humano e subjetividade gorda. Sobre tal questão, Baleia afirma que se *“você for atrás de psicólogos que fazem avaliação para cirurgia bariátrica você encontra dezenas aqui, no interior, mas psicólogo que vai acolher o corpo gordo você não vai encontrar (Baleia, 30 anos)*.

Há que se considerar, portanto, a produção de uma Psicologia que assuma, de fato, a noção de interseccionalidade como um operador conceitual fundamental na análise dos processos de subjetivação, ou seja, que considere as diferenças que nos constituem enquanto população brasileira, a partir da interconexão entre marcadores sociais de corpo, território, raça, classe, gênero, corpo, entre outros.

Deste modo, analiso na última cena parte das minhas vivências como mulher pesquisadora gorda em um programa de mestrado em psicologia de uma universidade no interior do Paraná, evidenciando tanto a escassez e dificuldades para pautar estes debates no cenário acadêmico. Há que se considerar, portanto, a produção de uma Psicologia que assuma, de fato, a noção de interseccionalidade como um operador conceitual fundamental na análise dos processos de subjetivação, ou seja, que considere as diferenças que nos constituem enquanto população brasileira, a partir da interconexão entre marcadores sociais de corpo, território, raça, classe, gênero, corpo, entre outros. E, assim como defende Felipe

Fachim (2022), direcionar os estudos do campo psicológico à uma produção da Psicologia Gorda<sup>14</sup>.

Os estudos em gordofobia são recentes na psicologia, e até mesmo nas ciências sociais. Realizei um levantamento bibliográfico sobre os temas apresentados nas plataformas *Scielo*, *Pepsic* e *BVS Psicologia Brasil*. Inicialmente, buscando apenas pela palavra-chave “gordofobia”, encontrei apenas 3 artigos, escritos pelos autores: Jamilly Oliveira et al. (2022); Marina Paim e Douglas Kovaleski (2020); Camila Ferraz, Rebeca Ferreira e Roberta Mélo (2020).

Em um sobrevoo sobre os resumos dos artigos encontrados, noto que os debates estão articulados em temáticas, como, as destacadas a seguir: o primeiro artigo dizia sobre a garantia de direitos humanos de forma geral, passando pela gordofobia. O segundo, articula uma crítica sobre como a patologização do corpo gordo acaba por justificar a gordofobia. Por fim, o terceiro artigo tem o objetivo de entender as experiências cotidianas de mulheres gordas e os significados dados por elas a essas experiências. Ou seja, textos mais recentes, que consideram a problemática do preconceito, da patologização e da perda de direitos.

Especificamente sobre a temática que instiga essa investigação, ao inserir as palavras-chave “mulheres”, “gordofobia” e “mídia” nas mesmas plataformas (*Scielo*, *Pepsic* e *BVS Psicologia Brasil*), nenhum artigo foi encontrado. Tal fato evidencia que questões relacionadas às dimensões corporais, sobretudo as corporalidades gordas, não têm sido foco de interesse no cenário de produção da psicologia. Sendo assim, é evidente a importância e relevância dessa pesquisa, pois investigações nessa temática ainda são escassas, sendo que os debates sobre corponormatividade e gordofobia não têm sido geralmente pautados também nos processos de formação em psicologia.

---

<sup>14</sup> Para o autor, a Psicologia Gorda se define como “uma proposta de inauguração de um território de estudos, embasado nas epistemologias gordas, cujas características principais têm por aporte possibilitar a promoção de um olhar positivado para as experiências de vida das corporalidades gordas, por um viés antigordofóbico” (Fachim, 2022, p. 9).

Considero necessário, em aliança aos pressupostos e lutas pautadas no campo da pesquisa Gorda, ouvir e visibilizar as vozes e experiências de pessoas gordas, que, por muito tempo, foram e ainda são estigmatizadas e negligenciadas, ou até injustiçadas pela mídia, saberes acadêmicos, entre outras narrativas sociais. A “Pesquisa Gorda: estudos transdisciplinares das corporalidades gordas” é um campo, ou linha de pesquisa, que reivindica espaço desde o ano de 2017, no Brasil. Este campo emerge em aliança ao ativismo gordo estadunidense, fundado em 1969, com a criação da *National Association to Advance Fat Acceptance* (NAAFA - Associação Nacional para o avanço da aceitação da gordura e de pessoas gordas), mas tem como base os estudos decoloniais, visando produzir conhecimento a partir do ponto de vista subalternizado, de pessoas gordas e para pessoas gordas que vivem na América Latina. A associação surge com o objetivo de questionar o discurso médico hegemônico, que resulta na patologização de pessoas gordas (Rangel, 2017). Sendo assim, Pesquisa Gorda surge para engordurar a ciência e produzir conhecimentos interseccionais, no que diz respeito à corporalidade e à vivência da gordofobia nas mais diversas instituições (Jimenez-Jimenez, et al, 2022).

Escutar as dores, sofrimentos e experiências que mulheres gordas vivenciaram e vivenciam atualmente, contudo, não as reduzir a essas experiências dolorosas, afinal, considerar um ser humano em sua complexidade implica na compreensão de que este é constituído por uma pluralidade de (im)possibilidades desejanter, alegres, resistente. Nesta conjuntura, é importante também questionar os impactos dos discursos gordofóbicos nessas mulheres, visando a garantia de direitos delas como sujeitos a partir da valorização de suas singularidades.

Destaco, ainda, sobre a importância do debate interseccional sobre corpos gordos, o que implica em diferenças, dificuldades e privilégios entre essa população em específico e nos modos como a sociedade os/as nomeia. Aqui vale conceituar, portanto, a importância da

noção de *interseccionalidade* nesta pesquisa. Problematizada hoje por diversas autoras como Carla Akotirene (2019), Patrícia Hill Collins & Sirma Bilge (2020), a análise interseccional de fenômenos visa considerar as múltiplas formas que diferentes subjetividades são impactadas pela relação entre sistemas de opressão presentes na estrutura social hoje, assim como afirma Akotirene (2019):

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (p. 14).

Ou seja, marcadores sociais de diferença implicam em múltiplas experiências na população. Assim, categorias como “raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente”. (Collins & Bilge, 2020, p. 16). Importante pontuar o conceito de interseccionalidade como contribuição essencial do feminismo negro, pois foi desenvolvido considerando o machismo/misoginia que mulheres negras sofriam, e ainda sofrem, dentro do movimento negro, e o racismo estrutural direcionado a elas, quando tentaram aliança no movimento feminista. Assim, como dito por Akotirene (2019, p. 17), “é da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade”.

Além de compreender a importância do feminismo negro na proposição e análise interseccional, e considerar a interconexão entre marcadores mais comumente considerados como raça, classe e gênero, um dos meus desejos é que essa dissertação possa contribuir no movimento crescente que debate sobre a importância de também pensar o corpo e a

corporalidade como marcadores de interrupção ou privilégio na estrutura gordofóbica na qual vivemos – visto que essa é uma questão que não foi debatida nos estudos iniciais da interseccionalidade.

Para articular este debate, retomo a análise do meu lugar de fala. Como mulher branca, cis e universitária, ainda que vinda de uma família que sempre enfrentou dificuldades econômicas, noto que há algumas brechas para que minhas inquietações sejam ouvidas, que a minha existência seja considerada e que, inclusive, eu possa desenvolver esta pesquisa de mestrado. Me questiono, então, sobre efeitos da corponormatividade e da gordofobia em intersecção com outros sistemas de opressão, como, por exemplo, o racismo, transfobia e a xenofobia e pergunto sobre vivências de mulheres gordas pretas, trans, migrantes, com obesidade definida pela Organização Mundial da Saúde como mórbida, enfim, corpos monstros como denuncia Paul Preciado (2022).

Assim, considero a relevância dessa pesquisa também em somar em outras investigações que insistem em sinalizar que uma certa noção normativa de humanidade é instituída como referência de cidadania e normalidade. Referência, inclusive, que é amplamente situada como objeto de estudos na psicologia tradicional: o sujeito branco, europeu e magro.

É fato que vivemos em uma sociedade desigual e diversa e que elege um tipo de sujeito como referência única de humanidade, existência que por ganhar o estatuto de humanidade “merece” ser validada, enquanto outras são posicionadas de modos subalternos e marginais. Sendo assim, quanto mais uma pessoa se aproxima daquilo que é delimitado como desviante da norma, mais invalidado e violentado é, se tornando um corpo alvo.

Ainda que eu compartilhe da afirmação de Rangel (2018, p. 39), ao dizer que “significado simbólico de cada tipo de corpo varia de época para época, de cultura para cultura, de espaço geográfico para espaço geográfico”, ousou dizer que a experiência de ser

uma mulher gorda no Brasil contemporâneo implica necessariamente na experimentação de violências cotidianas, ainda que desiguais. Nesta perspectiva, é fundamental considerar que minha pesquisa considera impactos psicossociais de representações midiáticas do corpo gordo, mais especificamente da gordofobia, nas relações amorosas de mulheres gordas.

A investigação cartográfica foi escolhida justamente por possibilitar uma pesquisa onde não há separação entre pesquisador e objeto pesquisado, visto que, como disse anteriormente, experimento também a tecedura dessa investigação a partir de meu lugar de pesquisadora pesquisada, das minhas vivências, da minha história, do meu corpo.

Tomando propriedade então deste lugar tão único, o meu lugar, gostaria de compartilhar algumas afetações e situações vividas no primeiro ano do processo de mestrado, ou seja, no meu percurso de pesquisar discursos sobre o corpo gordo. Preciso dizer que a decisão por essa pesquisa não foi uma tarefa fácil, justamente por dizer de vivências dolorosas tão íntimas. Mas, além do medo de ter que rever minhas histórias, de ter que traçar novas pistas teóricas e práticas sobre mim e meu corpo, tinha um receio maior ainda sobre como a academia ia lidar, ou não, com a minha proposta de pesquisa, pois, honestamente, nunca achei que o tema era relevante suficiente para uma dissertação de mestrado. Contudo, mesmo imersa nestas experiências tão conhecidas de insegurança, ingressei no programa, não há palavras que expressem a minha gratidão à minha orientadora, que em todas as dificuldades fez questão de apostar em mim, lutar comigo por esta pesquisa e para desestabilizar enunciados que operam para manutenção da gordofobia.

Porém, as dificuldades se mostraram presentes nesse longo percurso cartográfico que me propus a trilhar. Fiz questão de me esquecer de muitas dificuldades vividas em minha trajetória escolar, mas, pensando na escrita dessa minha (nossa) cartografia sentimental, acho importante pontuar certas violências veladas vivenciadas na academia e que ressoaram em afetos tristes em mim. Dentre tantos desafios, destaco a resistência de certos professores em

aceitarem que uma pesquisadora gorda estava sim pesquisando sobre gordofobia, comédias românticas, protagonismo gordo e relacionamentos amorosos de mulheres gordas, pois essa linha de pesquisa ainda é desvalorizada e descredibilizada, sendo considerada “menos ciência” nos programas de pós-graduação do país e nas revistas científicas, afinal a gordofobia é estrutural e permeia os saberes dentro da instituição acadêmica (Jimenez-Jimenez, et al, 2022). Fui questionada sobre a relevância da minha pesquisa e me disseram para eu tomar cuidado pois estava muito imersa na escrita, correndo o “risco” da personalidade na investigação. Tais críticas acionaram em mim sensações de que talvez eu e meu corpo realmente não coubessem em um programa de mestrado.

Tive que parar por um momento para entender o que estava sentindo e refletir criticamente (e de modo situado) sobre essas colocações. Por um breve e dolorido momento, me questionei se o fato de eu estar muito imersa na investigação me tornava menos pesquisadora. Por um breve e doloroso momento, me questionei novamente sobre a relevância dessa proposta, sobre a relevância da minha vida. Por um breve e doloroso momento, a tentativa de silenciamento me silenciou.

Porém, este momento foi breve. Agradeço às partilhas com pesquisadoras/es, artistas e amigos/as/ues que me ajudaram a lembrar que eu me propus a produzir uma escrita encarnada, uma escrita desde o corpo, meu corpo e de tantas outras mulheres gordas demarcadas pelo discurso biomédico como excessivas, descabidas, anormais. A partir também do encontro com a Pesquisa Gorda e seus estudos transdisciplinares, pude me permitir esse lugar, o lugar de pesquisar e ser pesquisada. Sim, meu objetivo é exatamente este, estar imersa em mim, dizer de um lugar que me toca, ser e estar na posição de *pesquisadora pesquisada*, desestabilizar esses processos de colonialidade do saber que insistem em desclassificar as dimensões subjetivas e corporais na artesanaria de uma investigação.

Segui em frente e, ao submeter a pesquisa no CEP, recebi um parecer questionando a utilização do termo gorda em minha pesquisa, como se este fosse necessariamente pejorativo e preconceituoso. O parecer também indicava a substituição do termo por “sobrepeso” ou “acima do peso”. Não sei se você se recorda, cara leitora, mas no primeiro parágrafo desta dissertação expus sobre a dor vivenciada ao longo da minha vida pela impossibilidade de nomeação do meu corpo gordo. Pois bem, uma certa noção de ética, construída a partir de parâmetros biomédicos, me interpelou na tentativa de negar a possibilidade de meu corpo existir como gordo. E, novamente, por um breve e doloroso momento, me questionei sobre a necessidade do termo gorda.

Porém, novamente, este momento foi breve. Juntamente com minha orientadora, que se nomeia aliada à luta antigordofóbica<sup>15</sup>, respondemos ao Comitê que o termo gorda seria mantido na pesquisa, argumentando que optamos por mantê-lo pois seu uso vem sendo reivindicado por ativistas e/ou pesquisadores/as que nas últimas décadas debatem o fenômeno estrutural da gordofobia. Localizamos o CEP que desde os anos de 1970, mais especificamente no contexto estadunidense e organizado por um grupo de mulheres feministas gordas, vem sendo articulado um movimento de luta por direitos denominado “ativismo gordo”, que implicou na constituição de um campo científico de investigação delimitado como pesquisa gorda.

Explicamos que tais movimentos ativistas e científicos reverberaram em outros países e também no contexto brasileiro. Estes/as ativistas e pesquisadores/as problematizam que a associação dos termos gordo e gorda a representações negativas é um dos exemplos dos modos como a gordofobia se estrutura nas relações sociais e no âmbito acadêmico. Em decorrência disso, a pesquisadora uruguaia Magdalena Piñeyro (2016), no livro *Stop*

---

<sup>15</sup> Destaco aqui a diferenciação de uma luta ativista contra a gordofobia e uma luta aliada. Mediante ao seu privilégio magro, pessoas aliadas podem sim compor na luta contra a gordofobia, porém, de um lugar outro, a partir do reconhecimento de seu privilégio. A luta ativista, por outro lado, parte de uma motivação visceral, de uma resistência que sente em corpo as dores da violência estrutural que é a gordofobia.

*Gordofobia y las panzas subversas*, afirma a importância da utilização do termo gordo e gorda como um modo de empoderamento, de politização da gordura e de denúncia da gordofobia.

Explicamos também que a insistência na utilização do termo gorda nesta pesquisa de mestrado em andamento também se configura como um modo teórico e político de desconstruir a correlação sinalizada pelo CEP, garantindo visibilidade, representatividade e direitos constitucionais de mulheres gordas. Por fim, sugerimos que as/os pesquisadoras/es do CEP leiam Constanza Alvarez Castillo (2014); Charlotte Cooper (2008); Malu Jimenez-Jimenez, (2022); Magdalena Piñeyro (2016) e Natália Fonseca de Abreu Rangel (2018). Após contestar o posicionamento do CEP, o parecer foi que o trabalho estava aprovado, mas sem apontamentos, sem uma retratação ou sinal de que os pareceristas tinham repensado o posicionamento anterior. Entendo que hoje exista uma problematização em volta da prática do CEP, e em como os seus pareceres estão guiados por uma visão exclusivamente biomédica de “seres humanos”. Mello (2016), relata sua experiência com as devolutivas capacitistas emitidas pelo comitê, e pontua que “De fato, o que se chama de concepção capacitista está intimamente ligada à corponormatividade que considera determinados corpos como inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação quando situados em relação aos padrões hegemônicos corporais/funcionais” (p. 3271). Ao sugerir os termos “sobrepeso”, ou “acima do peso”, o comitê parte do pressuposto que exista um peso pré-determinado, posicionando em lugar de abjeção e desvio aqueles que não possuem tal medida – preferir a nomenclatura “sobrepeso” para se referir à uma pessoa gorda reproduz a corponormatividade, colocando-as em um lugar inferior aos esperados padrões hegemônicos corporais.

Mais do que nunca, entendo sobre o quanto apostar em uma epistemologia gorda é resistência, é ato político, é luta. Não é à toa que vozes hegemônicas tomam conta da maior parte dos discursos oficiais a tanto tempo. Se você, querida leitora, é uma mulher gorda

aspirante a pesquisadora, dedico essa parte de minha dissertação a você, dedico toda a minha dissertação também a você. Saiba que sua voz é única, seu trabalho é essencial, e sua vivência inspira a de outras mulheres, inspira a minha. Gostaria de agradecer a linda rede de apoio que construí durante essa pesquisa, com este bando de pessoas e pesquisadoras/es desobedientes pude compreender para quem e com quem eu tenho desejo de caminhar e de fazer ciência. E, por mais que descaracterizem minha posição de pesquisadora, resisto por todes aquelas/es que vieram antes de mim, e que virão depois de mim. Assim, em aliança com Glória Anzaldúa (2000, p. 232) em sua carta endereçada para as mulheres escritoras do terceiro mundo, afirmo que “escrevo porque tenho medo, mas tenho um medo maior de não escrever”.

### EPISÓDIO 3 – A vida através de imagens: subjetividades e amores tecnológicos

Não sou muito de fazer apostas, cara leitora, mas posso apostar que o enredo desse episódio dirá um pouco sobre sua experiência no mundo. Por mais individuais e únicas que sejam nossas histórias, há atravessamentos coletivos aos quais não se pode escapar totalmente. Há quem chame de sociedade, há quem prefira sistema, enfim, conviver em um espaço/tempo histórico localizado implica em condições que possibilitam algumas similaridades nas vivências de cada pessoa, mesmo que cada uma as experiencie de modo singular. Peço licença poética para partilhar uma cena nesse momento, um breve trecho de sensações e palavras que insistem em meu corpo. Fique à vontade para se identificar e/ou tecer comigo, afinal, esta dissertação não reivindica autoria própria e sim coletiva:

*Quinta-feira, dia chuvoso, úmido e frio na medida certa.*

*Chego do colégio, há um ânimo bem particular e rotineiro em mim sobre ter a tarde livre, sem atividades acadêmicas e sem tarefas de casa para cumprir. Ter a tarde livre sempre foi um prazer que adorei sentir.*

*Me deito ao sofá, hora de decidir o que me fará companhia, junto à minha coberta, à minha pipoca recém estourada, ao meu brigadeiro de panela.*

*Em minha mente a resposta parece óbvia: comédia romântica! O que poderia combinar mais nesse cenário?*

*Com o uniforme ainda no corpo, a urgência de experienciar aquela tarde falava muito alto. O botão do play é acionado, e pelas próximas quase duas horas poderei me apaixonar pelos personagens que se apaixonam entre si.*

*Sempre vi beleza nas histórias de romance, sempre consumi, com tamanha intensidade, filmes e livros nos quais os personagens faziam de tudo pelo amor. O amor,*

*como poderia, eu, não acreditar no amor sendo que, no uniforme do colégio, meu corpo experienciava as mais diferentes histórias, e todas elas justificadas pelo poder do amor?*

*Além de sempre ver beleza nas histórias de romance, via beleza na maneira como os personagens levavam a vida, em como o amor era responsável por resolver todos os problemas, justificar as maiores loucuras e ser a motivação de tudo.*

*Assistindo sobre o amor, entendo hoje que o compreendo mais do que deveria, mas que não o conheço.*

*(texto de autoria própria)*

Bom, não sei se essa cena, ou algo dela, lhe é familiar, cara leitora, mas esta representa uma parte significativa das inquietações de minha adolescência, uma parte grande da “pele que habito” (Almodóvar, 2011). Até escolher por essa pesquisa, ou ela me escolher, achava que essa lembrança me era particular, hoje entendo que a cena, mesmo que pessoal, não me é exclusiva.

O episódio está dividido em duas cenas. Inicialmente, na cena 3.1, debatorei sobre efeitos subjetivos e sociais das tecnologias em circulação. Em seguida, na cena 3.2, analisarei mais especificamente os filmes românticos *mainstream* como tecnologias de gênero que reproduzem e fazem circular noções normativas de amor, gênero e corporalidade.

O caminho que esse episódio trilha parte também dessa cena. O roteiro contemplará a problematização da mídia, de alguns filmes e da perspectiva de amor romântico como produção social moderna e opressiva de gênero. Artigo uma análise que considera os processos de subjetivação, as dimensões amorosas e noções corporais como produções também tecnológicas, demarcando uma fronteira borrada entre vida e mídia.

Uma pontuação aqui faz-se importante: nessa dissertação articulo uma crítica ao amor em sua forma ‘romântica’. Entendo que o romance e o amor são fenômenos que divergem

entre si – mesmo que tenham me levado alguns anos e tempo de estudo para fazer essa diferenciação. Parto da ideia de que o romance se sustenta pela idealização das relações, pelo consumo de fórmulas midiáticas e por noções binárias constituídos pelo sistema de sexo-gênero. Sendo assim, o romance contribui com

aquele visão de contos de fadas em que duas almas se encontram, se juntam e vivem felizes depois disso – é coisa de fantasias infantis. Entretanto, muitos de nós, mulheres e homens, carregam essas fantasias para a vida adulta e são incapazes de lidar com a realidade do que significa ter uma conexão intensa (hooks, 2021, p. 210-211).

Filmes românticos, tidos nesta dissertação como tecnologias de gênero (Lauretis, 1987), operam na reprodução desses ideais de relação, em uma fórmula cisheteronormativa magra, como articulado nesse episódio. Nas próximas cenas, ao decorrer dessa jornada-dissertação, apresentarei outra definição do amor, que desobedece, rompe e resiste aos imperativos normativos de afeto.

Caso você se sinta à vontade, cara leitora, prepare uma pipoca, pegue uma colher para o brigadeiro, coloque o pijama velho e chegue junto, separei um lugar especial no sofá para você. [*Play*].

### **Cena 3.1: Seres conectados – Impactos das tecnologias audiovisuais nos processos de subjetivação na atualidade.**

Como disse anteriormente, não sou uma pessoa de apostas, mas, curiosamente, durante essa pesquisa estou me permitindo algumas. Vou entendendo aos poucos que as vivências do mestrado implicam também em processos de reinvenção de si. Agora, cara

leitora, acredito que provavelmente para ler essa dissertação você está com o celular na mão, ou com a tela do computador acesa ... acho difícil acreditar que você está com a versão física (em papel) dessa minha escrita. Por um lado, lamento a falta do papel e de letras coloridas entre nossos dedos ultimamente, embora eu entenda que as árvores fiquem gratas com esse movimento. São inegáveis os impactos das telas e do excesso de informações e imagens no cotidiano de grande parte da humanidade, mesmo que existam regiões do planeta marcadas tão intensamente pela pobreza, sem nem acesso à direitos básicos, como, por exemplo, energia elétrica. Nesta cena 3.1 partilho inquietações sobre esses efeitos da vida *high tech*.

Imaginar uma atividade que não requeira conexão *Wi-Fi* tornou-se uma tarefa difícil para grande parte da população. Agendas, mensagens, receitas, reuniões, bancos, tutoriais, aulas, atividades acadêmicas, imagens e leituras circulam no nosso dia nos sequestrando em um modo *online* de existência, nos tornando seres contemporâneos imersos em tecnologias, tanto comunicacionais quanto funcionais. Ocupamos a contemporaneidade como seres ciborgues, como sugere Donna Haraway (2000).

A pandemia de COVID-19 denunciou, estimulou e tornou visível este fenômeno. Em consequência do confinamento compulsório, estabelecido como medida protetiva, as pessoas passaram a se relacionar remotamente com os outros em um mundo altamente globalizado. Como alternativa ao isolamento total, o trabalho e as relações aconteceram, em sua maioria, no espaço virtual. Primo (2020) situa que essa interação *online* amenizou as dificuldades relacionais, pois as “conversações na internet com amigos e familiares, a educação a distância e o teletrabalho certamente não resolveram as limitações impostas pelo isolamento social, mas permitiram que a crise não fosse ainda maior” (p. 181). Especificamente sobre as redes sociais, o estudo de Primo (2020) revela que “alguns estudantes relataram que mesmo já tendo uso muito alto [das redes sociais] antes da quarentena, tal volume teria aumentado ainda mais com o distanciamento social” (p. 188), sendo que 37,1% dos participantes da

pesquisa relataram terem intensificado o consumo das redes sociais durante o período pandêmico.

De fato, o uso das redes teve impacto nesse período tão singular e amedrontador da pandemia do COVID-19. Porém, é necessário também destacar considerações sobre as possíveis atuais e futuras consequências dessa intensa imersão nas redes<sup>16</sup>, pois, como diz Prado e Mansano (2021), “pode-se dizer que a pandemia por Coronavírus coloca em destaque uma série de processos e problemas que o neoliberalismo, por meio de seus agentes articuladores e defensores, faz grande esforço para negar” (p. 16), como, por exemplo, a desigualdade social, a violência, a exclusão e, no que diz respeito ao uso das redes sociais, o escancaramento da competitividade e do individualismo (Prado & Mansano, 2021).

E, neste contexto, minha pesquisa dá maior destaque às tecnologias audiovisuais, em especial o cinema, considerando que estas ocupam um grande espaço e circularidade no cenário social. Isso significa dizer que discursos, fenômenos sociais e modos de subjetivação que se desenham na atualidade não se constituem apenas em meio a narrativas orais e/ou escritas, mas também são intensamente atravessados por circuitos imagéticos e midiáticos, assim como analisam Rejane Rodrigues e Francisco Farias (2018), que consideram estarmos presenciando

a incorporação das novas tecnologias audiovisuais em nosso cotidiano com o tempo. Incorporamos toda uma reestruturação das funções das práticas culturais de memória, de saber, do imaginário e criação devido a um contexto social e cultural que não se restringe mais à produção de narrativas orais e escritas, mas que também se apresentam através de imagens e sons. (p. 117)

---

<sup>16</sup> Segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 90% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet, e 96,3% deles possuem telefone celular móvel

A maneira pela qual somos expostos a conteúdos imagéticos começa a se modificar com o surgimento da televisão, considerando que ter um televisor era, e ainda é, em menor escala, um privilégio dos que possuíam o poder aquisitivo para comprar. A realidade brasileira se mostra um pouco diferente, pois, segundo o último Censo divulgado Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], em 2022, 95,5% dos domicílios brasileiros têm acesso a pelo menos um televisor. Glitin (2003) descreve um estudo feito em 1999, que denunciava a média de horas que um televisor ficava ligado ao dia. Nos lares americanos<sup>17</sup>, por exemplo, a média era de sete horas por dia. Já no Brasil, um estudo realizado e divulgado pelo Governo Federal em 2010, mostrou que “quase metade da população brasileira (49,6%) costuma assistir TV de duas a seis horas por dia. Apenas 9% da população assiste TV por um período superior a seis horas diárias” (p. 12).

Os números não mudaram tanto nos últimos quase dez anos, pois o estudo ‘*Inside Video 2023*’, realizado pela empresa Kantar Ibope, revela que a média de horas do/a brasileiro/a assistindo à televisão é de 5 horas e 17 minutos, no mesmo ano. Isso sem considerar o período de tela dedicado aos *streamings*, sendo que, segundo o mesmo estudo, no ano de 2022, 49% dos brasileiros assinaram em média 4+ plataformas de *streaming*. Importante também ressaltar que o tempo assistido desconsidera o tempo no qual as pessoas comentam sobre os programas, pensam sobre estes, pesquisam e optam por interagir com os/as atores/atrizes/personagens (Gitlin, T. 2003).

Para além dos efeitos subjetivos e sociais da televisão, filmes e outras produções midiáticas – os quais irei abordar com mais profundidade na próxima cena – analiso ainda

---

<sup>17</sup> Entendo que aqui o autor não especificou sobre quais americanos ele estava se referindo, considerando que a América envolve os habitantes de todo continente (América do Norte, Central e do Sul). Mas, pelo contexto do texto, e pelo ideal de povo “americano” que perpassa os discursos, valorizando os estadunidenses, creio que o autor se referia aos habitantes dos Estados Unidos da América.

que nos encontramos em uma sociedade ultra conectada pelas redes sociais<sup>18</sup>, *whatsapp* e outras linguagens comunicacionais. Eu mesma já ouvi alguns relatos sobre como os/as adolescentes mais novos costumam pesquisar uma receita, um tutorial ou até mesmo um conteúdo específico no *TikTok*, e não mais no *Google*, como eu particularmente ainda faço. Plataformas que preveem exposição de imagem estão cada dia mais em alta, e é nesse mundo/contexto que nossas subjetividades/corpos têm se constituído em um processo produtivo incessante.

Portanto, falar sobre o sujeito atualmente é compreender que a subjetividade “resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, **tecnológicas, de mídia**” (Guattari & Rolnik, 1996, p. 34, grifo meu). Além de que, dar a devida atenção a esses processos sociais/tecnológicos também implicam em compreender as relações e fenômenos contemporâneos, pois, assim como argumenta Miskolci<sup>19</sup> (2017), “o advento das novas tecnologias comunicacionais em rede não é apenas tecnológica e midiática, mas também social, já que modifica profundamente nossos horizontes aspiracionais, desejos e, inclusive, como não poderia deixar de ser, nossas relações interpessoais.” (p. 261).

Um exemplo disso é justamente o fato de as mídias digitais se configurarem em **redes**, o que significa dizer que cada usuário tem a autonomia de construir a sua própria, deixando de lado as pessoas e conteúdos com os quais não deseja entrar em contato, por meio do bloqueio (Miskolci, 2017). Alguns sites relacionais, como o *Twitter (X)*, já apresentam

---

<sup>18</sup> O acesso à internet, mesmo que presente na grande maioria dos lares brasileiros, não é um acesso igualitário, visto que existem fatores como a qualidade da conexão, quantidade de aparelhos conectados, o número de horas de acesso, se são utilizados apenas dados móveis, entre tantas outras variáveis.

<sup>19</sup> Importante pontuar que, nos últimos anos, houve divergências entre o pesquisador Miskolci e o movimento trans. Contudo, considero que nas arenas políticas e acadêmicas os embates são necessários, ainda que eu também discorde de parte dos posicionamentos teóricos do pesquisador. Não vejo o porquê desconsiderar anos de contribuição nos estudos de gênero pelos diferentes modos de pensar que ele possui atualmente. Reconheço também que a ciência e o conhecimento fazem-se nos questionamentos e nas diferenças de opiniões. Assim como os autores, Berenice Bento, Karla Bessa, Larissa Pelúcio, Pedro Paulo Gomes Pereira e Tiago Duque, compreendo a importância das contribuições de sua obra nas últimas décadas. (2023; Debate disponível em: <https://outraspalavras.net/movimentoserebeldias/em-defesa-de-richard-miskolci/>)

também a opção de silenciar palavras, nomes ou frases, tornando possível também que o usuário não tenha acesso a assuntos específicos. Portanto, o sujeito contemporâneo é cada dia menos exposto a diferenças e opiniões contrárias às dele, tanto por desejo quanto pela forma como os algoritmos digitais funcionam, assim como aponta Pelúcio (2019): “As emoções moduladas pela lógica dos algoritmos matemáticos vão traçando combinações entre pares, nos colocando frente a formas de organizarmos a exposição de quem somos e de nossos interesses, muito próxima àquelas que regem as dinâmicas do mercado” (p. 187)

Importante também pontuar, contudo, que problematizar sobre mídia não implica em apenas contemplar os meios eletrônicos de comunicação, mesmo que estes tenham se mostrado protagonistas na sociedade atual, assim como afirma Agnes Arruda (2019):

Quando se pensa em meio de comunicação logo vem à cabeça a televisão, o computador e, até mesmo, os *smartphones*, deixando-se o rádio e os variados meios impressos em segundo plano. Por meio impresso, aqui, entende-se não somente os veículos tradicionais como jornal, revista e livro, mas toda e qualquer superfície na qual se imprime, por qualquer método, alguma coisa. Pode ser um grafite no muro de uma movimentada avenida da Capital, uma camiseta com uma foto estampada, uma autêntica literatura em cordel impressa em xilografia entre outros. Fala-se aqui, também, das intervenções corporais, como brincos e piercings, cortes de cabelo e tatuagens. Sim, o corpo também é uma mídia na qual se imprimem coisas. (p. 37)

O corpo também é uma produção midiática, assim como defende Arruda (2019). Segundo a autora, desde a Idade Média o corpo tem sofrido formas e maneiras de repressão (assim como visto no episódio anterior) e, para a autora, hoje existe uma “obsessão por transformá-lo em imagem” (p. 14). Transformar o corpo em imagem acontece nos mais

diferentes níveis, sendo que o mais palpável, na realidade contemporânea, é pensar no funcionamento das redes sociais através das ‘*selfies*’. Faz parte do cotidiano, portanto, nos relacionarmos e vermos conhecidos, amigos, familiares e pessoas famosas em sua “forma digital”, ou seja, pensar em uma sociedade hiperconectada, que se relaciona de maneira imagética, é entender que “o corpo é a principal marca **identitária**” (Sant’Anna, 2001, p. 70, grifo meu).

Estes imperativos tecnológicos que habitam o cotidiano operam em conluio a interesses capitalistas, pois transforma-se a imagem em capital, com valor de negócio, assim como argumentam Camargo e Mansano (2018): “a imagem registrada e compartilhada torna-se a nova roupagem do espetáculo capitalista contemporâneo. Nesse caso, o centro das atenções é o sujeito retratado, e não as intensidades da experiência” (p. 122).

Com isso, como consequência desse processo tecnológico de subjetivação, o indivíduo passa a avaliar-se pelo olhar do outro, pelas impressões e reações alheias, e começa a acreditar que uma imagem projetada diz mais sobre alguém do que as suas demais experiências, encontros, habilidades e potenciais adquiridos ao longo da vida (Lash, 1987). Além de transformar o sujeito em imagem, o sistema capitalista, através das redes sociais e mídia, vende a ideia de felicidade e realização pessoal a partir das experiências compartilhadas pelas celebridades<sup>20</sup>, influenciadores e propagandas, como analisa Camargo e Mansano (2018):

Mais do que admirar e imitar um modelo, o grande público é convidado a participar de situações que se aproximam do que é visto na grande mídia. O consumo programado passa a ocorrer a partir da identificação com componentes da

---

<sup>20</sup> Camargo e Mansano definem celebridades como “pessoas avaliadas como ideais de nosso tempo histórico que podem ser atingidas, aproximadas e reproduzidas por meio do consumo de informações, imagens e objetivos a elas associadas ou mesmo por situações efetivas de encontro” (2018, p. 124). A definição também pode ser estendida aos influenciadores, que a meu ver, seriam celebridades que na atualidade habitam o território das redes sociais.

subjetividade capitalística, que envolve não apenas as mercadorias, mas também os modos de viver, os acontecimentos e as emoções (Camargo & Mansano; 2018, p. 121)

Portanto, nos encontramos em momento histórico em que novas configurações subjetivas se atualizam velozmente, sendo que Contreta (2010) afirma que “mais do que a produção de si, o que vemos é a transformação do **si mesmo** em capital (de giro)” (Contreta, 2010, p. 64, grifo do autor). Sendo então, o sujeito em si, transformado em capital, o que esse sujeito contemporâneo deseja?

Miskolci (2017) nos auxilia a achar caminhos para esse questionamento, pois, segundo o autor, as novas tecnologias da comunicação passam a modificar desejos pré-existentes. Ele chama de desejos digitais as “novas formas de expressão do desejo na era das relações criadas por plataformas comunicacionais em rede e que existem não apenas *online*, mas se estendem também *off-line*” (p. 100). Desejos esses que começam a atravessar as experiências de cada indivíduo e da população como um todo, fazendo com que a maioria se preocupe mais com a própria aparência e com o jeito que se apresenta ao mundo, investindo capital na indústria da beleza e de tecnologias corporais, assunto esse abordado com maior profundidade no episódio 2 dessa dissertação.

É possível afirmar, então, que a partir do momento no qual o corpo é transformado em imagem, em *bios midiático* (Sodré, 2002), um controle biopolítico é exercido sobre este, assim como vou dissertar na próxima cena.

### **Cena 3.2: O amor está à venda? – Cinema como tecnologias de gênero**

*E não se esqueça: Eu sou só uma mulher, que está na frente de um homem, pedindo a ele para amá-la (Um lugar chamado Notting Hill)*

Talvez toda a construção dessa dissertação já tenha dado a entender, mas reafirmo que eu sempre fui apaixonada pelos filmes, pelas histórias de amor principalmente. Assim, as produções midiáticas sempre me fizeram companhia, é também o meu modo particular de vivenciar aquilo que é socialmente delimitado como amor. Por meio do mergulho nestas produções fílmicas, eu aproveitava os momentos sozinha, reunia os/as/es amigos/as/ues e construía laços possíveis com a minha família. Há beleza na capacidade que os filmes possuem em conectar pessoas, ideias, sentimentos.

Será que existe alguém, nesse imenso mundo, que nunca participou de uma “noite do filme”? Me fazendo essa pergunta em voz alta refleti que sim, provavelmente existem inúmeras pessoas que não tiveram acesso a essa experiência no mundo desigual no qual vivemos. Ao levar essa inquietação à minha desorientadora, ela compartilhou comigo uma vivência sua, que em meio aos anos de experiência como psicóloga atuando em uma Secretaria de Assistência Social, teve a oportunidade de levar algumas adolescentes, moradoras de um território periférico localizada no interior do Paraná, pela primeira vez ao cinema – me surpreendi e entristeci em pensar que a magia do cinema só lhes foi possível na adolescência. Sinto que hoje, com a possibilidade de ver filmes em casa, essa experiência é vivenciada em uma escala maior, mas ainda não é um direito acessível a toda população.

Como fiel consumidora de filmes ao longo de todos esses anos, senti o quão potente pode ser o impacto das produções fílmicas sobre as pessoas, a depender da narrativa. Ouvi e

li relatos sobre como certos/as protagonistas aventureiros/as inspiram coragem, personagens guerreiros/as ensinam sobre resistência e como os filmes possuem o poder de conectar as experiências de personagens às pessoas que os assistem. Para exemplificar, trouxe algumas capturas de tela de comentários feitos sobre filmes específicos, por usuários no aplicativo *Letterboxd*<sup>21</sup> - (fotos e nomes foram omitidos por questão de sigilo).

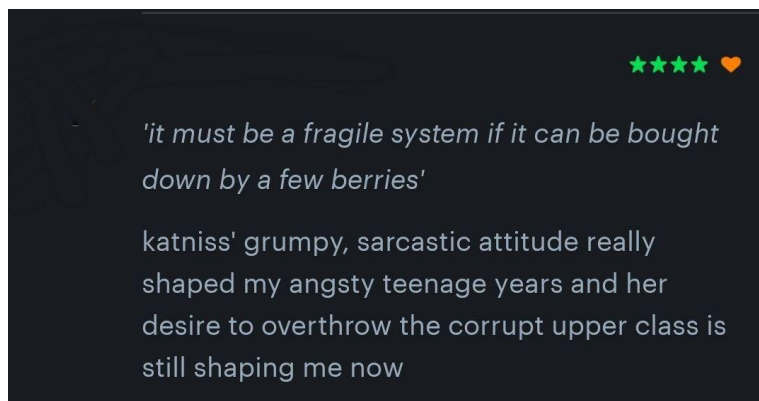


**Figura 4** - Captura de tela de comentário postado no *Letterboxd* (*Are you there God? It's Me, Margaret*)

Fonte: *Letterboxd*. 29 de março de 2024.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> O *Letterboxd*, lançado em 2017, é uma rede social, especificamente voltada para os amantes de filmes. Nela, você consegue classificar e postar comentários sobre um filme recém assistido. Além disso, se tem acesso aos comentários de outros usuários, sobre um mesmo filme. Em minha experiência, os comentários de destaque são majoritariamente escritos na língua inglesa, mesmo que seja uma rede social disponível em vários outros países. Segundo a descrição no *Play Store*, o aplicativo tem mais de 1 milhão de downloads.

<sup>22</sup> Tradução própria: filmes sobre amadurecimento são a melhor coisa que já existiu e a alegria avassaladora que vem em ser criança e ter essa sensação desesperada de crescer mais rápido - apenas para perceber anos depois o quão desesperado você quer voltar e ser criança novamente. É disso que os filmes são capazes, conectar um personagem ao espectador de uma forma sutil que muda suas vidas para sempre.



**Figura 5** - Captura de tela de comentário postado no *Letterboxd* (*Jogos Vorazes*).  
 Fonte: *Letterboxd*. 29 de março de 2024<sup>23</sup>



**Figura 5** - Captura de tela de comentário postado no *Letterboxd* (*Soul*).  
 Fonte: *Letterboxd*. 29 de março de 2024<sup>24</sup>

Os comentários acima mostram o quanto podemos nos identificar e nos inspirar através de uma produção filmica. Alguns trechos dos relatos me chamaram a atenção, como por exemplo: “*É disso que os filmes são capazes, conectar um personagem ao espectador de uma forma sutil que muda suas vidas para sempre*”. A fala do(a) usuário(a) demonstra que, mesmo em ficção, nas narrativas cinematográficas há potencial de identificação e

<sup>23</sup> Tradução própria: ‘deve ser um sistema frágil se ele pode ser derrubado por algumas pequenas frutas’. A atitude mal-humorada e sarcástica da Katniss realmente moldou minha adolescência angustiante e seu desejo de derrubar a classe alta corrupta ainda está me moldando

<sup>24</sup> Tradução própria: “Meu brilho é a música. Eu sei que é”. Soul é fantástico! Esse é o filme perfeito para a pandemia; ele te ensina a descobrir o que nos faz brilhar e perseguir nossos sonhos antes que seja muito tarde.

implicações reais nos processos de subjetivação, assim como também assinala o relato da captura de tela 2, que ao analisar o filme “Jogos Vorazes” (2012, direção de Gary Ross), diz: *“A atitude mal-humorada e sarcástica da Katniss realmente moldou minha adolescência angustiante e seu desejo de derrubar a classe alta corrupta ainda está me moldando”*. Para além das identificações e impactos na subjetividade, a terceira captura de tela traz uma reflexão sobre desejos e vontades produzidos e/ou incitados de modos tecnológicos, também instigadas pelo filme *Soul* (2020, direção de Pete Docter); *“ele te ensina a descobrir o que nos faz brilhar e perseguir nossos sonhos antes que seja muito tarde”*.

O curioso é que também me vejo nesses relatos. A partir de processos de identificação, talvez tanto pelo que sou como pelo o que gostaria de ser, inúmeras vezes me vi apaixonada por narrativas que eram exibidas nas telas de cinema. Deste modo, parto da perspectiva do cinema como tecnologia de gênero (Lauretis, 1987), sendo que analiso de modo mais específico nesta cena os modos como as produções filmicas *mainstream* operam na reprodução de noções de amor pautadas em performances normativas e interseccionais de gênero e corporalidade. Parto da premissa que o amor, na perspectiva tecnológica, é majoritariamente heterossexual, branco e magro (Miskolci, 2017; Zanello<sup>25</sup>, 2022).

Logo, filmes de distribuição em massa, produzidos pela mídia hegemônica, (re)afirmam e (re)produzem o caráter normativo do amor. Pode-se afirmar isso pois, em sua grande maioria, filmes da categoria romance são protagonizados por personagens brancos/as, magros/as e heterossexuais. Miskolci (2017) estabelece essa afirmação quando narra sobre a experiência de homens e mulheres homossexuais de assistir a essas produções. Segundo o autor, eles/as “tinham que fazer um exercício reflexivo de se identificar com as

---

<sup>25</sup> Em comentário postado nas redes sociais, a ANTRA BRASIL afirmou que a pesquisadora Valeska Zanello está alinhada com a agenda anti-trans. A Antra é referência no Brasil na luta pelos direitos trans e responsável pelos dados relacionados a essa população, e por sua divulgação. Portanto, considero imprescindível pontuar a minha discordância com o posicionamento transfóbico da autora, pois politicamente me posiciono como uma pesquisadora aliada à luta contra à transfobia, e à luta pelos direitos das pessoas trans. Para as interessadas, o post feito pela Antra na plataforma X está disponível em: [https://x.com/AntraBrasil/status/1631427775776149504?t=XOm\\_WZCH6xpuQxiYGFSw2w&s=19](https://x.com/AntraBrasil/status/1631427775776149504?t=XOm_WZCH6xpuQxiYGFSw2w&s=19)

representações disponíveis. Na era das mídias verticais, pessoas que se interessavam por outras pessoas do mesmo sexo se identificavam com essas imagens alheias” (p. 261). Esse exercício também é realizado por pessoas gordas, assim como também é realizado por aqueles/as que não se sentem representados nas noções normativas do amor que circulam nas telas.

Parto então da perspectiva de que há potência na análise do universo cinematográfico. Através deste percurso, é possível realizar leituras da realidade e do contexto social (local/global) no qual este é idealizado e produzido, “isto é, quem analisa a fonte fílmica sempre poderá visar algo da sociedade que produziu o filme, suas relações de poder, visões de mundo e opções culturais” (Oliveira, 2018. p. 2). Porém, exatamente por expressar características culturais, modos de pensar em circulação, entre outros exemplos, é necessário também analisar parte dos interesses hegemônicos que a indústria cinematográfica *mainstream* está submetida. Obviamente entendo que o cenário cinematográfico não se constitui como campo homogêneo, sendo que as disputas de narrativas entre perspectivas hegemônicas e alternativas estão constantemente em movimento, ainda que de modos desiguais.

Noto a um tempo a circulação de movimentos sociais, artísticos e acadêmicos que reivindicam maior representatividade daqueles/as situados como subalternizados/as (Mombaça, 2021), tanto no cinema como nas novelas, nas propagandas, literaturas, entre tantas outras linguagens midiáticas. A reivindicação surge, em quase sua totalidade, por parte das minorias sociais (que se constituem como majorias populares no nosso país). Muniz Sodré (2005) entende por minoria uma luta contra-hegemônica, ou seja, a resistência de consentir à norma que foi imposta pelas determinações societárias. Sendo assim, “são considerados minorias, os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os

ambientalistas, os antineoliberalistas, etc.” (p. 1), e, tendo em vista a discussão do episódio 2 dessa dissertação e minha própria experiência, acrescento as pessoas gordas.

Para compreender de modo mais aprofundado os efeitos psicossociais dos discursos hegemônicos em circulação, a escritora Chimamanda Adichie (2019)<sup>26</sup> denuncia O Perigo de Uma História Única – título de seu livro, derivado de um *TED Talk*, no qual participou em 2009. Neste, a autora nigeriana revela que em sua infância costumava ler livros infantis britânicos e americanos, mesmo residindo no leste da Nigéria e, quando começou escrever suas próprias histórias, reproduzia em suas narrativas as estéticas e modos de vida dos/as personagens brancos, em meio a neve, conversando sobre a raridade do sol. Foi a partir da procura por escritores/as africanos/as que sua compreensão de literatura se modificou.

Percebi que pessoas como eu, meninas com pele cor de chocolate, cujo cabelo crespo não formava um rabo de cavalo, também podiam existir na literatura. Comecei, então, a escrever sobre coisas que eu reconhecia. Eu amava aqueles livros americanos e britânicos que lia. Eles despertaram minha imaginação. Abriram mundos novos para mim, mas a consequência não prevista foi que eu não sabia que as pessoas iguais a mim podiam existir na literatura. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim foi isto: salvou-me de ter uma história única sobre o que são os livros (p. 13)

Em seguida, a Adichie (2019) disserta sobre o racismo literário/intelectual, e sobre como, possivelmente, a literatura, estadunidense e europeia, contribuíram para que houvesse

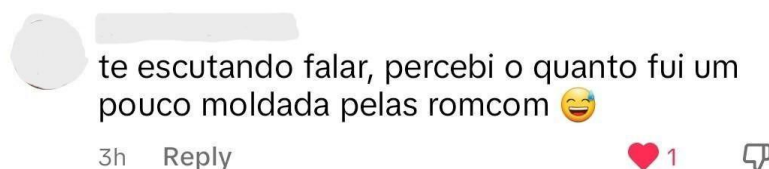
---

<sup>26</sup> Como já dito anteriormente, em notas explicativas sobre as divergências do autor Richard Miskolci e da autora Valeska Zanello com o movimento trans, faz-se necessário sinalizar que foram divulgadas falas transfóbicas, feitas recentemente pela autora Chimamanda Adichie. Mesmo discordando das alegações de Adichie, optei por manter o diálogo com a obra “O Perigo de uma História Única (2019)” em específico, pois esta é, de fato, muito pertinente e relevante para o debate sobre representatividade e os perigos dos discursos hegemônicos. Entendo também, que a partir do momento que é publicada, a obra perpassa por lugares independentemente do desejo dos/des autores, ou seja, é também movimento de resistência e ruptura, possibilitando contribuições importantes no tensionamento da cisheteronormatividade, e no fortalecimento da luta trans, negra, gorda, entre outras.

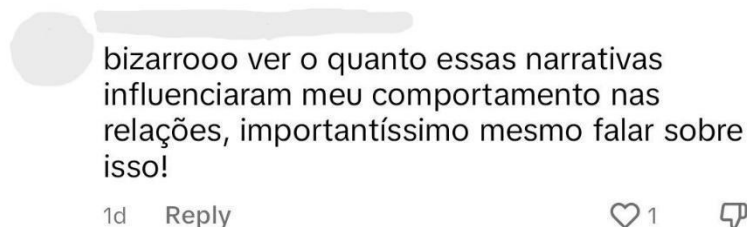
uma história única sobre o povo africano, resultando na crença de que uma única realidade era vivenciada por todo o continente, sendo esta, necessariamente, agenciada as premissas de miséria, guerra, incapacidade, perigo, entre outras noções pejorativas. Como um dos efeitos do perigo das histórias oficiais que circulam na vida em sociedade, a autora exemplifica ter sido convencida de uma história única em relação ao México, pois, morando nos Estados Unidos, os debates negativos sobre imigração tinha se tornado sinônimo de mexicanos; visão essa que foi contrastada com a diversidade que Adichie se deparou ao visitar o país e ter a oportunidade de, por exemplo, observar a alegria e o cotidiano de seus habitantes: “*Percebi que tinha estado tão mergulhada na cobertura da mídia sobre mexicanos que eles haviam se tornado uma só coisa na minha mente: o imigrante abjeto*” (p. 22). Portanto, a emergência e circulação de histórias únicas se articula através da repetição, assim como denuncia a autora: “*mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna*” (Adichie, 2019, p. 22). Nessas palavras, Adichie nos mostra de maneira quase que visual sobre as consequências da história única, sobre os efeitos necropolíticos dos discursos hegemônicos, e finaliza afirmando que não existe separação desta com o poder.

Não fogem dessa lógica os filmes/comédias românticas, visto que “é possível concluir que o modelo cristalizado de heroína romântica, também se configura como forma de perpetuar estereótipos e preconceitos” (Stefanini et al., 2020, p. 24). Considerando-os como expressões de parte dos discursos sociais em circulação, como tecnologias que produzem e são produzidas em condições sociais e políticas locais e globais, me parece que a busca por representatividade se configura também como um modo de resistência aos imperativos monolíticos das representações hegemônicas. Logo, situo as produções cinematográficas como dispositivos, ou seja, como produções que se articulam de modos plurais e que produzem efeitos diversos, podendo se atualizar como operadores normativos e/ou expressões de resistência, a depender da narrativa.

Disse também anteriormente sobre o quanto os comentários nas redes sociais também me atravessaram na construção desta proposta e caminho de pesquisa. Entendi que havia uma similaridade/correlação entre relatos de internautas, filmes e minhas próprias experiências. Encontrei um vídeo, na plataforma *TikTok*, no qual uma usuária dizia sobre o seu trabalho de conclusão de curso, que tinha por tema a construção da narrativa da mulher solteira nas comédias românticas. Além da relevância do conteúdo no vídeo, me chamou a atenção os comentários deixados nele. As imagens a seguir mostram exemplos.



**Figura 7** - Captura de tela de comentário postado em vídeo público.  
Fonte: *TikTok*. 22 de fevereiro de 2024



**Figura 8** - Captura de tela de comentário postado em vídeo público.  
Fonte: *TikTok*. 22 de fevereiro de 2024

Nos comentários, as mulheres<sup>27</sup> refletem sobre o quanto as “romcons” (comédias românticas) influenciaram algumas de suas ações/percepções. E é justamente esse fenômeno que problematizo, tendo em vista a (re)produção de discursos normativos de gênero e corpo nas produções cinematográficas, em destaque nesta pesquisa nos filmes categorizados como

<sup>27</sup> Os nomes de usuários/as/es foram ocultados por uma questão de sigilo e possível exposição, mas considero relevante manter a informação do gênero, pois, para a pesquisa é relevante entender essa intersecção.

comédias românticas. Em intenção de afirmar a importância de reconhecer as comédias românticas como material de estudo, e como produções significativas (mesmo que o imaginário popular as trate como ‘filmes de mulherzinha’ ou ‘filmes bobos, água com açúcar’), Stefanini et al. (2020) diz que

é importante reconhecê-las como importantes peças da cultura popular e, a partir disso, compreender seus efeitos no imaginário popular e as possibilidades de subversão dentro delas. Mais do que isso, investigar até que ponto essas subversões podem acontecer sem abandonar o que é fundador do gênero: a manutenção da ideologia do romance (p. 24).

Partindo desta afirmação, de que os filmes românticos (re)produzem discursos normativos de gênero, insisto no diálogo de minha pesquisa com a contribuição teórica de Teresa De Lauretis (1987) ao articular o conceito de *Tecnologia de gênero*. Pautada também na perspectiva foucaultiana de tecnologia sexual, a autora propõe que “também o gênero, como representação e como autorrepresentação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.” (p. 208).

Em outras palavras, o cinema, como campo plural, se engendra como tecnologia que (re)produz e faz circular características, ações e performances relacionadas a noções normativas e dissidentes de masculinidades, feminilidades e corporalidades em nossa sociedade, sem precisar que seus consumidores tenham consciência desse processo para que produzam seus efeitos (Zanello, 2022). Ter uma visão binária de gênero, além de reduzir o debate às diferenças, contribui para fazer circular discursos universalizantes com tons de imperativos do que é ser mulher, como por exemplo, o ideal que se propaga sobre uma

suposta correlação entre feminilidade, fragilidade e maternidade, lógica antagônica ao que é promulgado como características de homens. No cinema, geralmente o papel de uma mulher vem acompanhado de interesse amoroso (exemplo: *Para Todos os Garotos que Já Amei*, 2018), rivalidade feminina (exemplo: *Meninas Malvadas*, 2004), vaidade (exemplo: *O Diabo Veste Prada*, 2006), consumismo (exemplo: *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom*, 2009) e/ou uma obsessão profissional (exemplo: *A Proposta*, 2009).

As narrativas destacadas acima criam/reproduzem noções idealizadas de feminilidade e corporalidade, delimitando aquilo que é muitas vezes socialmente esperado ou não de uma mulher (na minha pesquisa, em contrapartida, mulher está necessariamente associado a um debate interseccional de classe, raça, corporalidade, entre outros marcadores sociais de diferença, ou seja, me refiro a mulheridades – experiências plurais e interseccionais de mulheres). Produções nos campos do feminismo negro e do transfeminismo trazem o termo ‘mulheridades’, que contribui para pluralização de experiências e marcadores sociais do gênero, assim como escreve Nascimento (2021), quando afirma que o gênero é transpassado por dimensões culturais e históricas, e utiliza o termo mulheridades para “demarcar os diferentes modos pelos quais podemos produzir estas experiências sociais, pessoais e coletivas. Além disso, a ideia também é conferir movimentos de produção, visto que o termo ‘mulher’ pode sinalizar algo que se é de modo essencial” (p. 19), ou seja, a partir dessa última perspectiva “todas as mulheres seriam ou diferentes personificações de alguma essência arquetípica da mulher, ou personificações mais ou menos sofisticadas de uma feminilidade metafísico-discursiva” (Lauretis, 1987, p. 207).

Todavia, o campo dos estudos em gênero tem tensionado tais noções naturalizantes e essencialistas de feminilidade, masculinidade e corpo, considerando estas como produções plurais, interseccionais e localizadas, assim como disserta Lauretis (1987) ao afirmar que

o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, ‘o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais’, por meio do desdobramento de uma ‘complexa tecnologia política (p. 208).

Ainda que eu parta do pressuposto de que as dimensões de gênero e corpo se articulam como produções políticas, sociais e ficcionais, entendo que estas construções implicam em efeitos subjetivos e sociais concretos. Existimos em um mundo colonial, dual, binarizado, no qual o acesso a direitos, privilégios são distribuídos aos que mais se encaixam no que é esperado dos dois gêneros impostos. Agenciado aos poderes biomédicos e jurídicos, somos assinalados desde o nosso nascimento aos imperativos (apresentado como compulsório) binários de sexo/gênero. Neste viés, nossa identidade é entrelaçada ao gênero que nos é atribuído pelo saber médico, sendo que a primeira característica que nos nomeia perpassa pela questão: “menino ou menina”? Nossa subjetividade se constitui de modo necessariamente imbricada às questões de gênero. (Lauretis, 1987).

Nesta direção, parto também da aposta de que os filmes românticos, como tecnologias de gênero, estabelecem uma aliança com saberes biomédicos e jurídicos na reprodução da ordem dos gêneros e de noções normativas de corporalidade. É por meio de uma perspectiva de amor romântico que as produções fílmicas fazem circular performances socialmente esperadas de homens e de mulheres nas relações amorosas.

Bom, para poder analisar relações amorosas, primeiro é preciso dizer sobre o amor – matéria prima das músicas, dos livros, do teatro e da literatura, quase que em sua totalidade. Tive consciência durante a escrita dessa dissertação, que o amor é o produto que eu mais consumo. Porém, como toda produção humana, há em diferentes tempos históricos noções diversas sobre aquilo que é nomeado como amor, assim como disserta Eva Illouz (2009).

As transformações no significado do amor são caracterizadas pelos seguintes fenômenos: a secularização do discurso amoroso, uma vez que o amor emerge da religião; a crescente importância do amor como tema na cultura de massa, especialmente **no cinema e na publicidade**: a associação do amor e do consumo ou, mais especificamente, a romantização dos bens de consumo; a inclusão de conceitos como “intensidade” e “diversão” nas novas definições de romance, casamento e vida doméstica (p. 53, tradução própria<sup>28</sup>, grifo próprio).

Ao dizer que o amor emerge da religião, Illouz (2009) se refere às religiões de fundamentação cristã e ao amor ocidental. Na era vitoriana (1837-1901), o amor era um “sentimento religioso capaz de sublimar os extintos animais e elevar a alma, mediante dedicação permanente à pessoa amada” (p. 55, tradução própria<sup>29</sup>). Ou seja, o amor como um sentimento-devoção, voltado à Deus e ao matrimônio, emerge como tecnologia cristã. E, já nessa ideologia, as devoções, em nome do amor, eram diferentes a depender do gênero, sendo que se impunha uma pureza sexual e espiritual às mulheres (Illouz, 2009).

Importante também pontuar como o amor romântico tornou-se, principalmente para as mulheres, dispositivo de controle na noção moderna, pois, a partir do casamento e dos filhos gerados, era esperado a emergência de instinto e cuidado maternal em um núcleo familiar. Sendo assim, os ideais de maternidade e amor materno foram disseminados pelo discurso higienista, em vista de interesses políticos. Além disso, o amor em sua forma romântica, faz

---

<sup>28</sup> Versão original: “Las transformaciones en el sentido del amor están caracterizadas por los siguientes fenómenos: la secularización del discurso amoroso, ya que el amor se desprende de la religión; la creciente importancia del amor como tema en la cultura de masas, sobre todo en el cine y en la publicidad: la asociación del amor y el consumo o, más concretamente, la romantización de los bienes de consumo; la inclusión de conceptos como "intensidad" y "diversión" en las nuevas definiciones del romance, el matrimonio y la vida doméstica” (Illouz, 2009, p. 53).

<sup>29</sup> Versão original: “sentimiento religioso capaz de sublimar los instintos animales y elevar el alma mediante la dedicación permanente al ser amado” (Illouz, 2009, p. 55).

reafirmar performances de gênero dentro do casamento - a mulher como símbolo de sensibilidade, ternura e submissão e o homem como sinônimo de força e racionalidade (Carvalhoes, 2008).

Havia, portanto, a idéia de complementaridade entre os sexos. Construiu-se a noção de que diferenças entre homens e mulheres seriam solucionadas no âmbito das relações matrimoniais, pois ambos estariam envolvidos com a responsabilidade de criar os filhos. A paternidade e a maternidade foram consideradas atos de amor e a finalidade do casal. (Carvalhoes, 2008, p. 108).

O gênero de filmes ‘comédia romântica’ surge para (re)produzir a ideologia do romance, no anseio de fortalecer o casamento, assim como dissertam Stefanini et al. (2020), quando afirmam que o objetivo do gênero é “combater os altos índices de divórcio, o cenário vigente durante a década de 30” (p. 3). Nessa fórmula, instiga-se nas mulheres o desejo do amor, que é prometido apenas pela união matrimonial monogâmica e heteronormativa. (Stefanini et al., 2020)

Com a chegada do século XX, a ideia de amor percorre novos caminhos, pois, para além do casamento cristão, passa a ser vinculado com a procura da felicidade. Em conjunto, a indústria cinematográfica, que estava em processo de expansão, começa a explorar a relação entre amor, felicidade, diversão e lazer em suas produções, “ao mesmo tempo que trabalha em equipe com a indústria publicitária, também no auge, para colocar estas ideias disponíveis para um público ansioso por aprender e adotar novas normas de comportamento sexual e romântico” (Illouz, 2009, p. 60-61, tradução própria<sup>30</sup>). Nisso, no trabalho conjunto do cinema e da publicidade, cria-se um ideal de atividades românticas, do que o casal deve

---

<sup>30</sup> Versão original: “al mismo tiempo que trabaja en equipo con la industria publicitaria, también en auge, para poner estas ideas a disposición de un público deseoso de aprender y adoptar nuevas normas de conducta sexual y romântica” (Illouz, 2009, p. 60-61).

fazer/consumir para manter a relação viva. Esse fenômeno é nomeado por Illouz (2009) como mercantilização do romance que, segundo a autora, “refere-se ao processo pelo qual as práticas amorosas são cada vez mais assimiladas e entrelaçadas com o consumo de tecnologias e itens dedicados ao lazer oferecidos pelo novo mercado de massa da época” (p. 50, tradução própria<sup>31</sup>).

Não é apenas o conceito de amor que se modifica com esse movimento publicitário, mas também a forma com que as pessoas se apaixonam – antes, no século XIX, o cortejo vitoriano era estimulado, um pretendente precisava provar por um período suas intenções e seus profundos sentimentos. Já no século XX, o caráter gradual dos namoros dá lugar à preocupação ao presente e a busca do lazer. E, “ao mesmo tempo que o romance se liberta de certos controles sociais, o dinheiro o amarra ao mercado mediante a múltiplos atos de consumo” (Illouz, 2009, p. 104, tradução própria<sup>32</sup>).

Viver em um sistema capitalista resulta, necessariamente, em compreender que tudo é axiomatizado, ou seja, transformado em valor de capital (Deleuze, 2010), e não foi diferente com a ideia de amor em circulação. A promessa de felicidade, pela conquista do amor recíproco, faz com que invista-se muito nesse mercado – seja pela sedução e indústria da beleza, seja pelo consumo de conteúdos midiáticos românticos, seja por tantos outros investimentos indiretos, esforços não são medidos quando o prêmio é sentir-se desejado(a). Ou seja, na impossibilidade de controlar o sujeito, como visto anteriormente no Episódio 2, na discussão sobre a história do corpo,

criaram-se mecanismos para promover nos próprios sujeitos o desejo de fazê-la.

Esses mecanismos de controle social, dos quais as tecnologias de gênero fazem

---

<sup>31</sup> Versão original: se refiere al proceso mediante el cual las prácticas amorosas se van asimilando y entrelazando cada vez más con el consumo de las tecnologías y los artículos dedicados al ocio que ofrece el nuevo mercado masivo de esa época” (Illouz, 2009, p. 50).

<sup>32</sup> Versão original: “Al mismo tiempo que el romance se libera de ciertos controles sociales, el dinero lo ata al mercado mediante múltiples actos de consumo” (Illouz, 2009, p. 104).

parte, garantem que essa passagem/mudança seja bem efetuada, de modo que os sujeitos ressintam as performances e emoções como fazendo parte “deles mesmos”. Por exemplo, a pressão estética existente entre as mulheres e o que elas aprendem sobre seus corpos como sendo um capital simbólico matrimonial. [...] Não é preciso que ninguém as critique, pois seu olho interno já é crítico o suficiente (Zanello, 2022, p. 52-53)

Sendo assim, os filmes, como tecnologias de gênero, têm (re)produzido o caráter “matrimonial” das mulheres, através de suas narrativas – que em quase sua totalidade, associam um interesse amoroso a personagem mulher. Nunca vou esquecer do quanto o discurso de Jo March, protagonista em “*Little Woman*” (2020, direção de Greta Gerwig), me emocionou e me trouxe questionamentos nunca antes presentes em mim. Tomo a liberdade de também compartilhar contigo:

*Eu só sinto que mulheres, elas têm mentes, elas têm almas, além de apenas corações, e elas tem ambição e talento, além de apenas beleza. E eu estou tão cansada de pessoas dizendo que a mulher só serve para o amor, eu estou tão cansada disso. Mas, eu estou tão sozinha... (Trecho do filme Little Woman, 2020, direção de Greta Gerwing)*

Não à toa, existe um gênero fílmico destinado a exaltar o amor romântico – que inclusive é majoritariamente destinado ao público feminino – chamado de comédia romântica. Neles, contam-se histórias de amor vividas por uma protagonista, ou seja, é apresentado ao público um modelo pronto, roteirizado de como supostamente se obtém o sonhado sucesso amoroso (Stefanini et al., 2020).

Vende-se também o ideal de que só existe realização e felicidade a partir de um relacionamento romântico – também se lê aqui relacionamento heterossexual, normativo, branco, cis e magro. Stefanini et al. (2020) articulam sobre as comédias românticas, o surgimento dos ideais trazidos pelo feminismo e a necessidade de renúncia para que seja possível encontrar “o grande amor”. Para os autores,

o desenvolvimento da narrativa demonstra que essas transformações propiciadas pelo feminismo devem ser renegadas pela protagonista caso ela queira encontrar o verdadeiro amor. A mulher bem-sucedida é tida como mandona e é exatamente por isso que continua solteira e, portanto, infeliz; daí a importância de um interesse romântico que suavize suas características apresentadas no início da história, para que enfim possam ficar juntos. Sua liberdade sexual também é tida como insignificante, porque, no fim das contas, a mulher só encontra a verdadeira felicidade ao se encontrar em uma relação estável e monogâmica conforme os moldes tradicionais – o típico *happy ending* cuja presença é praticamente obrigatória para o gênero (Stefanini et al., 2020, p. 23).

Além de ser designado às mulheres esse lugar nas narrativas fílmicas, ou seja, a posição de vir a tornar-se alguém desejada e amada, Zanello (2022) expõe sobre a lógica da “*Prateleira do Amor*”, que bem sintetiza os enlaces entre o dispositivo amoroso, as relações de gênero e a lógica capitalista que os perpassa. Segundo a autora, a partir da prateleira do amor as mulheres se subjetivam;

Sua autoestima é construída e validada pela possibilidade de “ser escolhida” por um homem. Essa prateleira é regida por um ideal estético, o qual vem se construindo

desde o começo do século passado e possui a característica de ser **branco, loiro, jovem e magro**. Quanto mais distante desses ideais maior o impacto sobre a autoestima da mulher e maiores as chances de se sentir “encalhada” na prateleira (p. 61, grifo próprio)

Confirma-se aqui, então, marcadores de raça, idade e corporalidade do amor – branco/a, loiro/a, jovem e magro/a. Podemos então, em conjunto com Butler (2020), afirmar que o amor normativo não se estende aos corpos localizados como abjetos. Portanto, ao ocupar uma posição na prateleira, as mulheres são posicionadas simultaneamente em um lugar de vulnerabilidade, por precisarem ser **escolhidas** (Zanello, 2022). Importante pontuar que todas são prejudicadas por estar supostamente na prateleira, mesmo que em diferentes níveis. Peço licença mais uma vez, leitora, para lhe mostrar um poema meu, que ilustra efeitos da característica corponormativa do amor, escancarada pelo cinema.

*Hoje eu já estava me sentindo um pouco sozinha - e pode acreditar, uma solidão diferente da solidão convencional... uma solidão sem sentido, uma solidão imposta, uma solidão onde não tenho sequer voz, minha solidão que sequer é minha. Decidiram por mim várias coisas que consequenciaram essa solidão: decidiram por mim que não sou digna de ser amada, que meu corpo não cabe na posição de desejada. Escolheram por mim que eu não poderia ter expectativas, ditaram que o meu lugar seria o lugar de amiga, e assim eu me tornei a melhor delas.*

*Até hoje me convenci de que uma ótima amiga era aquela sem protagonismo, que cedia o seu lugar para que outros brilhassem, outros tivessem a atenção, outros tivessem os seus sonhos realizados. Afinal, não é esse exato o papel de um coadjuvante? Para ser vista, coadjuvante me tornei.*

*Hoje, vejo que foi a saída que encontrei, a saída que foi possível, a fissura. Me cobro muito de não ter feito dessa fissura um pouco maior, mas talvez ela não estivesse disponível na sessão plus size - e, sendo sincera, o que de fato está disponível na sessão plus size?*

*E se eu tivesse sucumbido? E se, ao ouvir comentários e mais comentários sobre o meu peso eu tivesse a coragem por decidir emagrecer? E se, ao ser transpassada pelo primeiro “te vejo como amiga”, eu tivesse reivindicado o meu lugar de interesse amoroso? E se, desde o início, eu escolhesse por me fazer protagonista?*

*Me questiono se é tarde demais, se os créditos finais já subiram e o “felizes para sempre” chegou para todos ao meu redor, menos para mim. Se o papel atribuído a mim não me contemplava um mínimo interesse amoroso, se o que me foi dado, e que esperam que eu me contente, é apenas ser uma grande apreciadora do amor alheio, alheio, nunca próprio.*

*Afinal, o que seria de uma história de amor sem expectadores, não é mesmo?*

*(Texto de autoria própria)*

Pensando para além do cinema, a contemporaneidade precisa também dizer (produzir) sobre o amor em tempos de redes sociais. Nestas, talvez esse processo, de ser escolhida na prateleira, seja também escancarado, pois, nos aplicativos de relacionamento, o primeiro contato é apenas com a imagem da pessoa. Em uma pesquisa realizada por Larissa Pelúcio (2019), um dos entrevistados (do gênero masculino) diz sobre suas expectativas, e o que te chama atenção, estando em uma plataforma de namoro específica. Segue seu relato:

Primeiro o que me chama atenção é a imagem, óbvio. Mas, principalmente a imagem que a mulher transmite de si. Por exemplo, a gordinha arrumada e que não engana a

ninguém tirando fotos do de cima. A mulher bonita, naturalmente bonita para os padrões sociais, geralmente não esconde o próprio corpo (p. 176).

Note que o adjetivo “gordinha arrumada” e “mulher bonita” estão sendo utilizados como opostos na frase. Para corroborar com a discussão até aqui, o participante afirma “bonita para os padrões sociais” – lê-se, aposto eu, mulher branca, loura, magra e jovem. Portanto, de maneira hegemônica, o corpo fora do padrão não tem espaço para ser desejado.

Porém, escrevendo essa dissertação, além de me constituir enquanto pesquisadora, me comprometi a fazer o exercício de olhar também para os movimentos de resistência sempre que me deparo com o termo “hegemônico” e/ou “padrão”. Richard Miskolci (2017) dessa vez me ajudou nesse exercício, pois, segundo o autor, “entrar on-line com um perfil, exhibir-se em uma foto sensual e fazer parte de um mercado dos afetos pode parecer a alguns captura pelo mercado, mas para homossexuais, pessoas trans, entre outros, talvez pareça uma conquista” (p. 261). – Acrescento aqui pessoas gordas. Expor-se em um contexto que, diariamente é dito que não lhe *cade*, é sinal também de resistência, de vida na brecha.

Segundo o mesmo autor, as redes sociais/aplicativos de relacionamento foram responsáveis por (re)transformar os indivíduos em seres desejantes, pois os colocou em contato com novos horizontes, expectativas e vontades outras, diferentes das quais eram estabelecidas nas relações sexuais/amorosas face a face. Por ser um funcionamento distinto, as consequências também são outras. Sobre este cenário, Pelúcio (2019) analisa sobre o individualismo, a competitividade e sobre as relações efêmeras – que, já sendo produtos da modernidade, acabam ocupando maior espaço para se reafirmarem em alguns sites e aplicativos.

Para além do individual e do efêmero, as relações contemporâneas se dão por meio de exigências e pré-requisitos bem estabelecidos no imaginário de quem deseja se apaixonar

e/ou se relacionar. Nessa configuração, indivíduos anseiam por relacionamentos que os/as reafirmem, que não tragam problemas e defeitos e que não interfiram na sua individualidade. Sendo assim, exigem-se múltiplas características e habilidades do(a) pretendente, como diz Pelúcio (2019).

Exige-se, no presente, que homens e mulheres tenham habilidades múltiplas para sustentar relações afetivas: serem amantes libertos e abertos a novas experimentações, quer dizer, que tenham acumulado experiências sexuais, o que, para as mulheres, pode ser um fator desabonador. Espera-se que sejam, ambos, ‘bem resolvidos’ emocionalmente. Espécie de eufemismo para sugerir que a pessoa saiba lidar com as frustrações sem se transferir para o outro a culpa por suas fragilidades emocionais (p. 201).

Imprescindível também dizer sobre o como o amor romântico tornou-se uma ideologia opressiva de gênero – principalmente para as mulheres (Pelúcio, 2019), que têm o seu valor definido pela capacidade, ou não, de conquista e de ser escolhida, pois hoje lidamos com a “reorganização das diferenças de gênero em torno do amor como fonte de valor para mulheres ou de capital sexual para os homens” (Illouz, 2012, p. 317).

Exemplo ilustrativo desse processo são os flertes no ambiente escolar. Algumas meninas são convidadas para o cinema, são elogiadas, possuem pretendentes que as escolham. Em contrapartida, existem também as meninas que não experienciam isso, as quais não são escolhidas – processo esse que afeta diretamente na autoestima de cada uma delas (Zanello, 2022). E, nesse movimento, as meninas (tanto escolhidas como não escolhidas) lutam para permanecer no campo “desejável”, portanto, o amor romântico se configura como uma ideologia opressiva de gênero. Cito aqui novamente o filme “*The Duff*” (2015, direção

de Ari Sandel). Indico assistir o *trailer* para compreender melhor a problemática envolvida em sua narrativa (disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=T\\_J1Iogi5MI](https://www.youtube.com/watch?v=T_J1Iogi5MI)). Em um vídeo da plataforma TikTok, uma usuária faz a seguinte pergunta: “*Você lembra a primeira vez que um filme ou uma série te ensinou que tinha algo de errado com você?*”. Nos comentários, várias respostas – na maioria feitas por mulheres – citou o filme em questão, alegando que a narrativa tinha trazido traumas para a autoimagem e autoestima.



**Figura 9** - Captura de tela de comentário postado em vídeo público.  
Fonte: *TikTok*. 7 de abril de 2024.

Enfim, creio que ao longo deste capítulo pude partilhar impressões, debates teóricos e exemplos práticos que sinalizam a importância das produções midiáticas, em destaque nesta pesquisa do cinema, na população. No episódio a seguir apresentarei os percursos metodológicos que tracei para balizar as rodas de conversas com mulheres gordas sobre os filmes: *O Amor é Cego* (2001, Direção: Farrelly; Farrelly) e *Sierra Burgess é uma loser* (2018, Direção: Ian Samuels).

Pausa para estourar pipoca. Seguimos!

## EPISÓDIO 4 – Há espaço para felizes finais?

*A busca pelo amor continua, mesmo diante das  
improbabilidades* (bell hooks, 2021, p. 29)

Desde o começo, das primeiras andanças dessa pesquisa, meu objetivo principal sempre foi que esse processo fizesse sentido, que fosse sentido na pele, pesquisa sobre e com o meu corpo. As impressões, sensações e afetações do corpo são fenômenos que costumam serem deixados de lado no movimento de pesquisar, como expressões irrelevantes na investigação, eu, no entanto, já aposto em suas complexidades e importância, considerando que conhecimentos também se articulam nas entrelinhas das sensações e corporalidades.

O roteiro desse episódio é muito significativo para mim, por ter a oportunidade de relatar histórias provavelmente ainda não escritas, garantir como pesquisadora um breve espaço para circular vozes de mulheres gordas comumente silenciadas e/ou ridicularizadas. Recorrendo a pergunta de Spivak (2010) sobre a possibilidade do subalterno falar, eu me pergunto: Pode a mulher gorda ser escutada? Este é o convite deste último capítulo, ouvir.

O episódio também se constitui como um registro do privilégio que tive em escutar mulheres tão inspiradoras, corajosas, potentes e resistentes. Tinha expectativa de que as ouvir me impactaria de algum modo, mas não fazia ideia do quanto e nem de que maneira. Como talvez já se tenha entendido, esse capítulo é fruto de parte das minhas andanças práticas neste processo de escrita de uma dissertação de mestrado, mais especificamente do meu encontro com parte das narrativas produzidas em duas rodas de conversa *online* (via *Google Meet*) realizadas com mulheres gordas sobre filmes *mainstream* de comédias românticas. Destaco que as duas rodas de conversas foram gravadas mediante ao consentimento livre e esclarecido das participantes.

No primeiro grupo, participaram três mulheres. A primeira, Juliana, se reconhece como mulher cis, negra, ameríndia, residente na região sul do Brasil e está atualmente cursando a graduação. Já Maria afirmou ser uma mulher cis, branca, professora e com o ensino superior completo, também residente no sul do país. Por último, Baleia também se nomeia como uma mulher cis, branca, porém, nordestina, e exerce sua profissão como psicóloga, portanto, tem o ensino superior completo. No segundo grupo, apareceram duas participantes do grupo anterior (Maria e Baleia), junto de uma nova integrante – Amelie, que se reconhece como uma mulher, cis, parda, com ensino superior completo, e que mora no litoral da região sudeste. Destaco que parte dos nomes atribuídos às mulheres são fictícios, estratégia utilizada como um modo de garantir o anonimato delas, cuidado solicitado também pelo Comitê de Ética em Pesquisa, e, principalmente, pelas participantes.

É importante pontuar que, mesmo sendo esse um capítulo construído a partir das minhas vivências nas rodas de conversa, adoto a diferenciação entre prática e teoria como estratégia meramente didática, afinal, desde que adentrei neste campo do mestrado, ainda no processo de escrita do projeto de pesquisa para seleção do programa, venho experimentando encontros com teorias, pessoas, filmes e imagens que me sinalizam que estar no campo acontece quando seu corpo está disponível a uma pesquisa, assim como analisa Peter Spink (2008), em seu artigo “O pesquisador conversador no cotidiano”, ao sinalizar sobre a importância do cotidiano, das conversas e dos encontros no processo de pesquisar. Segundo o autor, no momento em que o/a pesquisador/a decide por um tema, este passa a fazer parte da sua rotina, dos seus micro-lugares<sup>33</sup>. Portanto, desde o momento em que decidi por concretizar essa pesquisa, a gordofobia, os relacionamentos amorosos e as produções midiáticas *mainstream* passaram a ocupar meu campo-tema, pois “ao se inserir no campo-

---

<sup>33</sup> Por definição de Spink (2008. P. 71), “os micro-lugares, tal como os lugares, somos nós; somos nós que os construímos e continuamos fazendo numa tarefa coletiva permanente e sem fim”. Sendo assim, o cotidiano é constituído por milhares de micro-lugares. A ideia de micro-lugares também parte da busca em tornar a psicologia social mais horizontal, colocando o pesquisador de frente aos encontros diários.

tema, sustenta-se o campo-tema, mantendo-o socialmente presente na agenda das questões diárias” (Spink, 2008, p. 73).

Então, desde que tive a coragem e me propus a explorar a gordofobia dos filmes de comédia romântica e a reverberação de mulheres gordas que assistem esse tipo de filme, venho me afirmando como uma pesquisadora pesquisada que se dispõe aos encontros e a escutar. A cada prosa de bar em que me perguntam sobre a pesquisa, nas aulas da graduação e pós-graduação que tive a oportunidade de compor, nos relatos compartilhados comigo dentro e fora de sessões de análise (em meu exercício profissional como psicóloga clínica), nas mídias digitais que venho consumindo, enfim, sempre que me questionam sobre meu percurso no mestrado, relato que me sinto imersa, mergulhada em uma experimentação teórico/prática atordoante.

Sendo assim, tenho para mim que cada parte do processo de construção de uma dissertação possui suas particularidades, sabores e dificuldades. Inicialmente, a perspectiva de realizar a primeira roda de conversa com as mulheres, me paralisou por um momento. Senti medo e angústia. Aos poucos, no próprio percurso dessa investigação, vou tateando explicações possíveis para as dificuldades que experimentei. Como mulher gorda, sempre tive um imenso receio em me mostrar vulnerável, a fragilidade sempre foi maquiada por mim numa tentativa de compensação (eu já era gorda, ser fraca me colocaria mais uma vez em um lugar de interrupção); porém, em honra, respeito e aliança às incríveis mulheres participantes desta pesquisa, que gentilmente compartilharam suas histórias, intimidades e dores comigo, decidi expor algumas feridas, medos e fracassos enfrentados desde o início do processo de dissertar. A honestidade e a entrega delas ao grupo, inspiraram em mim coragem para dizer também de minhas dores.

Portanto sim, havia um medo paralisante em conduzir as rodas, medo de fracassar como pesquisadora, medo de insuficiência, medo de não ser a pessoa “certa” para ouvir

histórias de interrupção, medo de ouvi-las e entender que, na verdade, uma certa experiência romântica – vendida pelos filmes aos quais eu era expectadora – não tinha acontecido apenas comigo, e que essa pesquisa dizia muito mais da minha experiência pessoal do que sobre uma questão coletiva e estrutural, meu medo era estar sozinha em minhas dores.

Hoje parto da aposta do fracasso como posição política, fracassar de um modelo capitalístico que exige positividade, relaciona sucesso a como e a quanto se produz, e, conseqüentemente, ao poder de compra. Além disso, os ideais neoliberais do ocidente associam ao sucesso vivências normativas, a partir de um modelo branco, cis, hetero e monogâmico. Em sua obra “A arte queer do fracasso”, Jack Halberstam (2020) aposta em uma nova visão do fracasso, e reconhece neste a beleza do viver no inesperado, no desvio, pelo hackeamento, permitindo escapar, ainda que provisoriamente, de normas disciplinadoras, pois “se sucesso exige tanto esforço, talvez, em longo prazo, fracasso seja mais fácil e ofereça recompensas diferentes” (p. 3)

E, em um ato de coragem, bem como de assumir o fracasso como posição política, comecei a divulgar a proposta das rodas de conversa nas mídias sociais. Inicialmente, enviei o *link* de acesso a um questionário (modelo em anexo) para localização de dados pessoais das participantes e indicação se teria desejo ou não de participar de uma roda de conversa *online*. A cada resposta preenchida no formulário, sentia-me validada, abraçada e legitimada na minha experiência, aquele interesse de participação dizia que as minhas inseguranças não eram motivo de paralisação e que talvez eu realmente “caiba” em um programa de mestrado.

O primeiro encontro foi marcado, sexta-feira à noite – poeticamente um momento perfeito para uma sessão de cinema, ou para assistir um filme no conforto de casa. Três mulheres participaram do encontro *online*, cada uma à sua maneira e com as suas dificuldades e encantamentos. Uma delas, a Baleia, fazia tanta questão de vivenciar a roda de conversa, estava com o corpo tão disponível para dizer algo de si e de suas experiências, que

participou mesmo sem luz em casa, no escuro – mas com histórias tão vívidas, visíveis. Sua urgência por esse espaço me chamou muito a atenção.

*Tanto que eu queria muito estar aqui, estou nos dados móveis, estou assistindo um filme superdolorido que eu não queria mais ver na vida, e no escuro, e queria participar para também prestigiar e ajudar de alguma forma e conversar sobre isso, enfim... veio daí esse interesse, de elaborar, sentir junto também, é isso. (Baleia, 30 anos).*

E, por falar em urgência de participação, de pertencimento, outra participante, Maria, me disse sobre o seu desejo de que os encontros fossem mais frequentes, presenciais, cheios de mulheres – visto que espaços assim não são comuns na cidade em que moramos.

*eu estava com uma expectativa da gente se encontrar mais vezes, eu sou emocionada, canceriana emocionada, dois encontros é pouco, tanta coisa... [...]. Eu acho que pode crescer. E claro, não precisa ser com uma rigidez de frequência, mas as pessoas que querem participar eu acho legal ter sempre alguém que fale. Às vezes a gente fala sobre um assunto, outras pessoas trazem outros assuntos também, se vocês quiserem, né? (Maria, 33 anos)*

Não sou capaz de descrever na totalidade a beleza e intensidade dos sentimentos que habitaram meu corpo neste primeiro encontro. Entendi, durante a realização do grupo, a importância e legitimidade do debate teórico que assinalo na introdução dessa dissertação, mais especificamente quando me reivindico como pesquisadora pesquisada. Quatro mulheres, em uma sexta-feira à noite, sedentas para compartilhar histórias comuns, histórias nossas,

histórias de si, doloridas, potentes, transformadoras, resistentes. Compreendi naquela noite, a urgência que meu corpo pedia para ser escutado, isso aconteceu a partir do momento que me permiti ouvi-las. Creio não ser capaz de descrever a intensidade deste encontro, mas já que me comprometi a debater nesta pesquisa sobre impactos psicossociais de representações midiáticas (gordofóbicas) do corpo gordo nas relações amorosas de mulheres gordas na atualidade, considerando também as minhas vivências e corporalidade no processo de investigação, peço licença, querida leitora, para compartilhar um texto tentativa, produzido por mim após a realização da primeira Roda de Conversa. Sinto que este rabisco ilustra de maneira mais sensível sobre a potência desse primeiro encontro:

*Pertencimento.*

*Sempre tive amigas magras, amigas desejadas, amigas vistas, amigas que tinham um espaço garantido no mundo, espaço esse que não foi me permitido o acesso.*

*Por mais amorosas, dedicadas e carinhosas que eram as minhas amigas, elas nunca souberam como era experienciar o mundo da forma com que eu o experienciava.*

*Nossas dores vinham de lugares diferentes, nossas potências vinham de lugares outros.*

*Mesmo que fossemos capazes de compartilhar a companhia, compartilhar o afeto, não compartilhávamos corporalidade.*

*Tenho sorte de encontrar amigades que sempre fizeram questão de mim, mesmo que em algumas vezes “apesar de...”*

*Na noite da última sexta-feira de julho senti pertencimento, para além do acolhimento.*

*Por mais que as experiências fossem diversas, por mais que mulheres gordas sejam mulheres, com s, no plural, no encontro de sexta a noite me senti parte, fenômeno esse que posso contar nos dedos quantas vezes ele se repetiu em mim.*

*A partir do encontro, meu corpo começou a traçar possibilidades de (re)existência no mundo – puxa, como é difícil acreditar nesse caminho quando se propõe a pesquisar sobre uma violência estrutural.*

*A última sexta-feira de julho restaurou em mim o brilho, a confiança e a beleza que*

*as dores da gordofobia por tantas vezes me arranca.*

*(texto autoral)*

Estar nas rodas me fez encontrar (sentir), ainda que provisoriamente, pistas do que me levou até essas mulheres, até essa experiência de fala e escuta coletiva, até esta experiência vertiginosa de estar no mestrado. Até aqui, leitora, sinto que minha escrita denunciou dores, violências, estigmas e (im)possibilidades; e, por vezes, me reconheci imersa e talvez afogada em uma certa sensação de desesperança, descreditada que algo pudesse florescer em meio ao solo tão árido que constantemente interpela às existências situadas pelo sistema cisheteronormativo como as Outras, abjetas, improváveis (Butler, 2020). A partir das rodas, de encontros com minha orientadora, das conversas no boteco, enfim, nestes processos inusitados de reinvenção de mim (nós), me senti mais próxima de, finalmente, tatear o que Grada Kilomba (2024, 1:31:27) afirmou, citando bell hooks em entrevista: “não basta opor, mas inventar de novo, construir, criar algo novo”. E isso quem me ensinou foi o coletivo, a experiência de encontro com o outro – nesse caso, com as outras, considerando os lugares de falas delas, os desejos delas, as narrativas construídas desde o ponto de vista dessas mulheres.

Em um dos grupos de pesquisa que frequento, me fizeram um questionamento que ficou marcado em mim, me perguntaram sobre qual era a ideia de amor que eu tinha construído, depois de todas as críticas e apontamentos que foram sinalizados no episódio 3. Como seria então possível experienciar uma perspectiva idealizada de amor? Seria necessário negá-lo por completo? Pode parecer controverso, mas assim como bell hooks (2021) afirma, “nós ainda temos esperança de que o amor prevalecerá. Nós ainda acreditamos na promessa do amor” (p. 41). Mesmo entendendo que hoje, o amor é capitalizado e utilizado como dispositivo de controle, busco, ainda que este não seja o foco de investigação dessa dissertação, contribuir nos movimentos que propõem outras maneiras de nomear e

experimentalizar o amor, construindo no debate (luta) de que ser amada é um direito<sup>34</sup>, e não um privilégio.

Sendo assim, cara leitora, esse será o episódio final da temporada, os primeiros foram construídos para que esse momento fosse possível, grande parte dos elementos da pesquisa se unirão neste roteiro. Por primeiro, acho importante falarmos sobre os filmes propostos como disparadores das Rodas de Conversa.

#### **Cena 4.1 – 1, 2, 3... Ação! A narrativa do corpo gordo em filmes românticos *mainstream***

Como sinalizado no primeiro episódio dessa dissertação, o capítulo metodológico, foram realizadas duas Rodas de Conversa para pensar o protagonismo gordo (ou a falta dele) em filmes de enredo romântico, produzidos pela indústria hegemônica *mainstream*. Para isso, cada encontro teve como disparador um filme em específico, assistindo de maneira prévia pelas participantes. Essa cena está encarregada de, brevemente, introduzir os filmes, suas narrativas e discursos direcionados ao corpo gordo, principalmente feminino.

##### **Cena 4.1.1 – Primeira roda: “O amor é cego”**

Para fins de contextualização, creio ser importante dissertar brevemente sobre o enredo do filme discutido. Em resumo, “O amor é cego” (2001, Direção: Farrelly; Farrelly) conta a história do personagem Hal, e sobre ele ser um homem que se importa exclusivamente com a aparência física de mulheres, principalmente nas suas escolhas para parceiras afetivo-sexuais. Até que um dia, ele é hipnotizado por um outro homem, fazendo

---

<sup>34</sup> Aqui faz-se necessária uma pontuação, não estou englobando nessa afirmação relacionamentos abusivos, em que há risco à integridade física e/ou mental de um ou de ambos os parceiros. Entendo o amor com base em bell hooks, (2021) que sinaliza de forma assertiva: “não podemos dizer que amamos se somos nocivos ou abusivos. Amor e abuso não podem coexistir. Abuso e negligência são, por definição, opostos a cuidado” (p. 48). A partir dessa visão de amor que o considero um direito.

com que a partir daquele momento, ele começasse a ver as pessoas exclusivamente por sua “beleza interior”. Ou seja, se alguém era considerado uma “boa pessoa”, essa pessoa era vista por ele de maneira “bela” – necessariamente magra, branca, cis, não portadoras de deficiência, como exemplificado nas imagens a seguir:



**Figura 10** – Grupo de amigas dançando no filme “O amor é Cego”.  
Fonte: Filme “O amor é Cego” (2001, Direção: Farrelly; Farrelly).



**Figura 11** – Criança vítima de queimadas no filme “O amor é Cego”.  
Fonte: Filme “O amor é Cego” (2001, Direção: Farrelly; Farrelly).



**Figura 12** – Mulher trans no filme “O amor é Cego”.  
Fonte: Filme “O amor é Cego” (2001, Direção: Farrelly; Farrelly).

E, após a hipnose, Hal conhece Rosemary, uma mulher gorda, que aos olhos dele se transforma em uma mulher magra e situada no modelo hegemônico como linda. O filme se faz em torno dessa narrativa, que ridiculariza o fato de o protagonista estar em um relacionamento com uma mulher gorda, onde todos ao redor percebem, menos ele. E, além de fazer da relação motivo de “humor”, o filme a todo momento faz questão de articular piadas gordofóbica voltadas ao corpo da protagonista – que, por vezes aparece magra, por vezes aparece gorda. Esse é apenas um breve resumo, mas se for de seu interesse, cara leitora, indico assistir o filme na íntegra.

#### **Cena 4.1.2 – Segunda roda: “Sierra Burgess é uma loser”**

Para a segunda roda, a intenção era discutir um filme mais recente, e que para além da “comédia” do filme anterior, abordasse uma narrativa mais focada no romance. Sendo assim, entre os poucos disponíveis com protagonismo gordo na plataforma de *streaming Netflix*, “Sierra Burgess é uma loser” (2018, Direção: Samuels) foi escolhido para disparar a conversa do segundo encontro.

O filme se passa no ensino médio dos Estados Unidos, e conta a trajetória de Sierra Burgess, uma adolescente inteligente, cheia de interesses e gorda. A narrativa gira em torno do processo de autoconhecimento da protagonista e da sua busca por aprimorar o seu histórico escolar, visando uma vaga na faculdade. Até que ela recebe uma mensagem de um número desconhecido, de um garoto chamado Jamey, que inicia uma conversa como se eles já se conhecessem. Nesse processo, Sierra entende que a mensagem foi um engano, e que Jamey acredita estar conversando com outra garota, Veronica – a menina mais ‘popular’ de seu colégio, sendo ela uma adolescente magra, loira, de cabelos lisos. Sendo assim, o enredo gira em torno de Sierra continuar fingindo ser Veronica nas mensagens, para que Jamey se apaixone por ela, com a ajuda da própria Veronica.

Um ponto interessante sobre o filme é que ele é inspirado em uma peça de teatro de 1897, escrita por Edmond Rostand, chamada *Cyrano de Bergerac*. No enredo apresentado por Rostand, o protagonista Cyrano é apaixonado por Madeleine Robin, mas se acha muito feio para conquistá-la, por ter um nariz muito grande. Em aliança com Cristiano – um homem considerado na peça como atraente – montam um plano para criar “o homem perfeito”, que juntaria a inteligência e sensibilidade de Cyrano e o físico de Cristiano, a fim de conquistarem Madeleine, através de versos escritos. Em Sierra Burgess (2018, Direção: Samuels), o “feio” é atualizado, e a gordura passa a ser a maior insegurança quando o assunto é o amor (não) correspondido.



**Figura 13** – Sierra, Veronica e Jamey.  
Fonte: Filme “Sierra Burgess é uma loser” (Direção: Samuels).

### **Cena 4.1.3 – O que mulheres gordas têm a dizer sobre o protagonismo gordo?**

Acredito que seja possível dizer que, uma das especificidades que essa pesquisa busca ofertar, são as impressões de mulheres gordas sobre os discursos direcionados ao corpo gordo em produções midiáticas. Sendo assim, essa cena tem a função de fazer circular a opinião e o modos de pensar das mulheres gordas que participaram dessa pesquisa. Preocupação essa que, comumente, em quase sua totalidade, as produções *mainstream* optam por não ter, como assertivamente pontua bell hooks (2021), ao dizer que refletir criticamente sobre as imagens audiovisuais produzidas significa “pensar sobre o impacto dessas imagens, sobre as formas como moldam a cultura e influenciam as maneiras como pensamos e agimos em nosso dia a dia” (p. 132).

Anteriormente, no episódio 3, dissertei sobre a importância do protagonismo e de contar histórias plurais, como estratégia de desestabilizar histórias que se pretendam únicas, pois tais narrativas possuem o poder de estigmatizar conjuntos de pessoas, principalmente minorias sociais, países colonizados ... –, enfim, aqueles que não estão no controle dos meios hegemônicos de comunicação (Adichie, 2019). Levando essa discussão em consideração, é possível dizer, como você já deve ter percebido, cara leitora, que o filme “O amor é cego” (2001, Direção: Farrelly; Farrelly) contribui para uma visão única de diversos corpos, mas principalmente do corpo gordo, o relacionando a atributos como feio, rejeitado, desajeitado, preguiçoso, guloso e não amável.

Em uma das rodas de conversa, Juliana relata a sensação de mal-estar que a impediu de assistir o primeiro filme até o final, pensando no fato de que é essa visão que comumente se têm de pessoas gordas.

*eu não consegui terminar, mas meu motivo foi nem tão de dor, de emoção, mas de raiva... Eu não aguentei de como é caricato, nossa não dá. Por que eu gosto muito de*

*ficção, mas a ficção sai da imaginação de pessoas reais, e eu fiquei 'mas é isso que está no imaginário das pessoas?' e eu falei 'hm, não é para mim, não consigo aceitar mais (Juliana, 22 anos).*

Ao dizer que “*a ficção sai do imaginário das pessoas*”, e ao reconhecer que é essa a perspectiva majoritária sobre pessoas gordas, nos deparamos novamente com o perigo de uma história única (Adichie, 2019) do corpo gordo – narrativa essa que interessa aos ideais normativos e capitalistas, que patologiza corpos dissidentes, na tentativa de discipliná-los a perspectivas hegemônicas de corporalidades. E, no caso de pessoas gordas, almejando o corpo magro como referência de normalidade, beleza e saúde (Sant’Anna, 2016), assim como corrobora Maria ao afirmar que “*toda mulher quer emagrecer, até a magra quer emagrecer, como se fosse uma máxima, então não existe lugar para você ficar confortável e se amar*” (Maria, 33 anos).

Quando escuto “*toda mulher quer emagrecer*”, automaticamente sou transportada para uma tendência recente, o movimento “magras, magras, magras”<sup>35</sup>, que consiste em mulheres postando vídeos em suas plataformas, comemorando todo e qualquer fenômeno que as façam perder alguns quilos – seja de forma saudável ou não. Em vários destes me lembro de ter visto o slogan “a felicidade é magra”; e por inúmeras vezes me questionei se não era mesmo, um privilégio não acessado por pessoas gordas. É dessa forma que a indústria da beleza e os discursos biomédicos funcionam, fazendo com que o desejo de adequar-se parta do próprio sujeito. A imagem abaixo exemplifica esse movimento, visto que é uma postagem

---

<sup>35</sup> Insiro aqui alguns links de vídeos que exemplificam sobre o que disserto acima.

Vídeo 1:

<https://www.tiktok.com/@ednararegis0/video/7424974443765648646?q=magras%20magras%20magras&t=1734131656962>

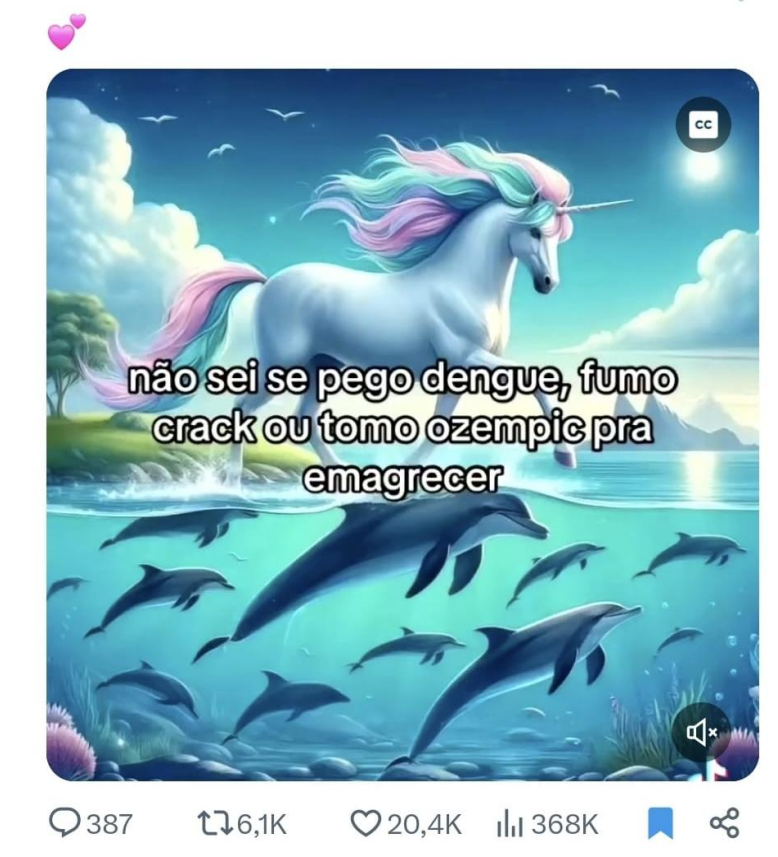
Vídeo 2:

<https://www.tiktok.com/@am4ndao/video/7419022262591917318?q=magras%20magras%20magras&t=1734131656962>

Vídeo 3:

<https://www.tiktok.com/@karoliinamachadoo/video/7445936596391660805?q=magras%20magras%20magras&t=1734131656962>

viral da plataforma X (antigo Twitter), contendo mais de 20 mil *likes*:



**Figura 14** - Captura de tela de postagem feito no X.  
 Fonte: *Plataforma X*. 13 de dezembro de 2024

Os discursos propagados pelas produções *mainstream*, então, juntamente da medicina moderna, de interesses higienistas e docilizadores, estão agenciados a um regime de saber e poder que opera nos processos de disciplinamento e controle dos corpos, assim como nos alertou Foucault (1975). Portanto, é possível afirmar que os filmes (produzidos por uma indústria alicerçada em interesses hegemônicos), funcionam e circulam na vida em sociedade como tecnologias de gênero (Lauretis, 1987), (re)afirmando e/ou desestabilizando performances socialmente atribuídas a homens e mulheres e circunscrevendo modos de vidas dissidentes a noções de abjeção e desvio. O filme discutido na primeira roda (O amor é cego), se apresenta como um exemplo visual disso, pois, ao reassisti-lo, mapeei na produção fílmica

discursos capacitistas, etaristas, racistas, gordofóbicos, entre outros. A narrativa, portanto, investe e se sustenta também pautada no ódio a existências e corporalidades dissidentes, uma espécie de alegoria visual biopolítica das projeções psicopatologizantes de determinados modos de existência a partir da modernidade (Butler, 2020)

Trazendo o segundo filme para a discussão (Sierra Burgess é uma *loser*, 2018, Direção: Samuels), ao relatar impressões sobre assisti-lo, Maria pontua alguns estereótipos reforçados por este, no que diz respeito às mulheres gordas e à história única (Adichie, 2019) que é contada sobre elas. Especificamente neste relato, podemos destacar a ideia de que mulheres gordas precisam ser boas em tudo que se propõem a fazer, para “compensar” o fato de serem gordas, na tentativa de serem valorizadas socialmente.

*Mas eu achei assim, a parte dela ser intelectual, dela ter que ter algo muito incrível sobre ela para compensar. né? Ela canta. Ela tem que cantar, ela tem que ter aquele pai, aquela mãe... caricatos também, sabe? Gente, somos cheias de traumas, qualquer pessoa é cheia de traumas, sabe? Então, eu acho que dá uma pesada nisso (Maria, 33 anos)*

Quando Maria (33 anos) diz que “somos cheias de traumas”, me questiono sobre as implicações psicossociais, em mulheres gordas, resultantes da pressão externa que recebem para serem extraordinárias. Partir do pressuposto que mulheres gordas precisam provar seu valor para além da gordura, nega o direito delas de, como seres humanos, apenas lidarem com os seus traumas e falhas. Nega-se a possibilidade de fracasso, já que hegemonicamente previamente fracassaram em ter um corpo magro.

Portanto, a partir desses discursos normalizadores do corpo gordo, produzem-se múltiplos efeitos psicossociais na população e estrutura social, mas especificamente nesta

pesquisa nos processos de subjetivação de mulheres gordas. O estigma estrutural da gordofobia também possui suas implicações nas vivências e experiências românticas de pessoas gorda, nesse caso de mulheres, faz com que elas desenvolvam ideias específicas de amor: entre elas, a de que o amor romântico não é um lugar possível a elas, ou a de esperança, de um dia ‘vir a ser’, como exemplifica o trecho abaixo.

*Eu sou muito romântica, idealizo muito as coisas, e sempre gostei muito de comédia romântica, sempre foi meu gênero preferido talvez, e esse filme eu reassisti, todas as vezes na sessão da tarde eu estava sentada na frente da televisão, eu amava esse filme quando era adolescente/criança, **porque eu acho que era aquela fantasia de que ‘um dia vai ser assim, um dia alguém vai me enxergar, sabe? Acho que era a isso que eu me apegava, e aí depois que eu consegui entender eu prometi que eu nunca mais ia assistir esse filme (Baleia, 30 anos)***

Uma das mensagens que o filme passa é justamente essa, de que o amor acontece quando alguém te escolhe por sua ‘beleza interior’, aqui lê-se também por sua ‘magreza interior’, sendo que a gordura é sinônimo de feiura, pois para ser ‘bonita’ Rosemary (personagem do filme) precisa ser retratada como uma mulher magra. A mesma premissa é identificada no filme “Sierra Burgess é uma *loser*” (2018, Direção: Samuels), já que o personagem Jamey “se apaixona” pela ideia da personagem Veronica, não sabendo que está conversando com a protagonista Sierra. Curioso pensar que o filme, mesmo feito 17 anos após o lançamento de “O amor é cego” (2001, Direção: Farrelly; Farrelly), transmite uma mensagem semelhante – a de que alguém só se apaixona por uma pessoa gorda se for enganada, manipulada para idealizá-la como magra. Em roda de conversa, externalizei também as minhas impressões após assistir o filme, onde trago para discussão esse ponto.

*Não era ela no começo, né? Então tudo que ela fez, em teoria, foi justificado porque ela nunca ia, se fosse em qualquer outra circunstância, ela nunca ia achar o amor. E me pegou muito isso, de tipo a mesma narrativa, só que de uma maneira diferente, super romantizado. No final, eles ainda ficaram juntos e ela aceitando isso... Aquele final que ele está na frente do carro e fala pra ela “é, provavelmente eu nunca teria te olhado mesmo”, se não fosse pelo fingimento e pelos joguinhos. O que que foi aquilo? (Bruna, 28 anos)*

Outro ponto levantado nos encontros foi o de acreditar que o amor existiria no “apesar de...”, no apesar da gordura. Importante pontuar que a propagação desse pensamento, de que corpos maiores não são amáveis, pode abrir margem para relacionamentos afetivos desiguais, permeados por situações sutis e/ou explícitas de violência. No filme em questão, quando Hal e Rosemary se conhecem, ele faz piada sobre o tamanho da calcinha que ela tem em mãos, no momento ela acha um absurdo, mas acaba aceitando sair com ele, sendo que Maria relata sofrimento sobre essa correlação pejorativa:

*É, e foi muito pesado, porque ela estava vendo o negócio da roupa né e nossa aquilo é um gatilhão para mim, a roupa ser grande e tal [...], mas ele tira sarro [...] aí eu falei puts não vou ver essa mulher aceitando um babaca, e aí foi isso aí para mim, foi esse o ponto que eu pensei ‘ai gente, acho que eu vou dormir mesmo (Maria, 33 anos)*

Para concluir essas primeiras andanças sobre o protagonismo gordo em filmes românticos, é importante pontuar que, ao serem questionadas, todas as participantes me disseram que não se sentem representadas nos filmes em questão, e nem pela grande maioria das produções fílmicas propagadas pela indústria *mainstream* – o que me faz questionar: será que realmente existe um protagonismo gordo? Qual a função biopolítica de fazer piada do

corpo gordo? Quais efeitos psicossociais das produções fílmicas hegemônicas em pessoas gordas?

Minha intenção inicial nessa cena era apresentar, de forma breve, o enredo do filme, os interesses envolvidos nessa narrativa e parte das impressões que as mulheres gordas tiveram dele, ou seja, problematizar modos como a produção fílmica são consumidas e vivenciadas por elas. Nesta próxima parte, analisarei modos como discursos dos filmes destacados impactaram diretamente nas experiências amorosas e afetivas das mulheres gordas participantes dessa pesquisa.

#### **Cena 4.2 – Ficção oposto de realidade? Os impactos psicossociais de filmes românticos na trajetória de mulheres gordas**

*Nós aceitamos o amor que achamos que merecemos (As Vantagens de ser invisível)*

Costuma-se pensar em ficção e realidade como lados opostos de uma mesma moeda. Para mim, particularmente, essa ideia nunca convenceu. Como eu já disse anteriormente nessa dissertação, cara leitora, a ficção sempre foi para mim lugar possível, através dela vivenciava inúmeras aventuras, mas principalmente o amor que não me foi permitido. Vestindo o uniforme do colégio, o pijama nos dias de frio, meu corpo não via barreiras entre o real e o imaginado. Através dos filmes eu ficcionalizava mundos outros onde eu e meus desejos coubessem, pois “é somente por meio da imaginação acerca do assim chamado impossível que podemos começar a concretamente construí-lo” (Imarisha, 2016, p. 4).

Neste processo de pesquisa de mestrado, venho traçando modos de dizer das (im)possibilidades que as produções ficcionais produzem e fazem circular. Logo, por

acreditar nesta fronteira permeável e interseccionada entre realidade e ficção, é que a presente investigação se tornou factível. Porém, no processo de dissertar, pude perceber que para além de fabular muitas vezes um lugar possível para mim, a ficção, a depender da narrativa, é responsável por (re)produzir violências tão conhecidas no cotidiano, como por exemplo, a gordofobia, pois são criadas a partir de uma perspectiva patriarcal (hooks, 2021).

Uma das participantes das rodas, ao dizer sobre não ter conseguido terminar de assistir ao filme proposto, expôs sobre como a ficção tornou-se um espaço de não-lugar para ela, sendo que hoje ela prefere consumir histórias reais, documentários, entre outros.

*Então, eu tenho tido dificuldade com a fantasia, meu problema é sempre esse. Por que eu acho que nesse lugar de rejeição... [...], passa um ponto que você enxerga tudo como rejeição, você acha que as pessoas estão te rejeitando o tempo todo, e as vezes as pessoas não estão nem aí para você [...] então todo e qualquer lugar virou um lugar de rejeição (Maria, 33 anos)*

Nesse trecho é possível compreender a ficção como tecnologia de gênero (Lauretis, 1987), que dissemina e (re)produz a ideia de que mulheres desviantes da norma necessariamente ocupam o lugar “natural” de rejeição. Ou seja, utiliza-se do dispositivo amoroso como expressão de uma certa coerção, pois através da narrativa do medo e da solidão mulheres se veem na obrigação do emagrecimento por meio de um processo de ortopedia moral de adequação à norma. Dizendo especificamente sobre o filme, a ideia que este transmite é que mulheres precisam performar feminilidades que sejam desejáveis, alicerçadas na preocupação com um determinado modelo estético, no consumo de produtos de beleza, ou seja, que estejam aptas a ocupar a prateleira do amor para homens (Zanello, 2022).

Para essa discussão, é importante retomar os debates propostos pela pesquisadora Valeska Zanello (2022). Como dito anteriormente, mais especificamente no episódio 3, a autora faz uma correlação das relações modernas com uma prateleira, nomeada por ela como “prateleira do amor”. Neste dispositivo normativo, estabelecem-se valores às mulheres, levando em conta do quanto se distanciam, ou não, do padrão proposto socialmente. Por ocupar uma posição não privilegiada nessa prateleira, uma posição de corpo abjeto, as experiências amorosas de mulheres gordas comumente são agenciadas e vivências de dor e de interrupção, como é possível identificar nos relatos a seguir:

*foi quando eu me tornei uma mulher que eu entendi a situação de ser uma mulher gorda, tipo assim quando eu atingi a puberdade, e comecei a entender relacionamentos e interesses por meninos, né? Eu acho que foi nesse momento que eu entendi que eu nunca ia ser uma menina que ia ser gostada pelos meninos que eu gostava. Lembro de escrever cartinha para um menino dizendo que eu sabia que ele não ia gostar de mim, porque tipo é uma outra categoria né? Estamos em uma outra categoria da prateleira. (Maria, 33 anos).*

*Acho que vai nas inúmeras violações que eu passei em relacionamentos afetivos, sexuais. Desde o meu primeiro beijo, que foi recusado porque ele pensava que era minha amiga magra que ia estar lá, porque foi combinado depois de escola, para se encontrar atrás da escola, e cheguei lá e ele falou ‘não, pensei que era a Camila’, e foi-se embora, então a rejeição está desde o início assim (Baleia, 30 anos).*

*Posso falar? Eu fiquei pensando aqui, eu nunca tinha parado para analisar... porque nunca foi uma prioridade o relacionamento, e até parei para pensar: ‘será que nunca*

*foi uma prioridade, porque eu me colocava para baixo?’ aí eu fiquei pensando nisso, não sei dizer (Juliana, 22 anos)*

*Eu estou nessa mendigação de afeto desde que eu me entendo por gente, é em toda relação, eu achei que seria só nesse tipo de relação, mas é em qualquer uma, meche muito com a autoestima (Maria, 33 anos)*

Especificamente sobre os efeitos que os filmes produzem no imaginário de mulheres gordas, a participante Baleia expõe sobre como o ‘não-lugar’, ou seja, a falta de representatividade do corpo gordo e/ou a representação pejorativa dessas corporalidades, a fez aceitar estar em relações que não a priorizavam, ou até mesmo relações que não se colocaria se a sua corporalidade fosse outra. Complementando essa afirmação, Amelie também diz que se reconheceu na protagonista Sierra (Sierra Burgess é uma *loser*, 2018, Direção: Samuels), por se colocar em situações arriscadas quando o assunto é o amor romântico, com medo de que outras oportunidades românticas não aconteçam novamente. A escolha de com quem se relacionar, em certo nível, e, por vezes, também é negada às mulheres gordas.

*Eu acho que a falta de representatividade, para mim, influenciou em aceitar calada o não lugar, ou um segundo lugar, um lugar de não privilégio, de não exclusividade, de não prioridade, e aceitar o que vier para mim é lucro, sabe? Se alguém me quiser, eu tenho que aceitar aquilo, de bom grado, ficar feliz com aquilo (Baleia, 30 anos).*

*Ela passar por cima da própria moral ali no começo e tal, de ser uma pessoa certinha, “mas eu vou dar esse descuido porque não é todo dia que isso acontece, não é sempre que acontece”. Isso se reflete muito no meu dia a dia, no nosso dia a*

*dia, porque a gente dá um... nos escuros, a gente entra em burrada, em relacionamento e cara, não é pra gente só que a gente vai porque não é todo dia que acontece, eu sinto isso (Amelie, 24 anos).*

Nessa mesma linha de raciocínio, sobre os efeitos causados pelos filmes no imaginário de mulheres gordas, Maria expõe considerar que homens nunca se interessariam por ela, sendo que ela também afirma que homens são “naturalmente” superficiais e que só se relacionariam com ela de modo sigiloso.

*rola esse lance, de você saber que o cara nunca vai dar em cima de você, ele nunca vai querer nada contigo, porque daí coloca esse filme, do lance do cara ser superficial, ligar só para uma coisa, mas eu já tive amizades com homens, e todas elas viravam um romance no sigilo, né? (Maria, 33 anos).*

Aqui é importante pontuar a discussão sobre a constituição das masculinidades no sistema patriarcal em que estamos inseridos. Ao fazer um ensaio sobre o amor contemporâneo, bell hooks (2021) diz sobre a importância de elementos como justiça e verdade para a constituição das relações amorosas e como, em contrapartida, homens são ensinados a mentir e mascarar seus sentimentos. Quando falamos sobre o “ser homem”, considerando noções articuladas em um sistema de sexo-gênero, parte-se de uma perspectiva hegemônica de performance masculina agenciada e a mentira para a obtenção do poder, segundo hooks (2021).

O patriarcado nos diz diariamente, nos filmes, na televisão e nas revistas, que homens poderosos podem fazer o que bem entender, que é essa liberdade que os torna

homens. A mensagem dirigida aos homens é que ser honesto é ser “mole”. A habilidade de ser desonesto e indiferente às consequências da desonestidade torna um homem “durão”, separa os homens dos meninos (p. 80).

Logo, me parece que, ainda em posicionalidades consideravelmente distintas, homens e mulheres, cis e trans, são impactos pelas normativas opressivas de gênero. Neste processo é fundamental articular uma análise interseccional, contudo, por mais que possuam privilégios garantidos em estrutura patriarcal, considero que há sofrimento psicossocial em homens que se veem compulsoriamente obrigadas e a ter que sustentar uma performance masculina, pois ao “abraçarem o patriarcado, precisam abandonar ativamente o desejo de amar” (hooks, 2021, p. 82). Quando Maria (33 anos) expõe situações em que seus relacionamentos acabavam acontecendo no sigilo, ela denuncia uma possível preocupação que homens possuem em serem vistos amando, ou relacionando-se com uma mulher gorda. Na busca por performar uma masculinidade esperada, abre-se também mão de conectar-se e conhecer verdadeiramente o amor. Sobre esse fenômeno, bell hooks (2021) afirma que homens costumam optar pela “masculinidade patriarcal para serem aceitos por outros meninos e ratificados por figuras de autoridade masculina. [...] Ainda que tantos meninos sejam ensinados a se comportar como se o amor não importasse, em seu coração, anseiam por ele” (p. 81-82).

Mesmo entendendo que também existe sofrimento envolvido quando performa-se a masculinidade hegemônica, é primordial nomear as violências de gênero sofridas por mulheres, dentro de relacionamentos heterossexuais, pois, onde já desejo pelo poder, o amor não habita (hooks, 2021). Os relatos seguintes demonstram parte de como as mulheres participantes dessa pesquisa foram afetadas diretamente pela desigualdade patriarcal.

*Eu não consigo acreditar em um relacionamento saudável, hoje em dia. De tão sacaneada que eu fui, sabe? [...] tive relacionamentos com um monte de gente que só quer me comer, sabe? Porque não quer ter um relacionamento, não quer ter algo sério, nem... sabe, uma paixão, uma coisa romântica, o girassol... Parece que isso não é uma opção, né? Não é uma opção. [...] Meu primeiro namorado, por muito tempo, ele tinha vergonha de mim, ele tinha muito medo de que eu ficasse muito gorda, ele verbalizou isso pra mim uma vez” (Maria, 33 anos).*

*Eu trabalho num ambiente composto por 80% de homens operacional, tipo, é chão de fábrica, então, cara, qualquer momento que tu passa tipo eles olham, eles riem, é tipo assim, se eles já fazem isso com mulheres magras, eu não quero nem saber, o que eles falam de nós pessoas gordas. E além de tudo, tipo, no vestiário, às vezes o pessoal vai limpar, né, o pessoal dá limpeza. Aí acaba fotografando, eles fazendo dizeres de várias coisas, de várias pessoas, de líderes e de mulheres. Eu vi só um print, eu vi rapidinho, só vi por que eu não quis me procurar ali. Porque como são poucas mulheres, tinha muita chance do nosso nome estar ali, do meu nome, das meninas. É super pesado, tipo, ah, fulana, boqueteira... gente parece uma escola, parece um banheiro de escola, aí tu pensa: caramba, é tudo homem e velho tipo, tem mulher, tem filho, muito provavelmente que trabalham em outras empresas que podem estar suscetíveis a isso e eles enfim, fazem isso e em relação ao corpo gordo, isso multiplicado a 1000 aí corpo gordo preto 2000 aí vai aí por aí vai...*

*Eu vi um vídeo que o cara pergunta “você ficaria com uma mulher gorda?” e o outro responde: “não! Jamais! não é esse tipo de coisa que eu gosto, gosto de gente que cuida da própria vida que é saudável” ... aí eles estão no carnaval, um cara feio pra*

*caralho, com cerveja na mão, o amigo dele fala “é, pra pegar a gente pega em carnaval, carnaval a gente pega” sabe assim? Mas pra namorar... aí ele fala assim explícito sabe? Tipo completamente explícito que é esse o rolê (Maria, 33 anos).*

Para além apenas dos relacionamentos amorosos afetivo-sexuais, nas rodas de conversa foram recorrentes as falas das participantes sobre a experiência cotidiana de solidão. Viver em uma sociedade estruturalmente gordofóbica significa experienciar o mundo através de violências frequentes e, como visto no episódio 2 da pesquisa, enfrentar uma exclusão de espaços públicos e afetivos, direitos tão corriqueiros ao corpo normatizado que estes nem são vistos como privilégio. (Jimenez-Jimenez et al, 2023), assim como elucidam as falas abaixo:

*eu me sinto meio só, e eu sempre quis esse lugar, essa busca, pois falta esse empoderamento porque a gente acha que a gente não tem lugar de fala, a gente não tem nem que falar ou ser ouvida, e meio que é isso assim. (Maria, 33 anos)*

*E aí sempre teve isso do isolamento, da solidão, desse corpo que não encaixa, que ninguém quer ver por perto, que é sujo, que precisa corrigir, limpar e higienizar... e as rejeições de coleguinhas desde os primeiros contatos afetivos-sexuais, né teve muita rejeição, o não-lugar, de amante, que é onde eu passei por muito tempo... e o lugar, que vocês já falaram, de não ser válida a minha fala, eu percebo nas minhas rodas, enquanto psicóloga, que vale menos, que eu sou café com leite, nas coisas (Baleia, 30 anos)*

Um tópico importante de ser abordado, ilustrado por essas duas falas, é em relação à

solidão da mulher gorda. Em texto publicado para a revista Estado de Minas<sup>36</sup>, a colunista Jéssica Balbino (2022) diz sobre a solidão da mulher “não padrão”, ou seja, daquela que não vive sob expectativas normativas, usando o exemplo da ex-participante de reality show, Natália – mulher preta e portadora de vitiligo. Ao contar a história de rejeição que Natália sofreu em rede nacional, dentro da casa do *Big Brother* Brasil 2022, Balbino (2022) diz se identificar com a dor da participante, e articula uma análise sobre a invisibilização de mulheres pretas e/ou gordas, colocando a rejeição como algo recorrente em suas trajetórias. Em seguida, a colunista relata sobre sua experiência, e compartilho um pequeno trecho contigo, cara leitora.

Eu tenho 36 anos e me percebo, diariamente, autossuficiente em muita coisa: viajo, saio para jantar, vou ao cinema, faço reparos domésticos, trabalho etc.; tudo isso sozinha. E, talvez, o mais triste seja: penso num futuro sozinha. Me imagino envelhecendo só. E essa não é uma escolha minha, mas uma imposição pela falta de afeto e gentileza. E eu não quero - nem vou – me forçar pra caber no padrão. Ser mais magra, para então, ser digna deste afeto. Algo que não é possível, por exemplo, a mulheres pretas ou pessoas com deficiência. Corpos nem sempre são mutáveis. E, ainda que haja essa possibilidade, nem sempre queremos. Precisamos ser amadas pelo que somos, não pelo que querem que sejamos. (Balbino, 2022)

Me questiono sobre os efeitos psicossociais causados pela solidão, pelos constantes ataques gordofóbico e pela ideia de que a gordura não é uma característica amável, pois, assim como afirma Maldonado (2022), “espera-se que o humano, enquanto ser social, sofra com esse modo de vida. Até o aumento da incidência da depressão na contemporaneidade

---

<sup>36</sup> Deixo aqui o link da coluna para aquelas que se interessarem a lê-la na íntegra, antes de acompanhar o restante da dissertação. <https://www.em.com.br/app/colunistas/jessica-balbino/2022/01/27/noticia-jessica-balbino.1340642/precisamos-falar-da-solidao-da-mulher-que-nao-e-padrao.shtml>

tem se mostrado arraigado na vivência extrema da solidão” (p. 4). Em certo nível, quando as pessoas – e todo um sistema – afirmam que você não pode ser amado, a probabilidade é que se acredite na ideia de que você não é digna(o) de amor. Em uma das rodas de conversa realizadas, a participante Baleia ilustra essa afirmação em uma de suas falas, ao dizer que tem dúvidas sobre a possibilidade do amor direcionado a ela, e ao corpo em que ela habita.

*O amor pra mim, eu acho que é amizade. Eu acho, é amizade. Carinho, cuidado. Presença, né? E... Mas eu não sei se é possível, pro meu corpo e pra pra mim... É isso, quando eu amo alguém é isso que eu sinto, eu quero dar presença, dou carinho, sou amiga, por ser demissexual, bi, demi, tudo pra mim parte de uma relação [...] mas aí vem o pé no chão, mas eu acho que não é mais possível, nunca foi, mas eu acho que assim, não tem, não há opção (Baleia, 30 anos)*

Nesses relatos é possível identificar que o corpo gordo é punido quando promulgamos sobre corpos que são amados e desejados, por estar socialmente posicionamento no lugar de abjeção. Pensando na discussão que Butler (2020) articula, sobre corpos abjetos e não abjetos, pode-se dizer sobre como o desejo é construído e hegemonicamente direcionado a aqueles que não são nomeados como desviantes. Em uma sociedade patriarcal, que mulheres têm o seu valor definido pela capacidade de ser ou não escolhidas por homens, as mulheres gordas ocupam um lugar esquecido e/ou subjulgado e/ou não visto da prateleira (Zanello, 2022). Quando não postas de lado, elas a partir de seu status de corpos abjetos, são colocadas na posição de fetiche, o que Maldonado (2022) define como fetichização da mulher gorda.

Esta se funda na expectativa de certa compensação ou, em outras palavras, de uma permuta: a própria relação sexual em troca de uma performance fetichiosa e de

submissão; o desejo mais rasteiro em detrimento de laços afetivos mais profundos, de amor e comunhão. A imposição se estabelece no desprivilegio do corpo gordo e na sua suposta obrigação de sujeição aos gostos libidinosos dos parceiros magros, apresentando-se como se fosse a única possibilidade de relação (p. 5).

Sendo assim, quando falamos sobre relações amorosas de mulheres, que supõem o desejo – o namoro, as ficadas, o casamento, como exemplos – estamos dizendo de um lugar que comumente é violento quando não se questiona a racionalidade da gordofobia. Uma estrutura gordofóbica abre caminhos para possíveis relacionamentos violentos e desiguais, principalmente quando dizemos das experiências de mulheres gordas.

Mas, para além da dimensão do desejo, mulheres gordas sofrem em múltiplas esferas sociais. No exemplo citado acima, Baleia relata desconfiças em relação ao seu trabalho e na sua capacidade em ser uma boa profissional: *“e o lugar, que vocês já falaram, de não ser válida a minha fala, eu percebo nas minhas rodas, enquanto psicóloga, que vale menos, que eu sou café com leite, nas coisas”* (Baleia, 30 anos). Ou seja, diversos dispositivos de controle são responsáveis pela tentativa de normatizar o corpo gordo, por meio de estratégias que o situam como marginal, desviante, perigoso. Em conclusão, ainda que provisória, se torna cada vez mais difícil (sobre)viver como uma pessoa gorda em meio a todos esses dispositivos e discursos estigmatizantes, que buscam nossa extinção – pela morte de fato e/ou pela exclusão e/ou pelo emagrecimento, entre outras estratégias normalizadoras.

É nesse momento, querida leitora, que eu me questiono também sobre estratégias de resistência possíveis, sobre o que de ação coletiva e beleza é possível produzir em meio à tanta violência e processos de desumanização/patologização. Será então essa a reflexão da próxima cena, respirar.

### Cena 4.3 – Produção de (re)existência

Posso dizer que desde os primeiros passos no campo-tema (Spivak, 2010) dessa dissertação, minha dúvida sempre foi: para onde esse caminho leva? Tinha breve impressão de que apenas confirmaria parte de minhas hipóteses (e vivências), que faria mapas provisórios desse campo não tão explorado, que ajudaria novas viajantes percorrerem esse caminho. Neste trajeto, contudo, não sabia das trilhas possíveis que também emergem de modos inusitados. Pesquisar sobre gordofobia e corponormatividade não é uma tarefa fácil, por inúmeras vezes me senti asfixiada na violência estrutural, acreditando que a experiência de ser uma mulher gorda envolveria apenas sofrimento, sem muito fabular o que existiria para além do aprisionamento, assim como poeticamente partilho a seguir:

*Pássaro dentro da gaiola.*  
*Preso dentro dela? Será?*  
*Ele é que não quer sair, vive lá dentro, se acostumou...*  
*Se quisesse, já teria voado céus inteiros,*  
*Conhecido mundos,*  
*Outros pássaros.*  
*Sabe voar sim, é pássaro, não é? Não tem essa de não saber.*  
*Não se ensina pássaro a voar!*  
*Tudo bem que ele nunca viu outros pássaros iguais a ele*  
*Que nunca conviveu com semelhantes*  
*Que nunca viu-se voando*  
*Que nunca experimentou a brisa no rosto*  
*As asas abertas*  
*O frescor de liberdade*  
*E a liberdade de ser pássaro*  
*Talvez a jaula tenha tirado isso tudo dele, afinal*  
*Pensando bem, será que ele sabe viver fora da jaula?*  
*Se tirarem a prisão dele, o que sobra?*

*O que se faz com a liberdade que nunca se teve?*

*(Texto autoral)*

Porém, a pesquisa é viva, caminha por percursos que não esperamos, faz circular trilhas não contempladas, surpreende a pesquisadora atenta às suas surpresas (e encantamentos). Ao escolher dissertar sobre dores, me deparei também com produções singulares e coletivas de vida. É exatamente sobre isso que escreverei nessa última cena, deste último episódio. O final (e começo) feliz subversivo dessa grande aventura.

Como contei anteriormente, em um dos grupos de pesquisa que frequento, uma amiga que já tinha lido um de meus capítulos me perguntou sobre qual o caminho eu gostaria de dar para a minha pesquisa. Naquela época, paralisada pelas dores dos processos de pesquisa sobre corpornomatividade, não encontrei palavras para responder, afinal, era possível traçar caminhos? A gordofobia não dizia por si só? Porém, como acredito no poder ressoante das palavras, aquelas seguiram reverberando em mim.

Foi nesse momento que (re)conheci bell hooks (2021), em seu livro “Tudo sobre o amor”. Acima, no episódio 3 dessa dissertação, situei a partir de embasamento teórico o amor como uma produção neoliberal, utilizada para a capitalização e para o controle, como tecnologia de gênero – o que faz sentido, assim como é notável nos argumentos apresentados. Porém, a partir do diálogo com parte da obra de hooks (2021), me permiti também experimentar visões outras acerca do amor. Resisto em aceitar que há apenas uma versão hegemônica de amor disponível, pois, considero outros modos dissidentes de amar. Sim, insisto na afirmação do amar como verbo, pois mesmo a palavra amor sendo um substantivo, “a maioria dos mais perspicazes teóricos dedicados ao tema reconhece que todos amaríamos melhor se pensássemos o amor como uma ação” (hooks, 2021, p. 46). Sendo assim, articulo nesta pesquisa também uma perspectiva de amor como “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa” (hooks, 2021,

p. 52).

Em uma das rodas de conversa, perguntei às participantes o que elas consideravam ser o amor, com o objetivo de trazê-las para essa reflexão, visto que o termo é um dos fios condutores desse roteiro que chamo de dissertação. Em minha perspectiva, ouvir a opinião delas também faria surgir questões relevantes, visto a experiência única de cada uma, em serem mulheres gordas no mundo. E, como esperado, as respostas me emocionaram e me encantaram. Amelie, que apesar de anteriormente comentar que as comédias românticas influenciaram diretamente em seus relacionamentos anteriores, disse as seguintes palavras:

*Eu tiro amor de referência, não de filme, não de livros... dos outros, porque eu sei que eu vou bater cara na parede. Eu tive referência de casa, e amor... metade idealização e metade o que é de fato, no caso. Confiança, companheirismo, é algo que eu já senti e eu sinto que já sentiram por mim, mas talvez inalcançável. Acho que pra fechar, acho que não inalcançável. Porque depende de muita coisa. Depende de muita coisa. O amor é composto por muita coisa e atualmente para mim inalcançável. (Amelie, 24 anos).*

Nesta declaração da participante Amelie é possível ver produção de (re)existências. Pois, mesmo consumindo comédias românticas, e dizendo que elas influenciaram em suas escolhas amorosas no passado, hoje ela tem uma visão mais complexa do amor, entendendo-o a partir não dos filmes, ou dos livros, nem dos outros, mas a partir do amor que vivência em casa, e daquele que disse já ter vivenciado. A autora bell hooks (2021) afirma que “devemos encarar a confusão e a decepção em relação ao fato de que muito do que nos foi ensinado a respeito da natureza do amor não faz sentido quando aplicado à vida cotidiana” (p. 43). Sendo assim, se faz compreensível a declaração de Amelie, quando compartilha achar o amor

atualmente inalcançável – se desprender e ressignificar tudo o que nos foi ensinado sobre o amor é um processo longo, e, por vezes doloroso – mas sempre emancipador.

E, pensando no caráter emancipador de questionar o amor romântico hegemônico, trago a definição de Maria do amor. A participante pontua que hoje escolheu vivenciá-lo de uma maneira outra, priorizando basear-se nas próprias experiências – depois de ter compreendido que o amor “felizes para sempre”, tradicional e defendido por valores conservadores vêm sendo posto à prova.

*Eu tenho experienciado uma solteirice mais leve ultimamente. Mas vou viver aquele momento e vou me permitir conhecer pessoas... E é isso, assim, eu acho que tem esse lance de desenvolver uma amizade com a pessoa, de ter um companheirismo e estar junto enquanto faz sentido, ter aquela presença enquanto faz sentido. Eu acho que o relacionamento convencional como ele é, tipo, tradicional, um namoro, um casamento e tal, isso já tá caindo [...]. Então eu acho que eu, algum tempo atrás, me decidi que eu vou aprender a me relacionar me relacionando. Então eu passo o rodo mesmo. (Maria, 33 anos).*

A fala fez-me recordar de uma das citações, também de bell hooks (2021), em que a autora dizia sobre o caráter também efêmero do amor, e sobre como grande parte de nossas relações amorosas não resultarem no “felizes para sempre”, mas que, mesmo assim, somos transformados por aqueles que amamos e aqueles que nos amam.

Aprendi que podemos encontrar um amor verdadeiro e que nossa vida pode ser transformada por tal encontro, mesmo que ele não leve ao prazer sexual, a um vínculo de compromisso ou mesmo a contato constante. O mito do amor verdadeiro – aquela

visão de contos de fadas em que duas almas se encontram, se juntam e vivem felizes depois disso – é coisa de fantasias infantis. Entretanto, muitos de nós, mulheres e homens, carregam essas fantasias para vida adulta e são incapazes de lidar com a realidade do que significa ter uma conexão intensa, que altera nossa vida, mas que não levará a um relacionamento duradouro ou sequer a um relacionamento. O amor verdadeiro nem sempre nos leva ao “viveram feliz para sempre” e, mesmo quando leva, sustentar o amor ainda dá trabalho (hooks, 2021, p. 211).

Antes de me encontrar com essa citação, o título da pesquisa tinha o questionamento: “O ‘felizes para sempre’ é para todas?”. Hoje, o amor “para sempre” já não muito me interessa, e justamente por isso, e por entender o que propôs bell hooks (2021), o título da dissertação foi modificado. Para além do processo de pesquisar, ou também junto dele, vivenciei um final de ano descobrindo que muitas pessoas as quais eu amo se mudariam da cidade em que moro. Claro, as notícias vieram com dose de dor de perda..., mas hoje, compreendendo o amor como o compreendo, entendo a quão amada e transformada eu fui até aqui por essas pessoas – o felizes para sempre caiu de seu pedestal quando conhecemos a beleza dos encontros. A pesquisa e as mulheres participantes das rodas também me ensinaram que o amor é mais expressivo e potente do que apenas sua forma romântica, pois “não há amor especial reservado exclusivamente para parceiros românticos. O amor verdadeiro é a base de nosso envolvimento com nós mesmos, com a família, com os amigos, com companheiros, com todos que escolhemos amar” (hooks, 2021, p. 170).

Até aqui fui capaz de compreender que mulheres gordas em grande escala, enfrentam dificuldades em estabelecer relacionamentos românticos, pois o estigma social hegemônico não as vê como desejáveis. Acredito também que, até que se questione a gordofobia, não é possível estabelecer relações verdadeiramente amorosas, pois mesmo que hegemonicamente

se propague o ideal de que o amor pode existir em situações na qual um indivíduo (ou grupo) domina o outro – ou seja, onde há relações de poder – “sem justiça, não pode haver amor” (hooks, 2021, p. 72). Sendo assim, a partir do questionamento da gordofobia, surge a possibilidade da produção de caminhos amorosos para mulheres gordas. Essa cena dirá sobre alguns deles, já que segundo a participante Maria (33 anos), “*todo dia é um novo dia para gente conhecer alguém e amar e ser amada. E se olhar no espelho e aprender a se amar também*”.

#### **4.3.1 – Modos coletivos de (re)existir entre mulheres gordas**

Pelas andanças desse episódio, eu já relatei sobre o quanto as participantes das rodas estavam investidas em participar, tanto da pesquisa como das rodas de conversas. Conte também sobre parte das reverberações em mim de estar entre mulheres gordas. Experimentei uma sensação inusitada e potente de pertencimento, algo que uma leitora magra talvez não entenda.

Ao refletir sobre suas experiências, Maria conta que sente falta de se relacionar e conversar com pessoas que entendem sobre o que ela diz, com pessoas que passem por vivências semelhantes e que não a julguem por expor suas dores e frustrações, processos esses considerados consequências da gordofobia.

*eu acho que fazendo terapia há muitos anos, percebi também que é um lugar que as pessoas não entendem assim, eu acho que quem nunca passou por isso não entende, acha bobagem, acha um absurdo, acha que é só uma coisa que você pode resolver o seu problema, você que não quer resolver, então porque você tá se vitimizando e porque você tá colocando isso como uma questão, né? Então nesse momento eu*

*entendi que eu senti falta de ter amigadas, de conhecer pessoas que entendiam o que eu estava falando... (Maria, 33 anos)*

Contribuindo com essa linha de raciocínio, Baleia diz também se sentir dessa forma, e acrescenta que, por vezes, nem a terapia se articulou como um espaço possível e seguro de compreensão e acolhimento para ela: “(...) e as minhas terapeutas também magras né, como ela falou também. E eu que estava ensinando sobre gordofobia para elas, uma loucura” (Baleia, 30 anos).

Reforça-se aqui sobre o quanto a psicologia vem se afirmando de modo profundamente negligente com as existências de pessoas gordas e com o debate sobre efeitos psicossociais da gordofobia. Sendo assim, se faz urgente a formação/capacitação de estudantes e profissionais atentos/as a estrutura gordofóbica em que vivemos, e ao debate interseccional sobre corporalidades localizadas como dissidentes, contribuindo para desestabilizar regimes de saber e poder que edificam à gordofobia como sistema de opressão, bem como para ampliar redes de cuidado, proteção e solidariedade de pessoas gordas. Os cursos de graduação e pós-graduação em psicologia precisam estar atentos a essas questões ao pensar nas grades curriculares que formarão psicólogos.

Além disso, foi possível compreender a potência das redes de partilha, dos encontros entre semelhantes na produção de saúde mental e acolhimento – ou seja, é possível considerar esses espaços como ferramentas eficientes, pensando nos processos de subjetivação de pessoas pertencentes a grupos de minorias sociais, como prática da psicologia social. A prática grupal já é grande aliada no campo da psicologia social, porém muito pautada em construções heterogêneas de grupos, assim como demonstra Silva (2000) ao afirmar que o grupo é um lugar da multiplicidade e não da homogeneidade. Em partes concordo com o autor, estabelecer encontros em meio às diferenças produz potência e diálogo, habilidades

essas necessárias na construção de saúde mental e de emancipação do sujeito. Porém, como visto nessa dissertação, é também potente investir no encontro entre semelhantes, pois esses geram sensação de pertencimento, de representatividade e de compreensão.

Em relato de experiência, as autoras Lima et al. (2024), compartilharam sobre o processo de realização de grupos com mulheres quilombolas na comunidade Grilo da Paraíba. Após a realização das reuniões, elas pontuam a importância de promover redes de apoio e o fortalecimento de vínculos entre as mulheres negras quilombolas, pois a

interseccionalidade de opressões vividas pela mulher negra quilombola demanda estratégias ampliadas e complexas. Assim, as redes de apoio surgiram como uma ferramenta eficaz para enfrentar os desafios de forma coletiva. [...] O grupo de mulheres formado ofereceu um ambiente seguro para compartilhar experiências, superar desafios e construir uma rede de apoio e suporte mútuo. (p. 6)

Nesta cena, a partir da articulação sobre grupos e dos relatos das participantes, me indago sobre a importância dos modos coletivos de produção de vida e resistências, ou seja, parto da perspectiva de que o encontro entre semelhantes pode se afirmar como estratégias de resistência e produção de saúde mental em populações afetadas por violência estrutural, nesse caso em mulheres gordas. Preciado (2011), ao dissertar sobre multidões queer, afirma o quanto essencial é a resistência coletiva dos considerados “anormais” pelo sistema das “tecnologias sexopolíticas”, em termos do autor, fazendo com que as minorias sexuais se tornem multidões. Sendo assim, “a multidão queer [...] se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos ‘normais’ e ‘desviantes’” (Preciado, 2011, p. 16). Investir em uma ética de multidão queer é reconhecer a grande potência existente nos modos de vida

coletivos. E, acrescentando as contribuições de bell hooks (2021), o coletivo assume caráter amoroso através da ideia de comunidade que, segundo a autora, “não há lugar melhor para aprender a arte do amor que numa comunidade” (p. 162)

E, dizendo sobre redes de partilha, uma das participantes da roda relatou sobre a importância da popularização dos estudos sobre gordofobia na internet, e sobre ela acompanhar influenciadores que dizem sobre o tema, e a partir daí se interessar por entender mais: *“E aí veio aquele bum da internet né, pessoas gordas influencers falando sobre isso e eu comecei a me aproximar, entender”*. (Baleia, 30 anos)

Nesse caso, problematizo que a internet também opera como tecnologia de gênero, contudo, por vezes contribuindo para desestabilizar a ordem dos gêneros e demais operadores normativos. Rangel (2017), ao estudar sobre produtores de conteúdo que falam sobre a luta contra a gordofobia, afirma que existe identificação entre mulheres gordas nas redes sociais e no ambiente virtual, pois, segundo a autora, o “conteúdo das páginas muitas vezes acaba funcionando como uma espécie de grupo de apoio, em que são relatadas em sua maioria histórias pessoais, o que fortalece o entendimento das mulheres gordas enquanto um grupo que sofre dos mesmos preconceitos”. (p. 72).

Chama a atenção que mesmo a internet operando de modo construtivo, a partir da formação de comunidades acolhedoras, que possibilitam identificação e pertencimento, ela não se limita a apenas essa função. Ao mesmo tempo em que se fortalece a luta contra a gordofobia, e as demais formas de violências estruturais, as redes sociais também escancaram o fascismo, o preconceito e as violentas falas vindas de seus usuários, direcionadas à diversos grupos sociais, como nos ilustra a participante Maria, através de seu exemplo.

*As pessoas realmente menosprezam o corpo gordo e acham que a gente não devia nem existir, na verdade. Tipo assim... É foda porque eu acho que tem uma questão*

*racial muito forte rolando ainda, pesadíssima. Tipo, a galera continua negando isso... Mano, o povo fez sinal de supremacia branca nas Olimpíadas! Essa pessoa tinha que ser, tipo, mandada pro país dela de volta e nunca mais pisar na porra da Olimpíada, tá ligado? Ai você tem a judoka brasileira gorda ganhando... preta, pobre, gorda, feliz pra caralho, sabe? Uma puta de uma autoestima ganhando medalha pro Brasil, sabe? [...] E, ao mesmo tempo, você vê um monte de influencer gorda... bombando, cheia de autoestima e o caralho a 4. Tipo, é esse o rolê, que as duas coisas acontecendo ao mesmo tempo (Maria, 33 anos).*

Sendo assim, a internet, como tecnologia de gênero, opera de múltiplas maneiras a depender da narrativa, tornando as práticas discursivas um **campo de narrativas em disputa**, visto que a partir da definição foucaultiana, a verdade não pode ser separada da ideia de poder, pois ela está “circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (Foucault, 1977, p. 35).

Entendendo então os regimes de verdade articulados em relações de poder, é possível dizer sobre a importância de produzir resistências e ficcionalizar fissuras no discurso hegemônico sobre o corpo gordo – como me propus a fazer nessa dissertação, especificamente nesta última cena. Analisei acerca da potência dos encontros, da dimensão coletiva na luta anti-gordofobia e, nesse próximo subtópico, me convoco a falar sobre o caráter subjetivo, sobre como mulheres gordas podem criar estratégias próprias de autocuidado e resistência, para também além da luta coletiva – mesmo que de forma prática as dimensões coletivas e individuais não existam de forma dissociada.

### 4.3.2 – A mulher gorda pode falar: processos de auto nomeação e autocuidado

Estimada leitora, não sei se lhe vem à memória, mas as primeiras palavras de minha dissertação se tornam relevantes nesse momento. Recapitulando, os exatos dizeres foram: *“fofinha, gordinha, cheinha... tantos diminutivos para coisificar, amenizar, mascarar o enorme preconceito relacionado ao corpo da mulher gorda. Sim, gorda”*. Em seguida, disserto sobre o processo de me autodenominar como mulher gorda. Durante toda uma existência – nesse caso, particularmente a minha – fui ensinada que o termo gorda era utilizado como xingamento, chamavam de gorda aquela mulher não magra que desesperadamente gostariam de ferir os sentimentos, de diminuir, de humilhar. Sem muito esforço, mais por absorção, entendi o uso dos termos gordo, gorda e seus derivados como maneiras efetivas de expressar ódio.

Sou incapaz de te afirmar com exatidão o momento em que passei a expressar esse ódio sobre mim mesma, querida leitora. A única coisa que sou capaz de ter certeza é que comecei. Quando criança me sentia diferente, mas ainda não capaz de me odiar. Na adolescência as coisas começaram a se modificar. Nessa época, tudo denunciava que meu corpo não era aceito, não era amado ou desejado. Não me entenda mal, eu sentia que as pessoas me amavam, estimavam minha presença, gostavam da minha companhia, mas tudo isso **apesar** do meu corpo. Não muito demorou para que também eu gostasse de algumas coisas em mim, **apesar da gordura** – minha versão completa e suficiente estaria uma (ou infinitas) dietas de distância, sempre uma nova segunda-feira para eu realmente começar a me amar por inteira. Posso já te adiantar que o corpo livre da gordura não chegou, até então o amor pleno também não.

Fico feliz em dizer que esse amor deu um jeito de me encontrar, a partir do nascimento dessa pesquisa em mim. Conhecer o ativismo e a resistência gorda me salvou, a

partir disso pude entender o quanto meu corpo é político, e o quanto minha existência é resistir a esse sistema falho no qual vivemos. Aprendi que não seria fácil, mas que **é** possível. Começo essa discussão deste modo pois acho importante pontuar que, de uma maneira inicial, automear-me me salvou e me devolveu o amor. “Quando podemos nos ver como realmente somos, e nos aceitamos, construímos os fundamentos necessários para o amor-próprio” (hooks, 2021, p. 93).

E, nessa pesquisa, compreendi também que o salvamento pelo ato de automear-se não era um processo exclusivo a mim, por mais que tenha sido singular. Entendo a automeação e a ressignificação do termo gorda como ato de resistência, a partir da não aceitação dos discursos regulatórios direcionados aos corpos desviantes (Foucault, 1979). Em relato, uma das participantes compartilhou no grupo sobre o sofrimento causado quando as pessoas fazem comentários sobre o corpo alheio, mesmo sem autorização ou solicitação de tal comentário.

*a grande maioria ainda não sente vergonha de falar isso, não ver como algo errado, como algo tipo... Imoral realmente de se falar de corpo alheio, eles ainda se sentem na liberdade, tanto que eles se sentem na liberdade de falar na rua, gente, em qualquer lugar, tipo, comentários, falar do corpo, parece que eles têm a liberdade de falar do corpo, e tá você e uma pessoa magra, eles têm a liberdade de falar de você, tipo... Cara, quem te deu essa liberdade? ninguém, e mesmo assim falam, de forma direta e indireta. É muito sinistro isso (Amelie, 24 anos).*

É nítido na fala de Amelie (24 anos) o desconforto em precisar ouvir comentários sobre o próprio corpo, por vezes de pessoas as quais nem conhece. É possível presumir que isso acontece pelo fato de o corpo gordo ser considerado um corpo abjeto (Butler, 2020),

encarado muitas vezes como não humano, e não constituído dos próprios desejos e sentimentos, e, a partir desse estigma, as pessoas se autorizam a comentar e desprezar corpos gordos, sem considerar a possibilidade de feri-los. Além disso, os discursos médicos aparecem como verdade, e “justificam” a necessidade de controlar/disciplinar um corpo que nítida e visivelmente encontra-se fora dos padrões impostos, seja como saudável, desejável e/ou produtivo. Como disse anteriormente, e segundo definição foucaultiana, o conceito de verdade não pode ser dissociado da noção de poder (Foucault, 1977). Sendo assim, o discurso hegemônico sobre o corpo gordo nada mais é do que um dispositivo de controle. Por isso, bordar e fazer nascer e circular novos discursos e perspectivas sobre pessoas gordas é ocupar o campo de disputas, negar e subverter as “verdades” impostas, que investem na tentativa de disciplinar dissidências. Maria (33 anos) nos exemplifica bem o sentimento ambíguo que é integrar esse campo de disputa, quando disse fantasiar que toda e qualquer ação voltada a ela é uma ação violenta e gordofóbica.

*E eu precisei voltar para a realidade e falar ‘não, isso aqui é real’, e hoje eu tenho essa coisa de ‘não vou fantasiar, não vou imaginar, vou olhar o que é, o que tá acontecendo e o que a pessoa tá me dizendo’, e se eu me sentir desconfortável isso também é real, e eu posso dizer para a pessoa isso, mas eu fiquei, estou bem presa nessa dualidade da fantasia e da realidade (Maria, 33 anos).*

Acredito termos chegado à conclusão de que a baixa autoestima da mulher gorda é construída em meio à processos dolorosos, violentos e invasivos – processo esse que torna tão difícil desenvolver amor por quem se é, e pelo corpo no qual habita. É exatamente neste lugar que o capitalismo patriarcal deseja a mulher – sobretudo a mulher gorda – insatisfeita e insegura consigo, pois “o desamor é uma bênção para o consumismo. E as mentiras

fortalecem o mundo da publicidade” (hooks, 2021, p. 89). Zanello (2022) afirma que, com a ajuda das tecnologias de gênero, mulheres são constantemente demandas a performar os padrões heteronormativos de feminilidade, com o risco de a qualquer momento serem postas à margem e fadadas à abjeção (Butler, 2020). Existir fora dos padrões heteronormativos, como vimos nos episódios anteriores dessa dissertação, é doloroso e custoso – no caso de pessoas gordas, perde-se direitos básicos, previstos por lei (Jimenez-Jimenez, 2022).

Ao escrever “Tudo sobre o amor” – inclusive, obra muito citada nesta cena – bell hooks (2021) expõe um relato particular, sobre um período de sua vida, em que teve dificuldades de cultivar o amor por si mesma, também pautada nas cobranças em performar um modelo normativo do feminino.

Houve uma época, depois dos quarenta, em que eu me sentia péssima em relação ao meu corpo, me considerava **muito gorda**, muito isso, muito aquilo. No entanto, eu fantasiava encontrar um amante que me daria o presente de ser amada como sou. É bobo que eu sonhasse com outra pessoa me oferecendo a aceitação e a afirmação que eu mesma me negava, não é? (hooks, 2021, p. 107, grifo próprio).

Quando conclui a ideia, hooks (2021) afirma que “um dos melhores guias para amar a si mesmo é nos dar o amor que geralmente sonhamos em receber dos outros” (p. 107). E não me entenda mal, querida leitora, não estou romantizando uma vida sozinha, a solidão da mulher gorda ainda é um tema que precisa ser debatido e (re)visitado, mas também compreendo que estar sozinha e sentir-se confortável com a própria companhia é estratégia essencial quando nos propomos a dizer sobre a saúde mental da mulher gorda, como bem exemplificam as falas a seguir das participantes dessa pesquisa.

*E se eu precisar ficar sozinha, eu vou ficar sozinha. Se eu precisar... Às vezes o relacionamento acabou. A pessoa te odeia. E você tava insistindo no rolê. Então eu tenho tentado me fortalecer pra estar em lugares em que eu quero estar. Em que eu me sinta bem em estar. E eu não quero estar em um lugar que ninguém me queira. Seja ele qualquer lugar. Qualquer lugar. (Maria, 33anos).*

*E assim, o que eu gosto de fazer, eu gosto muito ficar sozinha. Ler e música são as minhas ferramentas de autocuidado mais acessíveis para mim. Quando eu tô no chão, o que eu consigo fazer? Tipo, acho que não tem um dia que eu não leia. [...] A ideia de daqui pra frente não ter uma relação pra mim tá muito tranquila, inclusive, tô preferindo assim, né, como a Maria falou, né, eu amo estar sozinha, amo estar no meu quarto, minha preocupação agora é... meu trabalho, sabe? Conquistar o que eu preciso, né? (Baleia, 30 anos)*

Estar sozinha, na experiência de mulheres gordas, muitas vezes significa dizer não à ambientes hostis, relacionamentos desiguais e relações violentas – e, sair desses ciclos requer muita coragem e autonomia, pois dizer não a todo um sistema, é, por vezes, se distanciar de pessoas/lugares/atividades que se ama, como nos partilha a participante Baleia (30 anos): “*é bom ver que eu não estou mais dentro dessas relações, que eu consegui, e por mais sozinha, mas melhor assim, não estou mais nos ciclos de estar sendo violentada, quase que diariamente, rejeitada*”. A partir dessas falas, pude perceber que proporcionar-se um ambiente próprio e acolhedor é uma das estratégias de autocuidado encontradas pelas participantes das rodas, e bell hooks (2021) teoriza sobre esse fenômeno quando escreve:

Criar felicidade doméstica é especialmente útil para pessoas que moram sozinhas e estão aprendendo a amar a si mesmas. Quando nos esforçamos intencionalmente para tornar a nossa casa um lugar onde estamos prontos para dar e receber amor, cada objeto que colocamos ali aumenta o nosso bem-estar (p. 105).

Parto da ideia de que essa lógica não se aplica apenas quando se mora sozinha(o/e), como a autora exemplifica, ficcionalizo eu que esta também se estende à pessoas que dividem apartamento ou moram com os pais, mas que constroem em seus quartos ambientes nos quais é permitido simples **ser**.

Nos grupos pude compreender também que retirar-se de relações violentas e construir ambientes próprios não são as únicas estratégias adotadas por mulheres gordas no enfretamento da gordofobia. A conscientização dos entes queridos também apareceu como forma de resistência. Quando ocorreu uma situação na qual se sentiu ofendida, Maria (33 anos) expôs para sua amiga que não tinha gostado de sua reação, e a corrigiu, como diz no relato:

*teve uma situação específica na praia que a gente viajou junto e tal, enfim, naquela época eu estava muito impactada com essas coisas e aí eu falei para ela 'escuta, você me olhou com uma cara de que não sei o que' e ela 'não, você me acusou de gordofobia?' e eu falei 'sim, querida, estamos aí reproduzindo padrão da sociedade, eu reproduzido machismo mesmo não querendo, e aí a gente precisa refletir sobre isso e consertar. E eu falo para minhas amigas 'perto de mim vocês vão falar e vocês vão ouvir, sou militante mesmo' (risos)'' (Maria, 33 anos)*

Ao dizer “*perto de mim vocês vão falar e vocês vão ouvir, sou militante mesmo*”, Maria (33 anos) ilustra a potência da militância e do ativismo no empoderamento de mulheres gordas, visto que estes fornecem subterfúgios para uma resistência social, a partir da saída de um domínio coercitivo-normativo, que leva à um “lugar de criação e reflexão do corpo como ele é e do que pode ser” (Jimenez-Jimenez, 2022, p. 246). Quando nos transferimos para esse lugar de criação e possibilidades, passa-se a questionar as ideias de beleza e de normatividade, pois não é mais o pensamento colonial e capitalístico que impera e nos disciplina (Jimenez-Jimenez, 2022). Percebi, nas rodas de conversa realizadas, um olhar mais crítico das participantes para com as regras heteronormativas, pois expressaram críticas aos modelos tradicionais de família e ao sistema capitalista– relaciono esse movimento ao fato de que o debate sobre a gordofobia, e às militâncias em geral, já estavam presentes em suas falas, como exemplifica-se na fala de Baleia (30 anos).

*E a causa gorda é uma causa importante pra mim, né? Valiosa, assim, como é cara que a gente fala, né? É caro pra mim. As militâncias como um todo, assim, no meu olhar, eu tento, para ser psicóloga e pela vida também, tento estar todo dia desconstruindo o meu olhar e cuidar muito com cuidado das pessoas que eu encontro que são corpos dissidentes de alguma forma (Baleia, 30 anos)*

O próprio fato de a participante optar por ser chamada de “Baleia” na pesquisa pode ser indiciado como um movimento político próprio. Sabemos bem que o termo é hegemonicamente usado de maneira pejorativa, com o objetivo de inferiorizar mulheres as quais o corpo é considerado um corpo gordo. Jimenez-Jimenez (2022) afirma sobre a importância, para algumas mulheres, de usarem o termo gorda – e, nesse caso, derivados dele – de forma positiva, e não mais de forma pejorativa, pois significa desobedecer às normas

impostas por uma sociedade que tem o objetivo de padronizar corpos e vivências, a partir da ideia de saudável, belo, desejado e desejante. Em minha perspectiva, utilizar o termo gorda também surge efeito nas pessoas que vivem em concordância com esse ideal disciplinador, a partir do espanto, pois é minimamente surpreende que mulheres que são gordas não vejam horror em chamar-se exatamente assim, “mulheres gordas” – pelo contrário, elas veem potência e beleza na utilização do termo.

Aqui faz-se importante pontuar a ideia de “micropolítica por afirmação”, formulada por Rolnik (2018), que diz respeito à uma política subjetiva de operação em meio às opressões, abusos e traumas sofridos em meio ao modo capitalista e colonizado de existência. Segundo a autora,

é “por afirmação” que se opera a insurgência na esfera micropolítica: trata-se de um “combate pela” vida em sua essência germinativa. [...] O objetivo desse modo de operação próprio do combate micropolítico é que se consiga neutralizar esses efeitos do trauma do abuso o máximo que se puder a cada momento e face a cada situação. Resistir ao abuso é a condição para desarticular o poder do inconsciente colonial-capitalístico em nossa própria subjetividade, o qual nos faz permanecer enredados nas relações de poder, seja na posição de subalterno (mesmo quando nos insurgimos macropoliticamente contra ela) ou de soberano (mesmo que sejamos os mais macropoliticamente corretos).

Na afirmação do que se é, e não do que desejam que sejamos, combatemos diariamente o pensamento colonial-capitalista enraizado em nós, mesmo que seja uma luta diária e possivelmente vitalícia. Portanto, como bem pontua bell hooks (2021, p. 29), “a busca pelo amor continua, mesmo diante das improbabilidades” – a aqui me refiro ao amor que destinamos a nós mesmas. No primeiro encontro realizado, uma das participantes, Juliana

(22 anos), afirmou “*ai, eu estou tão bem e feliz com os meus 120 quilos, eu não emagreceria, estou super bem do jeito que eu estou*”. Isso me fez pensar no fato de que se somos capazes de conceder um amor, sem condições, a nós mesmas, vivenciamos o afeto que tantos ansiamos receber dos outros (hooks, 2021). Jimenez-Jimenez (2022) ao dissertar sobre o poder do questionamento ao sistema hegemônico e suas normativas, afirma:

A quebra da normatização de corpos magros como os únicos aceitos e valorizados, a meu ver, pode transformar uma mulher triste e infeliz em um indivíduo politicamente resistente a uma padronização na qual ela mesmo percebeu que não se encaixa, utilizando essa característica para resistir ao padrão e se autoafirmar como alguém que existe e merece viver como qualquer outro corpo na sociedade (p. 255)

Acrescento aqui, ao pensamento de Jimenez-Jimenez (2022), um pequeno adendo, a partir da quebra da normatização, mulheres gordas são capazes de se autoafirmar como pessoas existentes, merecedoras de vida, de direitos e **de amor** – de amarem e serem amadas. Quando realmente se questiona os pilares sustentadores da gordofobia, caminha-se para a realização de que ser um corpo gordo deveria apenas significar que se é mais uma maneira (entre tantas existentes) de habitar no mundo. Na próxima cena, tenho por objetivo abordar como a arte e a cultura podem ser dispositivos que afirmem e assegurem essa diferente forma de ser.

#### **4.3.3 – Mesmo diante das improbabilidades, produzimos – Arte e cultura dissidente**

Vemos filmes nos quais as pessoas são representadas amando alguém com quem

nunca conversaram, indo para a cama sem nunca discutir sobre seu corpo, suas necessidades sexuais, do que gostam e do que não gostam. De fato, a mensagem recebida da mídia é de que o conhecimento torna o amor menos interessante; que é a ignorância que dá ao amor seu caráter erótico e transgressor. Essas mensagens geralmente são trazidas até nós por produtores em busca de lucro, que não fazem a menor ideia de como é a arte de amar, que apresentam suas visões mistificadas porque não sabem de fato como representar genuinamente uma interação amorosa (hooks, 2021, p. 131).

Ao optar por trilhar um caminho de pesquisa que me faria imersa nas comédias românticas, não imaginei que seria tão doloroso encarar que, a grande maioria das experiências que tinha vivenciado a partir das telas não diziam sobre um amor real, não inteiramente, pois como bem pontua bell hooks (2021, p. 43), “devemos encarar a confusão e a decepção em relação ao fato de que muito do que nos foi ensinado a respeito da natureza do amor não faz sentido quando aplicado à vida cotidiana”. Não sabia que questionar a ideia hegemônica de amor, que me foi prometida pelos filmes, faria com que eu traçasse o meu próprio mapa, minha própria direção em busca de uma concepção dissidente de amor. Emancipar-se de uma ideia heteronormativa e colonial de amor é deveras libertador, por mais dolorido que seja abandonar parte do que supostamente se conhece sobre ele. Emancipar-se e optar por abrir mão. Nunca fui muito boa em experienciar o adeus.

Cheguei à conclusão de que a resposta não era odiar e jogar fora tudo que foi me apresentado, mas sim questionar e ressignificar a partir de uma ideia própria do amor, e não de uma que me foi imposta – pois quando o amor vem em formato de imposição, ele apenas serve para que se mantenha o capitalismo normativo operando. Ou seja, quando imposto – nesse caso pelas comédias românticas –, o amor vale-se das relações de poder e dos sistemas

de opressão para fazer docilizar as formas múltiplas de existência, serve como difusor “de determinados valores sociais nas mentes de um público feminino” (Stefanini et al., 2020, p. 2). As comédias românticas, por venderem fórmulas de sucesso para o romance, operam como tecnologia de gênero (Lauretis, 1987), assim como já assistimos em episódios e cenas anteriores.

Um dos motivos, que me fizeram conseguir separar a ideia do amor hegemônico apresentado nos filmes do amor dissidente, foi compreender que que a narrativa cinematográfica está pautada, majoritariamente quando dizemos sobre produções *mainstream*, em uma perspectiva patriarcal – e que “essas imagens não mudarão até que o pensamento e a perspectiva patriarcais mudem” (hooks, 2021, p. 132). Nos direcionemos então ao combate do pensamento patriarcal.

Tendo em vista que esse episódio é destinado às produções de (re)existências, meu objetivo nele é dissertar sobre a beleza e a potência da vivência gorda. Mais especificamente nesta cena, me propus a dizer sobre modos outros de produções midiáticas – o foco está nas maneiras dissidentes de existência, na arte que expressa a possibilidade do amor gordo.

Desde que comecei essa dissertação, assim como esta também me começou, tive encontros significativos nesse percurso, pessoas que me modificaram por inteira. Dentre elas, tive o privilégio de conhecer influenciadoras, artistas, pesquisadoras, amigas, produtoras de conteúdo e cantoras gordas. A partir desses encontros, pude testemunhar sobre a beleza da mulher gorda que se permite habitar no mundo sabendo de tua potência, do seu talento, e do seu poderoso corpo político. Antes de citar produções feitas longe de mim, faço questão de exaltar as incríveis mulheres que me permitiram a maravilhosa oportunidade de me encontrar com cada uma delas. Malu, Mari, Maria Luiza, Carol, Suyanne, Eva, Ruth, Maria, Baleia, Juliana e Amelie, obrigada por esbarrarem comigo nessa jornada, a partir da minha admiração por vocês fui capaz de me admirar um pouco mais.

Pensando agora nas discussões trazidas pelas rodas de conversa, quando falamos no encontro sobre produções que respeitavam a mulher gorda, investindo em uma narrativa mais crítica da gordofobia – ou que nem mesmo abordavam a corporalidade gorda como algo negativo – a participante Baleia disse ter se sentido acolhida ao assistir a série “*My Mad Fat Diary*” (2014, direção de Anthony Philipson; Luke Snellin e Vanessa Caswill).

*Tem uma série que, quando eu assisti foi dolorido, mas eu me senti acolhida, que me senti compreendida, não sei, me senti representada, que eu gosto muito, sou apaixonada, que eu já assisti depois da desconstrução, não conhecia, foi em 2019/2020 que eu assisti... (Baleia, 30 anos)*

A série em questão conta a história de uma adolescente inglesa, chamada Rae. No enredo ela enfrenta problemas relacionados à saúde mental – que são também consequentes da violência gordofóbica sofrida por ela. No decorrer dos episódios, Rae conhece um grupo de amigos, e a narrativa se constrói nas vivências adolescentes da personagem – permeadas por conflitos, dificuldades, afetos, desejos e amores. Aqui, acredito ser importante pontuar o fato de Baleia (30 anos) se sentir representada e compreendida pela personagem – experiência essa tão singular e não corriqueira quando dizemos sobre papéis gordos na mídia (Arruda, 2021). Triste pensar que esse fenômeno, o de se identificar com os corpos representados em filmes e séries, acontece sem nenhum esforço para pessoas que encaixam-se na norma – tornando essa experiência um privilégio, negado à subjetividades gordas e dissidentes. Por esse motivo o relato de Baleia (30 anos) é tão potente.

Além da série já citada, nas rodas as participantes comentaram sobre a nova temporada da série *Bridgerton* (2020, direção de Tom Verica; Tricia Brock; Sheree Folkson), que conta com uma protagonista gorda – a atriz Nicola Coughlan. À sua maneira, a série de romance busca uma representatividade mais crítica e consciente do corpo gordo, fazendo com

que a personagem Penelope ganhe local de destaque, sendo retratada como protagonista – a partir de um lugar de corpo desejado, desejante e amado.

*Então no caso de Bridgerton não, tem toda uma outra história, ela é a protagonista do rolê lá na história, eu não assisti. Então eu acho que dá sim esse avanço, acho que há espaço pra isso. (Maria, 33 anos)*

Insisto na ideia de que o campo dos discursos é um campo político e de disputas (Foucault, 1977). Quando se investe em novas representações do corpo gordo – para além do pensamento patologizante, normatizador e gordofóbico – se faz tensionar as verdades construídas hegemonicamente sobre corporalidades gordas. Em outras palavras, a partir do momento que outras narrativas, outras visões circulam, combate-se o perigo de uma história única (Adichie, 2019), preconceituosa e generalizante das pessoas gordas. Representar uma mulher gorda em um papel de destaque, sendo amada e desejada, faz questionar toda a estrutura que insiste na desumanização, na abjeção e no horror à gordura.

Desde criança, fui apaixonada pelo amor e sonhava com o dia no qual iria presenciá-lo. Desde criança, precisava imaginar cenários, pessoas, histórias, pois ainda não era possível que eu me visse nesse lugar. Meus filmes preferidos mostravam outras mulheres, em formas que nunca as minhas. Eis aqui o motivo da minha emoção: me sinto presenteada por Penelope – presenteada com uma personagem determinada, inteligente, forte, poeta, e que sabe se impor, cuidar de si mesma. E, uma mulher que se permite amar e ser amada, mulher que compreende o seu lugar de merecedora do sucesso como escritora, que escolhe aceitar um lugar que te pertence. Por reconhecer beleza nela, me permito assumir beleza em mim (Depoimento próprio, escrito após a

estreia da série).

A emoção de se sentir representada de maneira humanizada, após toda uma trajetória de violência midiática, é um sentimento produtor de vida. E leitora, meu objetivo não é ser negligente, é óbvio que existem inúmeras questões que acompanham essa representação, entre elas: o fato de a atriz ser uma mulher branca e gorda menor – que garante a ela maior passabilidade em meio à ambientes cisheteronormativos, a série ser uma produção *mainstream* gravada na Inglaterra – o que já desconsidera saberes e talentos não europeus, e que as mídias de massa não vêm descoladas de interesses capitalistas, buscando maior público para consumo. Sobre a utilização de pautas relevantes, em busca de capturar públicos que antes não se viam representados, a participante Maria (33 anos) diz:

*e agora eles estão atualizando tudo com o 'politicamente correto', Ariel é negra, vem todo um role de querer atualizar aquilo que eles venderam muito, eles querem continuar ganhando dinheiro [...] porque o mercado tá vendendo em cima disso, né? Tipo, gordas estão comprando, né? Minorias estão acendendo, então é isso, entra qualquer saída de roupa, o GG, o XG, tudo tá acabado, todas as coisas que eu acho lindo, acabou, porque a gente compra, porque a gente quer. Então eu tenho um problema inclusive de compra, que às vezes eu acho que eu compro demais, porque eu vejo um negócio que vai servir, que eu vou gostar, que eu preciso ter, sabe? Então essa galera tá produzindo pra gente comprar também, pra gente fazer parte. Eu... Eu acho que isso é positivo, porque de certa forma tem um espaço. Mas assim, não dá pra gente se enganar e achar que eles aceitam pessoas gordas, porque eles não aceitam. Continuar sendo tratada como última opção. E é isso. Esse é o meu sentimento (Maria, 33 anos).*

Para complementar e responder a fala de Maria (33 anos), a participante Baleia também expõe sua opinião sobre o assunto:

*eu lembrei de algo que eu acho que vi no Instagram, né, tipo, enquanto as mulheres brancas estão... reclamando do direito de não usar maquiagem, as negras estão querendo que sejam feitas maquiagem do tom, naquela época que estava surgindo mais variedade de tons e tal, o direito de se maquiar, de conseguir, né? E aí assim, eu ainda não vejo tão mal esse filme agora, né? pelo menos ter uma pessoa gorda, mesmo que seja menor também, tá ali, sabe, participando. Eu acho que essa questão realmente desses caminhos, como a Mavi também falou, que estão sendo quebrados aí refeitos (Baleia, 30 anos).*

Os caminhos a serem percorridos ainda são muitos – longos e múltiplos. Porém, precisamos levar em conta a maneira como mulheres gordas se sentem, recebendo aquilo que por tanto tempo lhes foi negado: o direito de também consumir e identificar-se, se assim desejarem, o direito de pertencimento, de terem suas múltiplas histórias vistas e respeitadas. Pois como diz Jimenez-Jimenez (2022, p. 265-266), “Isso vem caminhando a passos pequenos, mas existem propostas de mercado que participam da luta contra a estigmatização dos nossos corpos, o que é revolucionário”.

Mesmo que não seja objetivo principal da dissertação, após cartografar, trilhar e me aventurar nessa imensidão que são as vivências das corporalidades gordas, sinto necessidade de compartilhar contigo, estimada leitora, algumas das inúmeras belezas que fui capaz de garimpar durante essa caminhada. Um dos presentes que a resistência gorda me proporcionou foi a ideia de *artivismo* – que pode ser definido como o ativismo através da arte. Conhecer a

possibilidade de uma arte gorda e dissidente me modificou por inteira. Como disse ao decorrer dessa pesquisa, sou apaixonada pela cultura pop – as músicas, os livros, os filmes e séries me fizeram quem sou hoje, e para além de toda a crítica articulada nessa cartografia, também acredito que essa minha paixão demonstra algo de muito bonito sobre mim, e sobre o meu desejo de experienciar a vida. Me deparar com a arte latina cultivou em mim a confiança de que também produzo arte, minhas amadas e talentosas amigas produzem arte – tão ou mais poderosas do que aqueles pelas quais eu sempre me investi.

Quando dizemos sobre a arte gorda, segundo Piveta e Magalhães (2023), falamos que as ações performáticas, as imagens, palavras e sonoridades são caminhos pelos quais encontramos nossas vozes, formas de nos posicionarmos e de existirmos nestes embates que nos violentam a cada dia. [...] Tomamos a experimentação artística enquanto uma aposta em nome da criação de um espaço de produção social, bem como enquanto dimensão ética, estética e política da existência, podendo se configurar como espaço de possibilidade de resistência e criação de outros mundos possíveis (p. 50).

Por isso, como uma das minhas últimas ações e contribuições durante a pesquisa, com lágrimas emocionadas nos olhos, deixo uma singela homenagem à todas as leitoras que me acompanharam até aqui. Com o desejo em meu coração que continuemos resistindo, voando e produzindo vida pelos lugares nos quais passamos, deixo um compilado de produções que me auxiliaram a continuar acreditando em mim, durante toda essa prazerosa jornada. Espero que mesmo quando duvidemos da beleza que é ser uma mulher gorda no mundo, possamos construir estratégias que nos façam reacreditar. Desejo movimento para todas nós, e torço para que essas produções lhe fortaleçam e lhe façam companhia.



**Figura 15** – QrCode com link para acessar documento produzido pela autora.  
Fonte: Feito pela autora. 07 de fevereiro de 2025.

## Ficcionalizando Provisórios Finais

*Meu corpo é escrita, pesquisa, vida, rua, pulsa*  
(Malu Jimenez-Jimenez, 2022)

Enfim chegamos ao desfecho desse enredo, querida leitora e/ou espectadora. Ao me permitir cartografar pelo extenso campo das representações midiáticas do corpo gordo, tinha uma breve noção que essa jornada me transformaria – espero que tenha lhe modificado também, à sua forma e intensidade.

Considerando que meu objetivo inicial foi analisar a gordofobia presente nas representações midiáticas com protagonismo gordo, e as afetações psicossociais nas relações amorosas de mulheres gordas, pude chegar à algumas conclusões que partilharei neste momento. Funcionando como tecnologia de gênero, as produções midiáticas hegemônicas são capazes de (re)produzir o discurso de que o amor não contempla dissidências, neste caso, mulheres gordas. Comédias românticas são utilizadas como dispositivo de controle, por instigarem o desejo de experienciar o amor retratado nas telas, mas apenas o representarem a partir de mulheres que se mantêm nas regras da heteronormatividade. E, no anseio de vivenciarem o amor romântico descrito pelo discurso hegemônico, mulheres gordas estão mais suscetíveis a suportarem relacionamentos desiguais e/ou abusivos. Importante também concluir que, até que mulheres se conscientizem e questionem a gordofobia, é improvável o estabelecimento de relações saudáveis e amorosas, pois o amor não habita onde tem-se o desejo pelo poder (hooks, 2021). Em outras palavras, a gordofobia é um dispositivo que, se não questionado, é capaz de distanciar mulheres gordas do amor.

Porém, me emociono ao dizer que essa dissertação pôde desbravar outros caminhos para além dos quais eu havia imaginado. Não sei se você já fez uma trilha, leitora, eu particularmente consigo contar nos dedos as vezes que tive essa experiência..., mas quando estamos em uma trilha, sempre existe o caminho exato a ser percorrido, aquele traçado pelo

mapa, ou pelo guia acompanhante. Mas mesmo que se desenhe exatamente por onde passar, sempre existem outros caminhos alternativos – caminhos esses que, por vezes, nos chamam a atenção. Se eu tivesse percorrido o caminho anteriormente trilhado, provavelmente essa conclusão seria um pouco diferente. Falaria unicamente das dores, dos perigos, das violências e das armadilhas da gordofobia midiática. Minha trilha teria acabado com um gosto amargo no céu da boca, um sentimento de desesperança, e um cultivo de ódio à estrutura patriarcal/colonialista na qual vivemos; pois essas sensações me acompanharam por muito tempo durante a jornada, as vezes ainda acompanham – tal qual quando precisamos encarar uma subida em meio a pedras, sabe? Mas me encho de alegria quando me dou conta de que me permiti ser sensível aos caminhos alternativos, que imploraram para serem explorados. Por caminhar em meio à linhas não previstas e, até então, desconhecidas, pude terminar a trilha em um lindo lago iluminado pelo sol, de águas frescas e calmas. Ao ter-me permitido desviar a rota, encontrei beleza.

Gosto da ideia de relatar sobre o inesperado, sobre o como somos surpreendidos pela pesquisa. No meu caso, e no caso dessa dissertação, as estratégias de (re)existir, as produções de arte, e as belezas das corporalidades gordas foram fenômenos que eu não imaginava encontrar – tenho para mim que eu estava tão machucada pelas dores da gordofobia que não fui capaz de ficcionalizar uma realidade outra, que resiste e questiona, e que a partir disso produz vida e potência.

A partir do desvio, fui capaz de mudar a direção da minha análise, pois compreendi que o amor é muito mais amplo do que apenas o seu formato romântico. Para além dessa forma de relação, existem múltiplas maneiras pelas quais podemos amar, e sermos amados. O senso de comunidade e de coletivo foi um dos pontos primordiais para que se compreendesse os modos pelos quais mulheres gordas produzem resistência – um exemplo é o ativismo gordo, que une e fortalece mulheres na luta contra a gordofobia.

Pude entender também que, a solidão da mulher gorda não necessariamente diz sobre uma experiência de sofrimento – para as participantes dessa pesquisa, estarem sozinhas pode ser sinônimo de autocuidado. Quando optam pela solidão, além de deliberadamente se retirarem de relações violentas, são capazes de exercer o amor e um carinho próprio.

Em contraste, assim como em toda pesquisa, enfrentei certas dificuldades no percurso. Por estar me propondo a falar sobre gordofobia, e sobre mulheres gordas sem patologizá-las, tive meu trabalho questionado e desqualificado – por professores, colegas, pelo comitê de ética, entre outros exemplos. Foi difícil continuar acreditando na potência dele quando muitos ao meu redor diziam ao contrário – mas felizmente tive mais pessoas ao meu entorno, que nunca duvidaram de mim ou da minha proposta, e que compreendiam sobre a importância de fazer ouvir o que eu estava me propondo a dizer. Acredito que o estigma gordofóbico também influenciou no número de participantes interessadas que tive, para compor as rodas de conversa. Em conjunto desses fatores, pude observar uma grande onda de conservadorismo na atual esfera política, o que contribui também para os discursos ideológicos de ódio contra toda e qualquer subjetividade desviante – um exemplo breve é a massificante onda de romantização e exaltação da magreza nos últimos anos – o que faz dessa pesquisa ainda mais relevante e atual.

Considero essencial dizer sobre as lacunas deixadas neste processo de cartografar, visto que o conhecimento é rizomático, e que um mesmo fenômeno se interliga com tantos e infinitos outros, me proponho a delimitar aqui apenas alguns deles. Encorajo aqui pesquisar que digam sobre as vivências de relacionamentos amorosos vividos por mulheres gordas, com foco em sua diversidade de gênero e sexualidade – visto que aqui dissertei sobre participantes cis, e que focaram em relatos heterossexuais. Aqui foi possível apenas uma aproximação breve, mas considero necessário produções que digam sobre a arte gorda – literatura, fotografia, pintura e filmes que se propõem a representar a corporalidade gorda de

maneira disruptiva, política e resistente. E, por fim, é relevante que também se disserte sobre a potência do coletivo, principalmente sobre as relações estabelecidas entre mulheres gordas, como forma de construção de uma comunidade amorosa.

Aproveito aqui para deixar uma última carta, em homenagem à todas as minhas leitoras gordas que me presentearam um momento de seu tempo, para sentar-se ao meu lado e me acompanhar nessa transformadora jornada – essa experiência não seria a mesma sem vocês.

### Uma carta de amor

*Não sei se você já recebeu uma carta de amor, leitora.*

*Eu costumava acreditar que nunca tinha me acontecido.*

*Nenhuma paixão me escreveu promessas de amor em um papiro gasto,  
recitou poemas próprios na intenção de conquistar minha afeição.*

*E, por isso, achei nunca ter recebido uma carta de amor.*

*Mesmo que em todos os meus aniversários amigos me escrevessem o quanto tinham  
carinho e afeto por mim.*

*Mesmo em meio à tantos depoimentos no falecido Orkut.*

*Mesmo que meu irmão sempre lembrasse de trazer carolinas (o doce) para mim  
quando ia ao mercado.*

*Mesmo que minhas amigas moradoras de outras cidades combinassem de viajar  
anualmente só para poder se encontrar comigo.*

*Mesmo que minha mãe costumasse fazer todas as minhas comidas preferidas,  
sempre que eu pedisse, e que me sempre me desse carinhos não esperados.*

*Mesmo que uma das minhas melhores amigas sempre fizesse questão de me colocar  
em todos os grupos que ela pertencia, para estar perto de mim.*

*Mesmo em meio a tudo isso, acreditava nunca ter recebido uma carta de amor.*

*Espero que você tenha recebido todos os tipos de cartas de amor possíveis,*

*querida leitora, e que tenha se dado conta disso.*

*Mas, se por acaso, você achar que não tenha as recebido em número suficiente,*

*aqui vai a minha carta a você.*

*Essa dissertação escrevi pensando em você.*

*Tenho orgulho da sua força, me fascina a tua beleza, me inspira a tua poesia.*

*Mesmo que você não a escreva em palavras, em folha, com caneta.*

*Me inspira a poesia que tu escreve com a vida, com o corpo.*

*Espero que sempre você se lembre que é amada, nunca “apesar de”,*

*amada por inteiro, e porque você é quem é.*

*Esta é minha carta de amor a você.*

## REFERÊNCIAS

### E sobem os créditos!

- Adichie, C. (2019). *O perigo de uma história única*. [S. l.: s. n.].
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Almodóvar, P. (2011). *A pele em que habito*. El Deseo.
- Anzaldúa, G. (2016). *Borderlands La Frontera: La nueva mestiza*. Capitán Swing. (C. Valle Simón, Trad.)
- Arruda, A. D. S. (2019). *O peso e a mídia: uma autoetnografia da gordofobia sob o olhar da complexidade*. 2019. 116 f (Doctoral dissertation, Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Paulista, São Paulo).
- Balbino, J. (2022, janeiro 27). *Precisamos falar da solidão da mulher que não é padrão*. Estado de Minas. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/columnistas/jessica-balbino/2022/01/27/noticia-jessica-balbino,1340642/precisamos-falar-da-solidao-da-mulher-que-nao-e-padrao.shtml>. Acesso: 11 de novembro de 2024.
- Baptista, T. J. R. (2007). *Educação do corpo: produção e reprodução*. 152 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24-34.
- Braga, C. (2021). Tra(d)ição como ética decolonial do cabaré sudaca: Cantada em prosa, verso e rebolado!. *Urdimento; Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 41, p. 1-31.
- Bento, B; Bessa, K; Pelúcio, L; Pereira, P. P. G; Duque, T. (2023). *De que lado estamos*. Outras Palavras: jornalismo de profundidade e pós-capitalismo. Disponível em: <https://outraspalavras.net/movimentoserebeldias/em-defesa-de-richard-miskolci/>. Acesso: 21 de abril de 2024.
- Butler, J. (2020). *Corpos Que Importam: os limites discursivos do "sexo"*. n-1 edições.
- Camargo, H. W; Mansano, S. R. V. (2018) O corpo como capital: subjetividade capitalística e selfies. In: Nalli, M., & Mansano, S. R. V. (2018). *Diagnósticos do presente*. Maringá. Eduem. (111-126).
- Caplan, S. (1990). Using focus group methodology for ergonomic design. *Ergonomics*, v. 33, n. 5, p. 527-33.
- Caponi, S. (2014). Viver e deixar morrer: biopolítica, risco e gestão das desigualdades. *Revista Redbioética/Unesco*, Montevidéo, ano 5, v. 2, n. 10, p. 27-37.

- Carvalhoes, F. F. de. (2008). *Subjetividade e aids: a experiência da doença e da militância na trajetória de vida de mulheres HIV+ vista sob a perspectiva dos estudos de gênero*. 133f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis.
- Castillo, C. (2014). *La cerda punk: ensayos desde un feminismo gordo, lésbico, anticapitalista y antiespecista*. Valparaíso: Trio Editorial.
- Collins, P. H; Bilge, S. (2020). *Interseccionalidade*. São Paulo: Boitempo.
- Contrera, M. S. (2010). *Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo*. São Paulo. Annablume.
- Cooper, C. (2008). *What's fat activism*. University of Limerick. Department of Sociology Working Paper Series.
- Deleuze, G. (2010). *Derrames, entre el Capitalismo y la Esquizofrenia*. Buenos Aires: Cactus.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Introdução: rizoma*. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, 1, 11-37.
- Docter, P. (2020). *Soul*. Walt Disney Pictures.
- Dussel, E. (2000). “*Europa, modernidad y eurocentrismo*”, em LANDER, Edgardo (coord.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso.
- Fachim, F. L. et al. (2022). *Narrativas sobre o (meu) corpo gordo: estudo autoetnográfico rumo a uma psicologia gorda*. 100 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – PUC-SP. São Paulo – SP.
- Farrelly, B; Farrelly, P. (2001). *O amor é cego*. Conundrum Entertainment.
- Federici, S. (2023). *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante.
- Figueirêdo, A. A. F.; Queiroz, T. N. (2012). A utilização das rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, *Anais Eletrônicos*. Florianópolis. p. 1-10.
- Fletcher, A. (2009). *A Proposta*. Touchstone Pictures.
- Foucault, M. (1975). Poder-corpo: In: Machado, R. (org.). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2023.
- Foucault, M. (1976). Soberania e Disciplina: In: Machado, R. (org.). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2023.

- Foucault, M. (1977). Verdade e Poder: In: Machado, R. (org.). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2023.
- Foucault, M. (1979). O nascimento da medicina social: In: Machado, R. (org.). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal. 2023.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1997). *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Tradução Andréa Daher; consultoria Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Frankel, D. (2006). *O Diabo Veste Prada*. Fox Pictures.
- Gerwig, G. (2019). *Little Woman*. Columbia Pictures.
- Gil, A. C. (1989). *Métodos técnicas de pesquisa social*. São Paulo, São Paulo: Atlas.
- Gitlin, T. (2003). *Mídias sem limite como a torrente de imagens e sons domina nossa vida*. Editora Record.
- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, volume 35, p. 20-29.
- Goffman, E. (1988). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. *Tradução: Mathias Lambert, 4*.
- Guattari, F; Rolnik, S. (1996). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Halberstam, J. (2020). *A arte queer do fracasso*. Tradução: Bhuvi Libanio. Recife: Cepe. 258pp
- Haraway, D. (1995). *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu (online). São Paulo.
- Haraway, D. (2000). *Manifesto ciborgue. Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 33-118.
- Hogan, P.J. (2009). *OS Delírios de consumo de Becky Bloom*. Touchstone Pictures.
- hooks, b. (1989). *Talking back: Thinking feminist, thinking black*. South End Press.
- hooks, b. (2021) *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. (Stephanie Borges, Trad.) São Paulo: Elefante Editoras.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo 2022*. [s.l]. 2021. Disponível em <https://censo2022.ibge.gov.br/sobre/conhecendo-o-brasil.html>. Acesso: 29 de março de 2024.
- Illouz, E. (2009). *El consumo de la utopía romántica: El amor y las contradicciones culturales del capitalismo*. Katz editores. Madrid.

- Illouz, E. (2012). *Por qué duele el amor? Una explicación sociológica*. Traducion de María Victoria Rodil. Buenos Aires. Katz.
- Imarisha, W. (2016). Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. *Trad.: Jota Mombaça. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo*.
- Jimenez-Jimenez, M. L. (2020). *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.
- Jimenez-Jimenez, M. L. (2022). *Lute como uma gorda*. São Paulo: Editora Jandaíra.
- Jimenez-Jimenez, M. L. J; Cruz, K. T; Merhy, E; Moreira, R. (2023). Gordofobia, fascismo e saúde em tempos pandêmicos. *Revista Metaxy*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 27-45. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>
- Jimenez-Jimenez, M. L et al. (2022). Possibilidades em Pesquisa Gorda: Estratégias de (Re) existências na Produção de Saberes Fora do Eixo. *Revista Fermentario*, v. 16, n. 1, p. 23-41.
- Jimenez-Jimenez, M. L; Da Silva, M. (2021). Feminismo gordo: sexo, desejo e prazeres revolucionários. *Revista Ártemis: Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidades*, João Pessoa, v. 31, n. 1.
- Johnson, S. (2018). *Para todos os garotos que eu já amei*. Awesomeness Films.
- Kantar Ibope (2023). *Inside Video 2023*. Disponível em <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-video-2023/>. Acesso: 29 de março de 2024.
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.
- Kilomba, G. [Roda Viva]. (2024, maio, 13). *Roda Viva | Grada Kilomba | 13/05/2024* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=up-F2Pzf0LY&t=1233s>
- Lash, C. (1983). *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imagro.
- Lauretis, T. (1987). *A Tecnologia do Gênero*. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033218/mod\\_resource/content/1/LAURETIS%20Teresa%20de%20-%20-%20A%20Tecnologia%20do%20Genero.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033218/mod_resource/content/1/LAURETIS%20Teresa%20de%20-%20-%20A%20Tecnologia%20do%20Genero.pdf). Acesso em: 13 jul. 2023.
- Le Goff, J; Truong, N. (2006). *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Lima, A. C. F., Cabral, B. R., Barbosa, A. V. de A., Macedo, A. G. de, Sousa, S. R. I. U. de, Queiroz, G. S., & Nascimento, M. V. N. do. (2024). *Psicologia Social Comunitária e*

Saúde mental em Contextos Rurais: Ciranda de Mulheres Quilombolas na Comunidade Grilo (PB). *Caderno Impacto Em Extensão*, 5(2). Recuperado de <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cite/article/view/2532>

- Maldonado, S. A. (2022). Traços comunitários que vencem a distância: experiência de união entre mulheres gordas. *Pós-Limiar | Título não-Corrente*, 5, 1–9. <https://doi.org/10.24220/2595-9557v5e2022a5747>
- Mello, A. G. D. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & saúde coletiva*, 21, 3265-3276.
- Méllo, R. P. et al. (2007). Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. *Psicologia e Sociedade*, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.
- Mihai, A. C. (2024). Cómo evaluar en peso saludable. Qué añadir al IMC. *Debes Saber*. n 85. Fev/2024.
- Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40 (40).
- Miskolci, R. (2017). *Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online*. Autêntica.
- Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Murata, M. M; Mansano, S. R. V. (2018) Beleza, consumo e modos de vida. In: Nalli, M., & Mansano, S. R. V. (2018). *Diagnósticos do presente*. Maringá. Eduem. (189-205).
- Nascimento, L. (2021). *Transfeminismo*. Editora Jandaíra.
- nascimento, t. (2017). *Lundu*. Brasília: Padê editorial, 2ª ed.
- Novaes, J. V. (2011). Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In *História do corpo no Brasil* (pp. 567-p).
- Oliveira, A. B. D. (2018). Uso de fontes filmicas em pesquisas sócio-históricas da área da saúde. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 26.
- Pelúcio, L. (2019). *Amor em Tempos de Aplicativo: Masculinidades Heterossexuais e a nova economia do desejo*. 1. ed. São Paulo: Annablume.
- Piñeyro, M. (2016). *Stop Gordofobia y las panzas subversas*. Zambra.
- Piveta, R. T. A., & de Magalhães, M. F. V. (2023). Corpos gordas e suas exuberantes formas: Artes políticas performáticas em tempos de fascismos. *Abatirá-Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, 4(7), 40-61.
- Prado, G. A. S., & Mansano, R. G. V. (2021). “Nada será como antes” ... Provocações clínico-políticas para um por vir. *Rev Espaço Acadêmic*, 20(esp1), 15-27.

- Preciado, B. (2011). Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Revista Estudos Feministas*, 19(1), 11–20. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000100002>
- Preciado, P. B. (2022). *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras.
- Primo, A. (2020). Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. *Comunicação & Inovação*, 21(47).
- Rangel, N. F. A. (2017). *Redes da internet como meio educativo sobre gordofobia*. 90 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- Rangel, N. F. A. (2018). *O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- Rodrigues, R. L., & De Farias, F. R. (2018). O cinema queer na subjetivação dos corpos: repensando gênero e sexualidade na educação escolar. *Conhecimento & Diversidade*, 10(22), 114-126.
- Roger, M. (1999). *Um lugar chamado Notting Hill*. Universal Pictures.
- Rolnik, S. (2006). *Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Meridional.
- Rolnik, S. (2018). *Esferas da insurreição: notas para uma visão não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições.
- Ross, G. (2012). *Jogos Vorazes*. Liongate.
- Samuels, I. (2018). *Sierra Burgess é uma loser*. Luckinbill.
- Sandel, A. (2015). *The Duff*. Diamond Films.
- Sant'Anna, D. B. (1995). *Corpo e história. Cadernos de subjetividade*. Núcleo de estudo e pesquisa da subjetividade – Programa de estudo de pós-graduação em psicologia clínica – PUC/SP, p. 243-266.
- Sant'Anna, D. B. (2016). *Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Sodré, M. (2005). Por um conceito de minoria. *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus.
- Spink, P. K. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade* [online], v. 20, n. spe [Acessado 15 Agosto 2024], pp. 70-77. Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>>. Epub 19 Ago 2008. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>.

Spivak, G. (2010). *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: EDUFMG, [1988].

Stefanini, I. R; Guimarães, P. M; Griguol, N. A. (2020). Fabricando romance: o arquétipo feminino em comédias românticas. *Tropos: comunicação, sociedade e cultura* (ISSN: 2358-212X), 9(2). Recuperado de <https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/3976>

Strings, S. (2019). *Fearing the black body: The racial origins of fat phobia*. New York: New York University Press.

Vieira-Silva, M. (2000). *Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000. (Tese de doutorado).

Vigarello, G. (2012). *As metamorfoses do gordo: História da obesidade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Vinuto, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, p. 203-220, 2014.

Waters, M. (2004). *Meninas Malvadas*. Paramount.

World Health Organization. *Obesity: preventing and managing the global epidemic*. Geneva: World Health Organization; 2000. (WHO Technical Report Series, 894).

Zanello, V. (2022). *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. Editora Appris.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

### Formulário de Interesse

## FORMULÁRIO DE INTERESSE

Olá! Muito prazer, me chamo Bruna, sou psicóloga (CRP: 08/33644) pela PUCPR de Londrina, atualmente mestranda pela UEL e, quando possível, escritora poeta. Minha pesquisa de mestrado tem foco nos estudos sobre o corpo gordo, corponormatividade e gordofobia, de título: “O ‘Felizes para sempre’ é para todas? - Uma cartografia dos impactos de filmes nos relacionamentos amorosos vividos por mulheres gordas.”

Para desenvolvê-la, realizarei encontros para mulheres, no formato de rodas de conversa, onde os filmes previamente escolhidos serão discutidos. A ideia é ouvir as experiências, afetações e impressões de cada mulher participante, em um ambiente seguro e acolhedor. Serão realizados, dois encontros, de forma online (via reunião do Google Meet).

Se você se interessou por participar da pesquisa, peço que preencha esse formulário com algumas informações iniciais. A partir dele, eu entrarei em contato contigo para que possamos dar início a próxima etapa.

E, caso você conheça uma mulher gorda que desejaria compor essa roda, ficaria muito grata se você compartilhasse esse formulário com ela. Desde já eu agradeço imensamente o seu interesse, muito obrigada!

\* Indica uma pergunta obrigatória

---

1. Nome Completo \*

---

2. Como prefere ser chamada(o/e)

---

3. Qual seu pronome? \*Marcar apenas uma oval.

- Ela/dela
- Ele/dele
- Elu/delu
- Outro: \_\_\_\_\_

4. Você se autodenomina como uma mulher gorda? \*Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Outro: \_\_\_\_\_

5. Qual sua idade? \*

\_\_\_\_\_

6. Como você se reconhece, etnicamente? (Cor, Raça/Etnia) \*Marcar apenas uma oval.

- Branca
- Preta
- Parda
- Indígena
- Amarela
- Prefiro não informar

7. Qual sua orientação sexual? \*Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
- Bissexual
- Homossexual
- Pansexual

Prefiro não informar

---

8. Indique seu nível de escolaridade \*Marcar apenas uma oval.

- Fundamental Incompleto
- Fundamental Completo
- Médio Incompleto
- Médio Completo
- Superior Incompleto
- Superior Completo
- Nenhum

Outro:

9. Qual a Cidade/Estado na qual você mora? \*

---

10. E-mail \*

---



15. Você teria a possibilidade e desejo de participar das rodas de conversa de maneira online (remota)? Marcar apenas uma oval. \*

Sim

Não

Outro: \_\_\_\_\_

---

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google [Formulários](#)

## APÊNDICE B

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

#### **Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)**

Você foi convidada a participar da pesquisa **“O ‘Felizes para sempre’ é para todas? - Uma cartografia dos impactos de filmes nos relacionamentos amorosos vividos por mulheres gordas”**, realizada pela psicóloga e mestrandia Bruna Lavandosk Mendroni, com a orientação da Profa. Dra. Flávia Fernandes de Carvalhaes. Essa pesquisa tem como objetivo a análise dos efeitos psicossociais de filmes românticos protagonizados por mulheres gordas nas trajetórias de mulheres gordas. A pesquisa se justifica pelo fato dos estudos do corpo gordo, sem o viés patologizante, serem muito recentes, fazendo com que a compreensão de vivências e histórias gordas sejam alvo de investigação.

Na etapa de participação, a pesquisa foi subdividida em dois momentos. Como o primeiro deles já foi concluído (o formulário online), agora o convite é para compor as Rodas de Conversa, que visa trará discussões sobre as vivências amorosas de mulheres gordas, com os filmes disparando a discussão proposta. Os grupos acontecerão conforme disponibilidade das participantes, e terá por volta de uma a duas horas de realização.

Os benefícios esperados nesta pesquisa envolvem o aprofundamento das investigações sobre efeitos psicossociais em relacionamentos amorosos de mulheres gordas, assim como o entendimento da dinâmica da gordofobia no cotidiano. Ou seja, seu benefício direto estará no contato com outras mulheres, que possivelmente compartilham experiências semelhantes às suas – isso no formato de grupo, que será conduzido por uma psicóloga estudante da área. Quanto aos riscos, estes são mínimos, mas poderão ocorrer, como desconfortos, constrangimentos, dentre outros. Porém, neste caso, você será acolhida pela pesquisadora responsável, que é psicóloga, e poderá interromper imediatamente a sua participação caso deseje. Além disso, os resultados dessa pesquisa serão compartilhados com você, se assim desejar, através de um encontro adicional, mediante a disponibilidade de todas. Será um prazer também te receber na minha banca de defesa, onde apresento a pesquisa para a conclusão do mestrado.

Quero deixar claro que a sua participação é voluntária, você pode se recusar a participar ou mesmo desistir a qualquer momento e isso não te afetará negativamente de

forma alguma. As informações extraídas só serão usadas para os fins da pesquisa e sua identidade será preservada, ou seja, você não será identificada caso assim preferir. Informo também que qualquer anotação da pesquisadora, feita durante os grupos, será mantida em absoluto sigilo e segurança. Você não terá gastos, mas também não receberá nenhuma remuneração pela sua participação, todas as despesas geradas pelo projeto serão devolvidas caso ocorram.

Esse documento possui duas vias, sendo uma sua e a outra do pesquisador responsável. Todas as páginas deverão ser rubricadas, por mim pesquisadora e por você, participante. Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, poderá nos contatar: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Flávia Fernandes de Carvalhaes, Rua Luiz Lerco, 1215, casa 77 - Londrina/PR, CEP: 86047-610, (43) 991261142, email: fcarvalhaes@uel.br e/ou Bruna Lavandosk Mendroni, Rua Professor João Cândido, 1380, apto 803 - Londrina/PR, CEP: 86010001, (43) 99832-9348, email: bruna.mendroni@uel.br ou procurar o **Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – CEP da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola de Pós-Graduação, sala 14, Campus Universitário, Campus Universitário, Rodovia Celso Garcia Cid, Km 380 (PR 445), Londrina- Paraná, CEP: 86057-970, telefone 3371- 5455, e-mail: [cep268@uel.br](mailto:cep268@uel.br), .**

Londrina, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

---

**Pesquisador Responsável:** Mestranda Bruna Lavandosk Mendroni

**RG: 10.495.635-1**

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): \_\_\_\_\_